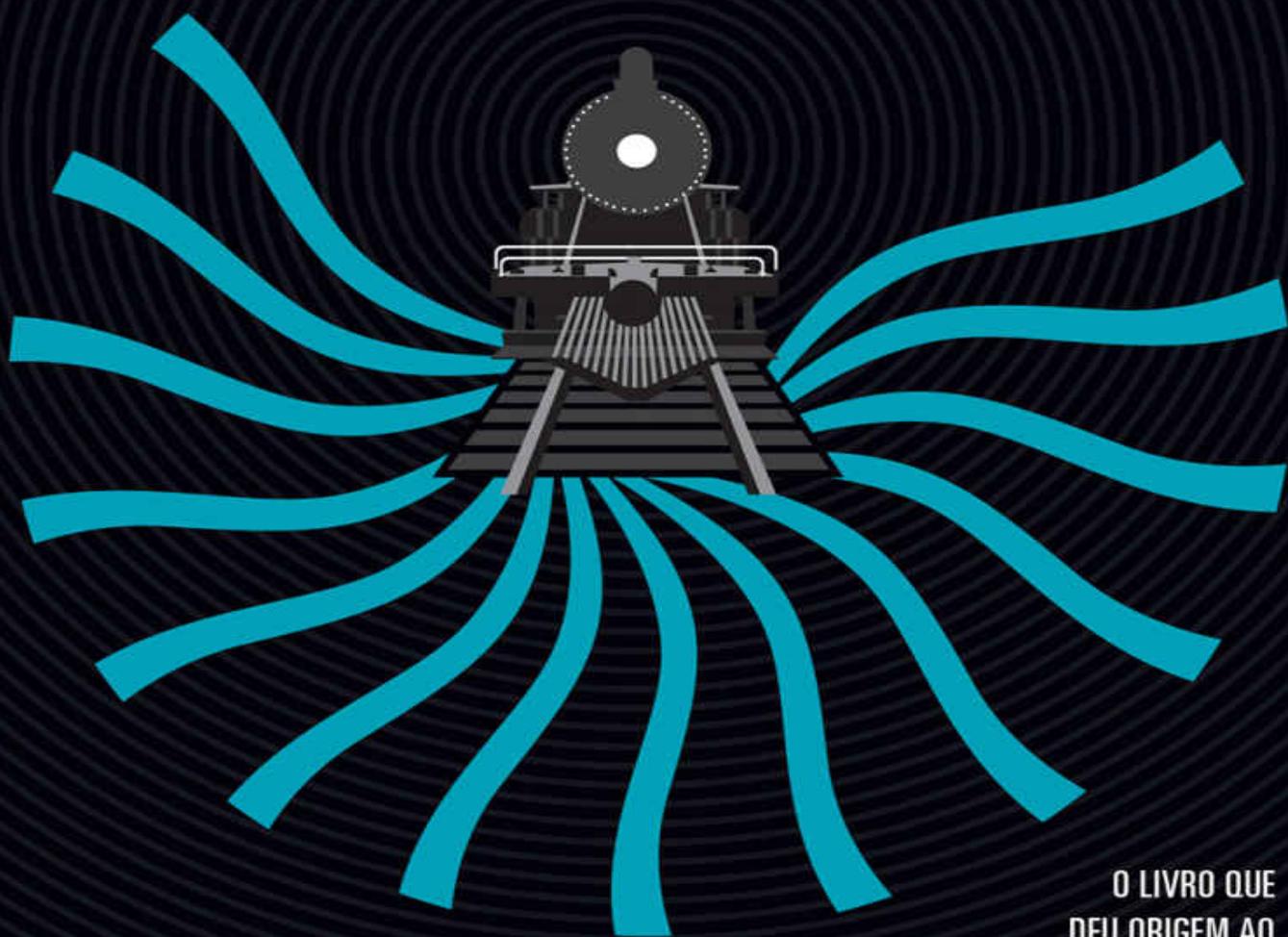


ETHEL LINA WHITE

# A DAMA OCULTA



O LIVRO QUE  
DEU ORIGEM AO  
CLÁSSICO DO  
MESTRE DO SUSPENSE

COLEÇÃO



HITCHCOCK

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Ethel Lina White

# A DAMA OCULTA

TRADUÇÃO Rogério Bettoni

VESTÍGIO



# **Estrada dos livros**

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

# CAPÍTULO 1

---

## Sem arrependimentos

Um dia antes do desastre, Iris Carr teve sua primeira premonição do perigo. Ela estava acostumada a se sentir protegida por um grupo de pessoas a quem, com inconsciente lisonja, chamava de "amigos". Uma mulher atraente, órfã e cheia de posses, estava sempre cercada por um monte de gente. Essas pessoas pensavam por ela – ou melhor, suas opiniões eram aceitas por ela –, e como sua voz tinha um registro muito baixo para interações sociais coletivas e agitadas, elas também falavam por ela.

A presença constante dessas pessoas tendia a criar a ilusão de que Iris convivia em um grande círculo, apesar de os mesmos rostos reaparecerem com uma regularidade sazonal. Elas também lhe proporcionavam uma agradável sensação de popularidade. Depois que a imprensa anunciara seu noivado com um membro desse grupo, sua fotografia apareceu nos jornais graças à oferta de publicidade de um fotógrafo.

Isso é o que podemos chamar de "fama".

Pouco tempo depois, no entanto, o noivado foi rompido por consentimento mútuo – uma ocasião legítima para a divulgação de outra fotografia. Mais fama. Sua mãe, que morrera ao lhe dar à luz, talvez teria rido ou chorado diante desses lamentáveis lampejos da vaidade humana, que como bolhas de metano vão surgindo da escuridão submersa.

Quando experimentou a insegurança pela primeira vez, Iris estava se sentindo especialmente bem e feliz depois de alguns dias de descanso saudáveis e pouco convencionais. Com o triunfo próprio dos quase desbravadores, o grupo foi parar num belíssimo vilarejo de pitoresca pobreza, escondido num canto remoto da

Europa, e tomou posse dele pelo simples fato de rabiscar seus nomes no livro de visitantes.

Durante quase um mês eles invadiram o solitário hotel, para o satisfeito desencanto do proprietário e de sua equipe. Escalaram montanhas, nadaram no lago e se banharam ao sol em todos os declives disponíveis. Quando estavam dentro do hotel, lotavam o bar, gritavam por sobre o som do rádio e davam gorjeta para os serviços mais insignificantes. O proprietário sorria para eles detrás da caixa-registradora abarrotada de dinheiro, e os garçons sorridentes davam a eles um tratamento preferencial, para a tristeza genuína dos outros hóspedes ingleses.

Para essas seis pessoas, Iris parecia ser apenas mais uma no meio da turma, uma típica garota da média sociedade – fútil, egoísta e sem valor. Naturalmente, eles ignoravam alguns fatores compensatórios – aquela generosidade que a fazia aceitar a conta, rotineiramente, quando almoçava com seus “amigos”, e uma verdadeira compaixão pelas situações de miséria que se amontoavam sob seus olhos.

Mas apesar de registrar apenas vagamente alguns momentos fugazes de dissabor e desdém por si própria, ela tinha consciência do traço exigente de seu caráter, que a mantinha distante de qualquer tendência à intemperança. Naquelas férias, ela ouviu a flauta de Pã, mas não experimentou o coice de suas patas traseiras.

Em pouco tempo, as flexíveis regras sociais da turma foram se afrouxando. Eles se bronzearam, beberam e se divertiram, enquanto os laços matrimoniais se tornavam agradavelmente indistintos. Cercada por uma miscelânea de pessoas inseguras no casamento, foi um grande choque para Iris quando uma das mulheres, Olga, de repente demonstrou um senso tardio de propriedade e a acusou de querer roubar seu marido.

Apesar da cena desagradável, seu senso de justiça foi ultrajado. Ela tinha sido apenas permissiva com um sujeito abandonado, que parecia um componente extra de uma máquina doméstica desconjuntada. Não era sua culpa que ele tivesse perdido a cabeça.

Para piorar ainda mais essa difícil situação, ela não encontrou nenhum sinal de lealdade verdadeira entre seus amigos, que

tinham claramente se divertido com aquela agitação. Desse modo, para aliviar a tensão, ela resolveu não voltar para a Inglaterra com aquele grupo, mas prolongar sua estada por mais dois dias – sozinha.

No dia seguinte, quando acompanhou o pessoal até a estação de trem, pequena e rudimentar, ela ainda estava com raiva. Eles já tinham reagido à perspectiva de retornar à civilização: usavam suas roupas da moda e estavam mais ou menos arranjados como legítimos casais, dando sequência natural à identificação das malas e reservas.

O trem estava indo para Trieste, cidade definitivamente marcada no mapa. Estava cheio de turistas, que também retornavam para as calçadas e os postes de luz. Sem se lembrar das encostas e da luz das estrelas, o grupo reagia ao barulho e ao alvoroço, parecendo recuperar sua velha lealdade enquanto se juntava em volta de Iris.

- Tem certeza de que não vai ficar entediada, querida?
- Mude de ideia e tome o trem!
- Você simplesmente *tem* de vir!

Quando soou o apito, eles tentaram empurrá-la para dentro do vagão do jeito que ela estava, de short e botas de caminhada, e com o rosto brilhoso, bronzeado de sol, sem nenhuma maquiagem. Ela lutou como um canguru para se libertar, e só conseguiu saltar do trem quando a plataforma estava começando a passar pela janela.

Rindo e ofegando por causa da luta, ela parou e acenou para o trem que se afastava, até vê-lo desaparecer na curva do desfiladeiro.

Sentiu-se quase culpada quando percebeu certo alívio de ter se separado dos amigos. Mas, embora as férias tivessem sido um sucesso, sua satisfação se devia principalmente às fontes primevas: o sol, a água e a brisa das montanhas. Impregnada na natureza, ela se ressentia um pouco da intrusão humana.

O grupo esteve muito próximo e muito íntimo. Em determinados momentos, ela havia percebido notas dissonantes – o riso alto e agudo de uma mulher; a silhueta rechonchuda do corpo de um

homem, pronto para mergulhar; um apelo frívolo e contínuo ao “Meu Deus”.

Era verdade que, embora tivesse se tornado crítica dos amigos, ela também se deixou levar pela corrente. Como os outros, tinha ficado encantada pelo maravilhoso cenário, embora o encarasse como algo costumeiro. Era natural que quando as pessoas viajassem para lugares remotos que nem existiam nos mapas, percebessem a paisagem melhorar automaticamente, e os padrões de saneamento diminuíssem.

Finalmente estava sozinha com as montanhas e o silêncio. Lá em baixo, um lago verde como a grama, brilhando com os reflexos vítreos da luz do sol. A silhueta dos picos das cordilheiras distantes, todos cobertos de neve, se destacava contra o céu ciano. Numa colina, erguia-se o edifício escuro de um antigo castelo, com suas cinco torres apontando para cima, como os dedos abertos de uma mão sinistra.

Tudo era uma exuberância de cores. O jardim da estação se avolumava de flores exóticas, fulvas e amarelas, que brotavam de uma folhagem espinhosa. Subindo o monte, o pequeno hotel de madeira era pintado de ocre e de um laqueado carmesim. Contra o paredão esverdeado do desfiladeiro subia o último espiral da fumaça, como penas brancas flutuando no ar.

Quando o trem desapareceu, Iris sentiu que o último elo entre ela e seus amigos tinha sido rompido. Soprando um beijo sarcástico, deu-lhes as costas e começou a descer pelo caminho íngreme, fazendo barulho com os pés. Quando chegou ao rio para onde vertiam as águas da geleira, deteve-se um instante na ponte para sentir o ar gelado que emanava da corrente ascendente, de coloração verde-clara.

Quando pensou na cena do dia anterior, jurou que não queria mais ver aquele grupo. Tinham se envolvido num episódio que ia contra sua ideia do que significava uma amizade. Ela tinha gostado muito de Olga, a mulher que retribuía sua lealdade com uma exibição cruel de ciúmes.

Deu de ombros para a lembrança. Ali, sob o ilimitado azul, as pessoas pareciam tão pequenas – e suas paixões, tão reais. Eram

apenas um acidente na passagem do berço ao túmulo. Alguém as conheceu e delas se separou, sem arrependimentos.

A cada minuto, o abismo entre ela e eles aumentava mais. Eles estavam se evaporando de sua vida. Ao pensar nisso, ela se emocionou com uma sensação de liberdade renovada, como se seu espírito fosse libertado pelo silêncio e pela solidão.

No entanto, poucas horas mais tarde, ela teria trocado todas as glórias da natureza para tê-los consigo de novo.

# CAPÍTULO 2

---

# A ameaça

Cerca de quatro horas depois, Iris se deitou de braços e pernas esticados na encosta da montanha, bem acima do vale. Desde que deixara para trás o frio ocaso do desfiladeiro, num santuário que assinalava a união dos caminhos, ela vinha subindo calmamente a montanha por uma trilha íngreme em ziguezague.

Depois que saiu do cinturão de sombra, o sol a castigava de modo feroz, mas ela não diminuiu o ritmo da caminhada. Estava sendo levada pelos pensamentos agitados, pois não conseguia tirar Olga da cabeça.

O nome zunia como uma broca no seu cérebro. *Olga*. De Iris, Olga comera o pão, mas na forma de torrada – pelo bem da sua silhueta –, e recusara o sal devido a uma dieta da moda. Isso causou um problema na cozinha. De Iris, Olga usara o telefone e abusara do carro. De Iris, Olga tomara emprestado o casaco de pele, e para Iris emprestara um marido supérfluo.

Ao se lembrar do Oscar de Olga, Iris apertou o passo.

“Como se eu fosse me derreter por um homem que parece o Mickey Mouse”, enfureceu-se ela.

Tinha perdido o fôlego quando finalmente se jogou na relva e decidiu dar o passeio por encerrado. A montanha que a desafiara só fazia recuar à medida que ela avançava, por isso teve de desistir da intenção de chegar ao topo.

Deitada com os olhos quase fechados, ouvindo o silvo da brisa, viu sua serenidade voltar. Algumas campânulas em grupo, destacando-se contra a linha do horizonte, pareciam solidificadas e ampliadas ao tamanho dos sinos de um campanário, enquanto ela estava apequenada e afundada dentro da terra – ou em parte da terra, como os seixos e as raízes. Em sua imaginação, era capaz de

quase ouvir os batimentos de um coração gigantesco sob sua cabeça.

O momento passou, pois começara a pensar novamente em Olga. Dessa vez, no entanto, ela a viu de um ponto de vista diferente, pois a altitude produzia a falsa ilusão de superioridade. Lembrou-se de que o vale estava a mil e duzentos metros acima do nível do mar, enquanto ela devia estar ainda outros mil e quinhentos metros acima.

Tendo esse cálculo como base, ela podia se permitir ser generosa, pois estava dois mil e setecentos metros acima de sua ex-amiga – supondo, é claro, que Olga fosse solícita o suficiente para permanecer ao nível do mar.

Decidiu então se livrar daquela memória indigna de lhe despertar mais raiva.

“Nunca mais”, disse ela. “Depois disso, nunca mais ajudo ninguém.”

Sua voz tinha o fervor apaixonado de quem se dedica a algum tipo de serviço. Com a sensação virtuosa de ter se beneficiado de uma lição, pela qual foi paga uma alta quantia, ela acendeu um cigarro antes de retomar sua jornada. O ar estava tão limpo que montanhas que ela nunca tinha visto tremeluziam para fora de sua invisibilidade e flutuavam no céu, numa limpidez malva. Lá embaixo ela avistava um braço do lago – dessa vez não esverdeado, mas diminuído pela distância a um azul mais escurecido.

Relutante, ela se levantou. Hora de partir.

A descida se mostrou não apenas monótona, mas também dolorosa, pois o solavanco contínuo provocado por seu próprio peso exercia uma pressão em seus músculos despreparados. Suas panturrilhas começaram a doer, e ela dava topadas com os dedos dos pés nas pedras do caminho.

Cada vez mais impaciente, resolveu deixar de lado o caminho em ziguezague e seguir por um atalho direto pelo paredão da montanha. Guiando-se pelo lago, precipitou-se pela encosta.

Uma aventura audaciosa, mas quase imediatamente ela descobriu que o declive era muito íngreme. Como estava descendo rápido demais para parar, sua única alternativa foi dobrar as pernas

como se estivesse sentada e deslizar pelo terreno escorregadio – confiando que teria sorte.

A partir desse instante, as coisas aconteceram rapidamente. Seu ritmo foi aumentando a cada segundo, apesar de seus esforços para frear com os pés. Tufos azulados e esverdeados passavam por ela a toda velocidade, enquanto o vale vinha ao seu encontro e arremetia-se contra o céu. Antes de se chocar contra o chão, ela foi dirigindo o corpo aos solavancos na direção de uma faixa de árvores lá embaixo, na esperança de que elas pudessem salvá-la de um tombo completo.

Infelizmente, as árvores estavam apodrecidas pela idade avançada; ela passou arrebatando seus galhos e se estabacou bem no meio da trilha de pedras.

Sua queda foi parcialmente amortecida, mas ela se sentiu bastante dolorida e abalada quando se pôs de pé. Apesar dos ferimentos, não se esqueceu de dar uma risada forçada que havia aprendido na escola como acompanhamento aos acidentes em partidas de esportes variados.

“Que divertido”, murmurou, retirando a sujeira das pernas.

Apesar da queda, ela ficou contente ao ver o santuário a poucos metros acima da trilha; um tributo definitivo à forma como havia manobrado sua queda. Como não estava longe do hotel, desceu tropeando pela ravina, pensando nos confortos que a esperavam. Uma bebida gelada, um banho quente, o jantar na cama. Quando vislumbrou o brilho da água na curva do desfiladeiro, começou a correr com toda sua vontade, ainda que mancando.

Completo a curva e então parou, em completa perplexidade pelo que via. Todos os seus pontos de referência haviam desaparecido, como se alguém tivesse passado uma borracha na paisagem. Não havia mais as casinhas de madeira, nem a estação de trem, nem o píer, muito menos o hotel.

Angustiada e apavorada, ela percebeu que tinha se orientado por uma bússola errada. Aquele não era o lago verde que ela conhecia, em que ela e os amigos se banhavam diariamente. Em vez de ser profundo e oval, era uma lagoa sinuosa e azul clara, com as margens rasas e cobertas de juncos.

Naquelas circunstâncias, só havia uma coisa a fazer: voltar pelo mesmo caminho até o santuário e continuar pela outra ravina. Uma diversão na certa, e ela soltou uma risada sonora antes de começar a refazer a penosa subida.

Estava muito mal-humorada para apreciar o selvagem esplendor do cenário. Era uma cena de desolação extrema, dilacerada por deslizamentos de terra e com montes de pedras estilhaçadas. Não havia vegetação alguma em meio aos pedregulhos, nem chilreio dos pássaros. O único som era o ruído rascante das pedras soltas que ela deslocava com os pés, e o chape de uma pequena queda d'água que espumava em seu curso semisseco, como uma meada de fios brancos embolados.

Acostumada a estar sempre acompanhada, Iris começou a desejar o rosto e a voz de outras pessoas. Em sua solidão, ela se reduziu à fraqueza de sentir pena de si mesma. Lembrou-se de que quando chegasse a hora de retornar à Inglaterra, não estaria voltando para casa como os outros. Estaria apenas voltando.

Atualmente ela morava num hotel, pois havia sublocado seu pequeno apartamento de luxo. Embora levasse um estilo de vida que ela mesma tinha escolhido, naquele momento e naquele lugar, sentiu que pagava um preço muito alto pela liberdade.

Aquele estado de espírito não durou muito, pois, no topo do desfiladeiro, ela se sentiu desafiada em sua coragem. Olhando ao redor para tentar se localizar, descobriu que o santuário era diferente da referência original onde ela tinha encontrado a trilha em ziguezague.

Dessa vez ela não riu, pois teve a impressão de que o humor seria exagero demais. Em vez disso, sentiu ódio de si mesma. Ela achava que conhecia aquelas montanhas porque, com os outros, havia subido e descido os desfiladeiros como num rebanho de cabras-selvagens.

Mas ela tinha apenas seguido os amigos – tinha sido conduzida por eles. No meio do grupo havia um líder necessário: o jovem com o mapa.

Tendo agora de se virar por conta própria, ela não tinha a menor ideia de direção. A única coisa que podia fazer era seguir o

desfiladeiro até a próxima ramificação e confiar na sorte.

“Se eu continuar caminhando, chegarei a algum lugar”, pensou. “Além disso, quem tem boca não se perde nunca.”

Ela precisava ser estoica, pois tinha começado a ficar desesperadamente cansada, além de sentir dificuldade de andar por causa de um machucado no calcanhar. Quando chegou a uma bifurcação na trilha, perdeu toda a confiança no discernimento que tinha para experimentar. Sentou-se numa grande pedra e esperou que algum transeunte passasse por ali.

Era o seu momento crítico, quando sua independência parecia ser apenas o privilégio de preencher cheques para sacar o dinheiro obtido com o trabalho dos outros, e sua popularidade parecia nada menos do que o dividendo desses mesmos cheques.

“Eu fui carregada minha vida inteira”, pensou. “E mesmo que alguém apareça, sou a pior poliglota do mundo.”

A descrição a divertiu, pois ela não tinha a menor pretensão ao título de poliglota. Sua ignorância para línguas estrangeiras era fruto de ter sido educada em Paris e Dresden. Na época em que esteve na escola, ela convivia exclusivamente com outras garotas inglesas, enquanto as professoras nativas que lhes davam aula adquiriam um excelente sotaque inglês.

Essa era sua releitura de um dos versos do Hino Nacional: “Garanta-nos a vitória”.

Mas o patriotismo não lhe fora nada útil naquele momento, pois ela hesitou quando um moreno atarracado, usando uma bermuda de couro e suspensórios amarronzados, veio subindo pela trilha.

Na turma de amigos de Iris havia um jovem com facilidade para línguas. A partir de seu conhecimento das raízes comuns, ele conseguia usar o alemão como um tipo de língua intuitiva, mas precisava contar com a imaginação para interpretar e ser compreendido.

Quando chamou o transeunte em inglês e o pediu que lhe mostrasse onde ficava o vilarejo, Iris se lembrou nitidamente de como o grupo costumava vaiar e ridicularizar as falhas do jovem.

O homem olhou para ela, deu de ombros e balançou a cabeça.

Sua segunda tentativa, num tom de voz mais baixo, fracassou da mesma maneira. O lavrador, que parecia com pressa, continuou andando, e Iris barrou sua passagem, entrando na frente dele. Tinha pleno conhecimento de sua própria impotência, como se fosse uma criatura mutilada, cuja língua tivesse sido arrancada. Mas precisava prender a atenção dele e forçá-lo a entender. Sentindo que havia perdido toda sua dignidade de criatura racional, ela se viu obrigada a fazer gestos, apontando para os caminhos possíveis enquanto continuava repetindo o nome do vilarejo.

“Agora ele vai entender, a não ser que seja um idiota”, pensou.

O homem pareceu ter entendido sua intenção, pois assentiu várias vezes com a cabeça. Mas, em vez de indicar uma ou outra direção, disparou a tagarelar numa língua que ela não conhecia.

Enquanto ouvia a torrente de sons guturais, Iris foi superada pela própria raiva. Ela se sentiu isolada de toda relação humana, como se uma linha fronteira tivesse sido apagada e, em vez de estar na Europa, ela estivesse abandonada nos confins da Ásia.

Sem dinheiro e sem uma língua comum, ela poderia vagar indefinidamente. Naquele momento, poderia tomar o rumo da selva em vez de o do vilarejo. O desfiladeiro tinha muitos caminhos afluentes, como os meandros de um mar epicontinental.

À medida que seu medo crescia, o rosto do lavrador começava a tremular, como a ilusão de um pesadelo. Ela notou que a pele dele brilhava, e que ele tinha um leve bócio; além disso, tinha plena ciência do cheiro caprino que ele exalava, pois estava suando devido à subida.

“Eu não consigo entender”, gritou ela, histérica. “Não consigo entender nenhuma palavra. Pare, por favor, *pare*. Você vai me deixar maluca.”

Por sua vez, o homem ouvia apenas uma tagarelice incompreensível. Estava vendo uma garota, vestida como homem, de uma magreza nada atraente – segundo o padrão local de beleza – e com os joelhos sujos e machucados. Uma estrangeira, embora ele não soubesse a nacionalidade dela. Além disso, havia atingido o auge da irritação e era excepcionalmente estúpida.

Ela parecia não entender que estava dizendo para ele menos da metade do nome do vilarejo, uma vez que três diferentes lugares da região tinham o mesmo prefixo. Ele explicou isso para ela, e pediu o nome completo.

Iris não poderia dar a ele a informação, mesmo que o tivesse entendido. O nome do vilarejo era um trava-línguas que ela nunca havia tentado pronunciar com clareza, mas, assim como as outras pessoas, o chamava pelas três primeiras sílabas.

A situação chegou a um impasse. Fazendo uma careta e dando de ombros, o lavrador deixou Iris sozinha e seguiu seu caminho.

As montanhas projetavam-se sobre ela como uma ameaça concreta. Ela havia comprado cartões-postais da paisagem e os enviara com um comentário estereotipado: "Um cenário maravilhoso". Em um deles, chegou a rabiscar "Este é meu quarto", marcando um dos picos com uma cruz irônica.

Agora, as montanhas estavam se vingando. Agachada sob os rochedos salientes, sentiu que elas só tinham a chacoalhar aqueles cumes elevados e reduzi-la a pó embaixo de uma avalanche de pedregulhos. Elas a reduziram à sua insignificância, aniquilaram sua individualidade, exterminaram seu espírito.

O feitiço foi quebrado pelo som de vozes em inglês: o casal em lua de mel vinha dobrando a curva, vindo do hotel.

Esse casal era respeitado por todo o grupo, por causa da integridade de sua discricção e do esplendor de sua aparência. O homem era alto, bonito, de postura imponente. Sua voz inspirava confiança, e ele empinava a cabeça de um jeito que sugeria orgulho excessivo. Os garçons saíam em disparada quando ele acenava com a cabeça, e o proprietário – provavelmente porque o homem ocupava uma suíte presidencial – o chamava de "milorde".

Sua esposa era quase da mesma altura que ele, com o físico perfeito e o rosto impecável. Usava roupas belíssimas, totalmente inapropriadas para a natureza selvagem; mas era óbvio que se vestia dessa maneira tanto por costume quanto para agradar o marido.

Eles estabeleciam as próprias normas e pareciam ignorar os outros visitantes, que os consideravam membros de uma esfera

social mais elevada. Acreditava-se que o nome com que se registraram, "Todhunter", era inventado para lhes preservar o anonimato.

Passaram por Iris quase sem perceber. O homem levantou o chapéu distraidamente, mas seu olhar era indiferente. Sua esposa não tirava os olhos azuis do caminho de pedras, pois seus saltos eram perigosamente altos.

Ela falava com a voz baixa, mas veemente, apesar do tom abafado.

"Não, querido. Nem mais um dia. Nem por *você*. Nós já ficamos muito..."

Iris perdeu o resto da frase. Preparou-se para segui-los a uma distância discreta, pois havia mais que se dado conta de sua aparência destruída.

A chegada do casal em lua de mel restabelecera seu senso de proporção. A presença deles era a prova de que o hotel não estava muito longe, pois eles nunca caminhavam longas distâncias. Com isso, as montanhas deixaram de aviltá-la e ela se reedificou – de criatura perdida, voltou a ser a uma moça londrina que criticava o corte de seu short.

Pouco tempo depois, ela reconheceu o santuário verdadeiro, onde havia desviado do caminho principal. Mancando penosamente pela trilha, avistou logo em seguida o lago que se escurecia e as luzes do hotel, brilhando através da verde escuridão.

Quando se lembrou do quanto estava cansada e com fome, começou a pensar de novo no banho quente e no jantar.

Mas embora aparentasse carregar apenas as marcas físicas de sua aventura, seu senso de segurança havia sido abalado, como se a experiência fosse uma ameaça do futuro, para revelar os horrores do desamparo, distante de tudo que lhe era familiar.

# CAPÍTULO 3

---

## Chá das cinco

Quando os recém-casados voltaram para o hotel, os quatro hóspedes restantes estavam sentados do lado de fora, na área coberta de cascalhos, de frente para a varanda. Aproveitavam o tranquilo intervalo à meia-luz, na passagem para o crepúsculo. Estava escuro demais para escrever cartas, ou para ler, e cedo demais para se vestir para o jantar. As xícaras vazias e as migalhas de bolo nas mesas eram o sinal de que tinham tomado o chá da tarde ao ar livre, e permanecido ali desde então.

Demorar-se num mesmo lugar era típico de duas pessoas: as senhoritas Flood-Porter. Na casa dos cinquenta anos, definitivamente acostumadas à sua forma física e aos seus hábitos, elas não eram do tipo que se movimentavam demais. As duas tinham o cabelo grisalho, impecavelmente arrumado, que ainda guardava fios do loiro original suficientes para lhes dar o título de cortesia de loiras. Também tinham em comum uma pele esplendorosa por natureza, e uma expressão ameaçadora.

A pele delicada da mais velha, a srta. Evelyn, era levemente enrugada, pois ela tinha quase sessenta, enquanto a srta. Rose tinha acabado de entrar na casa dos cinquenta. A mais jovem das irmãs era a mais alta e robusta; tinha a voz mais enérgica e a pele mais escura. Mulher de excelente caráter em todos os outros aspectos, tinha um certo ar de arrogância que a levava a repreender sua parceira de bridge.

Durante sua visita, elas formaram um quarteto com o reverendo Kenneth Barnes e sua esposa. Todos haviam viajado no mesmo trem, e planejavam voltar juntos para a Inglaterra. O pároco e sua esposa tinham o dom da sociabilidade, o que as srtas. Flood-Porter,

que não o tinham, atribuíam ao fato de terem os mesmos gostos e preconceitos.

O pátio era mobiliado com cadeiras e mesas de ferro, esmaltadas em cores brilhantes, e decorado com vasos de arbustos verdes e empoeirados. Ao olhar em volta, a srta. Evelyn pensava na sua casa encantadora, localizada numa cidade episcopal.

De acordo com os jornais, havia chovido na Inglaterra, de modo que os jardins deviam estar belíssimos, com um gramado verde bem vivo e canteiros viçosos cheios de ásteres e dalias.

"Estou ansiosa para ver meu jardim de novo", disse ela.

"Nosso jardim", corrigiu a irmã, sempre muito franca.

"E eu não vejo a hora de me sentar numa cadeira confortável", riu o pároco. "Rá. Lá vêm os recém-casados."

Apesar do simpático interesse pelos colegas, ele não os cumprimentou de maneira afável. Depois da última (e derradeira) rejeição, ele aprendeu que o casal não gostava de nenhum tipo de invasão à sua privacidade. Desse modo, inclinou-se na cadeira tragando seu cachimbo, enquanto os observava subir os degraus da varanda.

"Belo casal", disse ele, em tom de aprovação.

"Fico me perguntando quem eles *realmente* são", observou a srta. Evelyn. "O rosto dele me é familiar. Eu sei que o conheço de algum lugar."

"Dos filmes, talvez", sugeriu a irmã.

"Ah, você costuma ir ao cinema?", intrometeu-se a sra. Barnes, esperando encontrar mais um gosto em comum, pois ela escondia uma paixão pelos filmes.

"Só para ver George Arliss e Diana Wynyard", explicou a srta. Evelyn.

"Isso encerra o assunto", disse o pároco. "Ele com certeza não é George Arliss, tampouco ela é Diana."

"Ainda assim, acho que algum mistério circunda esses dois", insistiu a srta. Evelyn.

"Também acho", concordou a sra. Barnes. "Fico pensando se eles são realmente casados."

"E *você, é?*", perguntou imediatamente o marido.

Ele riu alegremente quando a viu corar de orelha a orelha.

“Perdoe-me por desapontá-la, querida”, disse ele, “mas não é mais simples acreditar que todos somos o que supomos ser? Inclusive párocos e suas esposas.” Ele bateu a boca do cachimbo para lhes tirar as cinzas e se levantou da cadeira. “Acho que vou conversar com meus amigos lá embaixo no vilarejo.”

“Como ele consegue conversar com eles se não sabe a língua?”, perguntou a srta. Rose sem rodeios, quando o pároco saiu do jardim.

“Ah, ele *se faz* entender”, explicou a esposa, orgulhosa. “Empatia, sabe? E são todos humanos. Devem esfregar os narizes, como esquimós.”

“Acho que nossos mexericos acabaram expulsando-o daqui”, disse a srta. Evelyn.

“A culpa foi minha”, declarou a sra. Barnes. “As pessoas acham que sou curiosa, mas a verdade é que eu me forço a mostrar interesse nas coisas dos outros. É minha forma de protestar contra nossa terrível timidez nacional.”

“Mas nós temos orgulho dela”, disse a srta. Rose. “A Inglaterra não precisa de publicidade.”

“É claro que não... Mas só trilhamos nosso caminho no mundo uma vez. Preciso me lembrar o tempo todo de que o estranho ao meu lado pode estar com problemas, e que talvez eu possa ajudar.”

As irmãs olharam para ela com aprovação. Era uma mulher esguia, de quarenta e poucos anos, com o rosto alongado e pálido, os cabelos escuros, os traços meigos. Seus grandes olhos castanhos eram tão gentis quanto francos – e seu jeito, autêntico.

Era impossível conectá-la com outra coisa que não fosse uma rígida honestidade. Elas sabiam que a sra. Barnes preferia se perder em explicações desconfortáveis a correr o risco de passar uma falsa impressão.

Ela, por sua vez, gostava das duas irmãs. Eram pessoas sérias, dignas e respeitadas. Pensou que, se presidissem os tribunais, agiriam distintamente e cumpririam seu dever para com Deus e o próximo, sem permitir que nada influenciasse sua índole.

Elas também eram pessoas livres, donas de uma casa agradável com jardim, empregados bem-treinados e dinheiro investido no banco. A sra. Barnes sabia disso. Desse modo, como ser humano, dava-lhe uma sensação de superioridade pensar que o único homem do grupo era seu marido.

Ela podia apreciar o sentido da posse porque, até o seu quadragésimo aniversário, ela passou suas férias anuais na companhia de outras solteironas. Desde que terminara os estudos, ganhava a vida lecionando, até que um milagre lhe deu não apenas um marido, mas também um filho.

Ela e o marido ficaram tão envolvidos com a criança que o pároco temeu algumas vezes que a devoção dos dois pudesse pôr em risco seu destino. Na véspera da viagem de férias, ele propôs um pacto.

“Sim”, disse ele, olhando para o garoto adormecido no berço. “Ele é lindo. Mas... é privilégio meu ler os Mandamentos para os outros. Às vezes, me pergunto...”

“Eu entendo o que quer dizer”, interrompeu a esposa. “Idolatria.” Ele assentiu.

“Sou tão culpado quanto você”, admitiu ele. “Então estou disposto a me disciplinar. Na nossa posição, nós temos a oportunidade especial de influenciar os outros. Devemos buscar um equilíbrio, desenvolver todo potencial da nossa natureza. Se quisermos que essas férias nos façam realmente bem, elas deverão ser uma completa renovação mental... Minha querida, acho que concordamos em não falar exclusivamente do Gabriel enquanto estivermos fora, não é?”

A sra. Barnes concordou. Mas a promessa não a impedia de pensar nele continuamente. Embora eles o tivessem deixado aos cuidados de uma avó competente, ela estava ingenuamente apreensiva em relação à saúde dele.

Enquanto ela contava as horas restantes para reencontrar o filho, e a srta. Flood-Porter sorria antecipando a vista de seu jardim, a srta. Rose seguia o fio dos próprios pensamentos – percorria sempre um único sulco, até chegar ao fim.

“Não consigo entender como as pessoas podem mentir”, disse ela. “A não ser, é claro, um pobre coitado em vias de ser demitido. Mas... pessoas como *nós*? A gente conhece uma mulher rica que se vangloria de dar declarações falsas na alfândega. Pura desonestidade.”

Enquanto falava, Iris surgiu no portão do jardim do hotel. Fez o melhor que podia para evitar o grupo sentado à mesa, mas não pôde deixar de ouvir o que era dito.

“Talvez eu não devesse julgar os outros”, observou a sra. Barnes com a voz nítida e carregada de uma ex-professora. “Nunca tive a menor vontade de contar uma mentira”.

“Mentirosa”, pensou Iris automaticamente.

Ela estava extremamente cansada, beirando o colapso. Foi somente pela força de vontade de todos os seus átomos que conseguiu chegar ao hotel. O martírio havia estirado seus nervos quase ao ponto de ruptura. Embora desejasse a quietude de seu quarto, sabia que não conseguiria subir as escadas sem um curto descanso. Todos os seus músculos doíam quando se jogou numa cadeira de ferro e fechou os olhos.

“Se alguém falar comigo, eu vou gritar”, pensou.

As srtas. Flood-Porter trocaram olhares e contorceram os cantos da boca. Até mesmo nos olhos doces e castanhos da sra. Barnes não havia sinal de boas-vindas, pois ela tinha sido uma vítima especial do egoísmo e da falta de educação daquela turma.

Eles se comportavam como se tivessem comprado o hotel, e os outros hóspedes fossem intrusos. Exigiam tratamento especial – e o obtinham – pelo suborno. Essa violação dos bons costumes irritou os outros turistas, que respeitavam os termos do contrato acertado com uma agência de viagens, o que incluía o serviço.

O grupo monopolizava a mesa de bilhar e garantia para si as melhores cadeiras. Eram sempre servidos primeiro em todas as refeições; pratos eram adiantados, e a água do banho era sempre morna.

Até mesmo o pároco considerava um esforço mostrar-se benevolente. Fazia o possível para tomar em consideração o vigor

da mocidade, embora soubesse que muitos daquele grupo não podiam ser considerados juvenis.

Infelizmente, entre os chamados amigos de Iris havia duas pessoas que não honravam em nada a nação inglesa; e como era difícil distinguir entre uma e outra garota em trajes de banho, a sra. Barnes tinha a opinião de que todas estavam fazendo a mesma coisa: passando férias regadas a bebida e sexo.

Seu padrão de decência era ofendido pelos banhos de sol e suas noites, perturbadas pelo barulho. Por isso, estava particularmente satisfeita com a possibilidade de passar dois dias tranquilos, em meio a um cenário de esplendor e companhias agradáveis.

Aparentemente, no entanto, a turminha não tinha se mandado por completo; havia uma remanescente, essa garota – e talvez houvesse mais. A sra. Barnes se lembrava vagamente de Iris, por ela ser bonita e por ter sido perseguida por um banhista e sua matrona.

Como o homem era casado, Iris não podia se orgulhar muito de sua escolha. Mas ela parecia estar tão exausta que o gentil coração da sra. Barnes logo a reprimiu por sua falta de compaixão.

“Eles te deixaram sozinha?”, perguntou, com a voz luminosa.

Iris deu de ombros à inesperada tentativa de aproximação. Naquele momento, a última coisa que ela queria era responder ao interesse de uma pessoa madura, o que, por experiência, escondia a curiosidade.

“Sim”, respondeu.

“Ó, querida, que vergonha. Está se sentindo sozinha?”

“Não.”

“Mas você é muito jovem para viajar sem amigos. Nenhum familiar pôde vir com você?”

“Não tenho ninguém.”

“Não tem família?”

“Não, nem parentes. Sou uma sortuda, não sou?”

Iris não estava perto o suficiente para ouvir o suspiro apavorado das srtas. Flood-Porter; mas o silêncio da sra. Barnes dizia que o desdém de Iris continuava o mesmo. Para evitar outra inquisição, ela fez um esforço sobre-humano para se levantar, pois todas as

suas juntas estavam rígidas, e conseguiu se arrastar para dentro do hotel e subir as escadas até o quarto.

A sra. Barnes tentou atenuar o incidente com uma risada.

“Acho que cometi outra gafe”, disse. “Com certeza ela ficou magoada comigo. Mas seria algo desumano ficar sentadas aqui como bonecas e não demonstrar nenhum interesse por ela.”

“Acha que ela está interessada em *você?*”, perguntou a srta. Rose. “Ou em nós? Moças como ela são egoístas. Ela não levantaria um dedo nem moveria uma palha para ajudar alguém.”

Só havia uma resposta para essa pergunta, uma resposta que a sra. Barnes era gentil demais para dar. Então preferiu ficar em silêncio, pois mentir é que não ia.

Nem ela, nem ninguém, poderia prever o curso das próximas vinte e quatro horas, nas quais essa moça, sozinha diante de uma multidão de testemunhas, sofreria uma angústia capaz de ameaçar sua sanidade em nome de uma pessoa estranha por quem ela não nutria nenhum sentimento pessoal.

Ou melhor: uma angústia por não saber se existia de fato uma srta. Froy.

# CAPÍTULO 4

---

## Inglaterra chamando

Como ela tinha um quadrado na palma da mão, que, segundo uma quiromante, significava segurança, Iris acreditava que vivia numa área protegida. Embora tenha rido ao escutar a revelação, impressionou-se secretamente, pois sua vida tinha uma proteção especial.

Nessa conjuntura, as estrelas, como sempre, pareciam lutar por ela. As montanhas tinham enviado um alerta preliminar. Além disso, algumas pessoas tentaram se aproximar dela durante a noite, o que poderia tê-la libertado do isolamento mental.

No entanto, ela cortava propositalmente qualquer elo que a ligasse à segurança, como resultado da falsa lealdade aos amigos.

Iris sentiu falta deles assim que entrou na sala de estar, silenciosa e deserta. Ao caminhar pelo corredor, passou por vários quartos vazios, com as camas desfeitas e o chão sujo. Os colchões estavam apoiados nas janelas, com os travesseiros empilhados nas pequenas varandas.

Não lhe faltava apenas companhia, mas também apoio moral. Seu grupo de amigos não se preocupava em trocar de roupa ao final da tarde, a não ser quando o conforto exigia calças de flanela. Certa vez, esse comportamento gerou uma reclamação – uma moça apareceu para jantar vestida de roupas de banho.

As reclamantes foram as srtas. Flood-Porter, que sempre usavam vestidos de gala caros, porém sérios. Iris se lembrou do incidente ao sair do banho. Embora sentisse um pouco de vergonha devida ao respeito que tinha pela opinião pública, apanhou na bolsa um vestidinho solto, de crepe plissado.

O banho quente e o descanso a renovaram. Mas quando se apoiou na balaustrada, sentiu-se solitária. Sua pose pensativa e o

contorno gracioso de seu vestido chamaram a atenção do recém-casado – Todhunter, segundo os registros –, que nesse momento saía de seu quarto.

Ele não tinha o menor conhecimento de quem era ela, ou de que havia sido uma espécie de estrela-guia para ela no meio das montanhas. Ele e a esposa jantavam sempre na suíte presidencial, sem nunca se misturar aos outros hóspedes. Concluiu, portanto, que ela era uma hóspede ocasional que ele havia negligenciado no meio da multidão.

Aprovando-a com olhos de especialista, ele parou.

“Noite tranquila”, observou ele. “Um verdadeiro fresco depois da algazarra daquele bando horroroso.”

Para sua surpresa, a moça olhou friamente para ele.

“Está tranquila”, disse ela. “E por acaso, sinto falta dos meus amigos.”

Enquanto descia as escadas, sentiu-se feliz e desafiadora por fazê-lo perceber a própria mancada. A defesa dos amigos importava mais do que a ausência de espírito social. Mas, apesar do triunfo, o incidente foi levemente desagradável.

A impopularidade de sua turma de amigos estava glorificada, o que para eles parecia um sinal de superioridade. Tinham o costume de dizer com a voz complacente: “Não somos benquistos por essas pessoas”, ou “Elas não gostam mesmo de nós”. Sob a influência dessa hipnose grupal, Iris não queria outro rótulo. Agora que estava sozinha, no entanto, não era tão agradável perceber que os outros hóspedes, supostamente decentes e bem-educados, consideravam-na uma intrusa.

Seu humor estava desoladamente hostil quando entrou no restaurante, um salão vazio, forrado por um papel de parede azul-marinho, estampado com estrelas douradas sem nenhuma originalidade. A luz elétrica vinha de lustres canhestros de ferro forjado, a modo de castiçais, o que fazia o ambiente parecer o cenário hollywoodiano de um castelo medieval. Pouquíssimas mesas estavam postas, e havia apenas um garçom parado à porta.

Dali a alguns dias, o hotel fecharia para o inverno. Com a saída do grande grupo de ingleses, muitos funcionários tornaram-se

desnecessários e já tinham voltado para suas casas na cidade.

Os hóspedes restantes não pareciam abalados pelo clima de abandono e desencanto atrelado ao fim da estação. As srtas. Flood-Porter dividiam mesa com o pároco e sua esposa. Todos estavam de excelente humor e davam a impressão de estarem realizados e satisfeitos, contando uma piada depois da outra, tiradas da revista de humor *Punch*.

Iris escolheu intencionalmente uma mesa pequena bem no canto e fumou um cigarro enquanto esperava ser servida. Os outros já estavam jantando havia algum tempo, então pareceu novidade a presença de uma pessoa um pouco atrasada.

A sra. Barnes, que era gentil demais para nutrir ressentimentos pela afronta de Iris, olhou para ela com olhos admirados.

“Como aquela moça fica bonita de vestido”, disse.

“*Vestidinho solto para andar de dia*”, julgou a srta. Evelyn. “Sempre falamos sobre usar vestidos apropriados para o jantar, mesmo quando estamos fora da Inglaterra.”

“Se não os vestíssemos, teríamos a sensação de estar desonrando a Inglaterra”, explicou a irmã mais jovem.

Embora Iris tenha prolongado ao máximo sua refeição, acabou voltando para a sala de estar. Estava cansada demais para passear, e era muito cedo para dormir. Ao olhar em volta, mal conseguia acreditar que, na noite anterior, reinavam naquela sala o esplendor e a alegria europeus – embora a alegria tenha sido importada da Inglaterra. Agora que seus amigos não preenchiam mais o ambiente, ela se surpreendeu com a decoração afetada e espalhafatosa. As cadeiras douradas de junco estavam manchadas, e o estofado de veludo carmesim, desgastado.

Sentiu um nó na garganta quando viu os tocos de cigarro e os fósforos gastos depositados nos vasos de palmeiras: era tudo que restava dos amigos.

Enquanto se sentava separada dos outros, o pároco, de cachimbo na boca, a observava com a testa franzida. O rosto dele, com traços bem definidos, era ao mesmo tempo forte e sensível, uma mistura quase perfeita de carne e espírito. Costumava ser violento ao jogar futebol com os rapazes da paróquia, e depois

tomava de assalto suas almas; mas ele também tinha um entendimento real dos problemas das mulheres da paróquia.

Quando sua esposa lhe contou do desejo de Iris pela solidão, ele se conectou aos sentimentos dela, porque às vezes sua maior vontade era se afastar das pessoas, inclusive da esposa. Sua intenção era deixá-la entregue ao tédio de sua própria companhia; no entanto, sentiu-se tocado pelas olheiras e pelos lábios entristecidos da moça.

Por fim, resolveu tranquilizar sua consciência ao custo de ser rejeitado. Ele sabia que seria mal recebido porque, quando cruzou a sala, ela levantou os olhos rapidamente, como se estivesse de guarda.

“Mais um”, pensou ela.

À distância, ela admirava a espiritualidade da expressão do pároco; mas, naquela noite, ela o havia incluído entre seus críticos hostis.

“Bando horroroso.” As palavras lhe vieram imediatamente à cabeça quando ele se dirigiu a ela.

“Você vai voltar para a Inglaterra sozinha, não gostaria de se juntar a nós?”

“Quando vocês vão?”, perguntou ela.

“Depois de amanhã, antes do último trem expresso da estação.”

“Mas eu vou amanhã. Muito obrigada.”

“Desejo-lhe então uma viagem agradável.”

O pároco abriu um leve sorriso diante da decisão relâmpago de Iris enquanto cruzou o salão até uma mesa e começou a preencher etiquetas de bagagem.

Sua ausência era a oportunidade que sua esposa estava esperando. Na vontade de não quebrar sua promessa, ela havia ido para o outro extremo e sequer falou do filho para suas novas amigas, exceto quando aludiu casualmente ao “nosso menino”. Mas, agora que as férias estavam praticamente no fim, ela não resistiu à tentação de mostrar a fotografia dele, que havia ganhado um prêmio numa competição local de bebês.

Olhou com culpa para as costas do marido e apanhou na bolsa uma carteira de couro.

“Olhem meu bebezão”, disse ela, tentando esconder o orgulho.

As srtas. Flood-Porter eram amantes exclusivas de animais, e não gostavam muito de crianças. Mas disseram todas as palavras corretas para a ocasião, e com uma convicção tão polida, que o coração da srta. Barnes se derreteu de alegria.

A srta. Rose, no entanto, mudou imediatamente de assunto assim que o pároco voltou da mesa onde escrevia.

“Sr. Barnes, você acredita em sonhos premonitórios?”, perguntou. “Porque, noite passada, sonhei com um acidente de trem.”

A pergunta chamou a atenção de Iris, que se esforçou para ouvir a resposta do pároco.

“Vou responder sua pergunta se a senhorita responder primeiro a minha”, disse ele. “O que é um sonho? Acha que é o temor reprimido...”

“Gostaria de te mostrar uma foto do meu filhinho, Gabriel”, disse uma voz doce no ouvido de Iris.

Iris percebeu de relance que a sra. Barnes – que honrava o nome da Inglaterra usando uma renda marrom sem graça – tinha se sentado ao lado dela e estava lhe mostrando a fotografia de um bebe nu.

Ela fingiu olhar a fotografia enquanto tentava ouvir o pároco.

“Gabriel”, repetiu Iris, vagamente.

“Sim, por causa do Arcanjo. Quisemos prestar uma homenagem.”

“Que graça. O anjo te mandou uma foto?”

A sra. Barnes olhou incrédula para Iris, sentindo todo o sangue do seu corpo tingir de escarlata seu rosto sensível. Para ela, a jovem foi profana de propósito e insultou seu precioso filho só para se vingar do aborrecimento. Pressionando os lábios trêmulos, a sra. Barnes voltou a se juntar às amigas.

Iris agradeceu quando parou de ouvir aquele zumbido. Ela não havia percebido o deslize que cometera, porque captara apenas um pedaço da explicação da sra. Barnes. Sua atenção continuava presa na conversa sobre pressentimentos.

“Diga o que quiser”, declarou a srta. Rose, desconsiderando os argumentos do pároco. “Tenho o bom senso ao meu lado. Eles costumam abarrotar de passageiros o último trem da estação. Minha felicidade só será perfeita quando eu chegar sã e salva à Inglaterra.”

Um clima de tensão pairou no ar com suas palavras.

“Mas vocês não estão com medo de um acidente, não é?”, disse a sra. Barnes, segurando com força a fotografia de Gabriel.

“É claro que não”, respondeu a srta. Evelyn pela irmã. “Talvez a gente só se sinta um pouco fora de mão aqui, e muito longe de casa. Nosso problema é não saber uma única palavra da língua local.”

“Ela quer dizer”, interrompeu a srta. Rose, “que está tudo correto com nossas reservas e passagens, desde que sejamos fiéis ao roteiro de hotel e trem. Mas se algum acidente acontecesse e nos fizesse interromper nossa jornada, ou perder uma conexão, e ficássemos presas em algum lugarejo, nos sentiríamos *perdidas*. Além disso, talvez tivéssemos problemas com dinheiro. Não trouxemos cheques de viagem.”

A irmã mais velha se dirigiu ao pároco.

“Você nos aconselha a aceitar o sonho de minha irmã como um alerta e voltarmos amanhã para a Inglaterra?”

“Não, *de jeito nenhum*”, murmurou Iris entre os dentes.

Ela esperou pela resposta do pároco com um doloroso interesse, pois não estava com a menor vontade de viajar no mesmo trem que essas pessoas desagradáveis, que poderiam se sentir no dever de ser amigáveis com ela.

“Vocês devem seguir sua intuição”, disse o pároco. “Mas se saírem antes do programado, não só darão a vitória à superstição, como vão se privar de mais um dia nesse ambiente glorioso.”

“Além disso, nossas reservas são para depois de amanhã”, observou a srta. Rose. “Melhor não correremos riscos de confusão... Agora, vou subir e fazer as malas para minha jornada de volta à querida e velha Inglaterra.”

Para a surpresa de todos, sua voz imperiosa de repente tremeu de emoção. A srta. Evelyn esperou que Rose saísse da sala para

explicar.

“Nervos. Tivemos uma experiência muito desagradável antes de chegarmos aqui. O médico sugeriu uma mudança completa, então viemos para cá em vez de irmos para a Suíça.”

Nesse momento, o proprietário entrou na sala e, como cumprimento aos hóspedes, mexeu no rádio até conseguir sintonizar nas ondas longas uma estação londrina. No meio de uma rajada de estática, uma voz agradável e familiar anunciava: “Vocês acabaram de ouvir...”

Mas eles não tinham ouvido nada.

A srta. Evelyn imaginou seu jardim, prateado com o reflexo da lua cheia. Pensou se os botões de crisântemo, três em cada vaso, já estavam abertos, e se as sálvias azuis tinham passado despercebidas pelos caracóis.

A srta. Rose, empilhando rapidamente os sapatos no fundo de uma mala, estremeceu diante de uma lembrança. Mais uma vez ela visualizou um grande buraco num canteiro do jardim onde, apenas uma noite antes, havia uma moita apinhada de esporinhas brancas, que ela adorava... Não se tratava apenas da perda de um tesouro, mas sim da repugnante ignorância de não saber onde o inimigo atacaria em seguida.

O pároco e sua esposa pensaram no bebê, dormindo no berço. Precisavam decidir se, quando chegassem, dariam apenas uma olhadinha nele, ou se arriscariam acordá-lo com um beijo.

Iris se lembrou dos amigos no expresso que rugia e foi atingida de repente por uma onda de saudades de casa.

Era a Inglaterra chamando.

# CAPÍTULO 5

---

## O expresso noturno

Iris foi acordada naquela noite, tanto quanto nas outras, pelo apito do expresso que atravessava a escuridão. Pulando da cama, ela chegou à janela a tempo de vê-lo contornar a curva do lago com um risco de fogo. Quando passou sacodindo abaixo do hotel, o raio dourado se transformou num fio de janelas iluminadas que, ao passar, uniam-se umas às outras como elos de um bracelete.

Depois de desaparecer dando a volta no desfiladeiro, Iris continuou acompanhando seu curso pelo rastro de fumaça vermelha tremeluzente. Imaginou o trem atravessando a Europa em disparado, como se fosse um projétil rasgando o tecido chamuscado do mapa. Chegava até as cidades e abria caminho por elas numa sequência sibilante e reluzente. Nomes iluminados cintilaram diante de seus olhos e desapareceram em seguida – Bucareste, Zagreb, Trieste, Milão, Basileia, Calais.

Outra vez ela se sentiu inundada por uma nostálgica saudade de casa, ainda que seu endereço futuro fosse um hotel. Misturada a essa saudade havia a sensação de mau agouro – um legado das montanhas.

“E se... acontecesse... alguma coisa, e eu nunca mais voltasse?”

Nesse momento, ela sentiu que qualquer mal poderia impedi-la de voltar para a Inglaterra. Um acidente de trem, uma doença ou um crime eram possibilidades reais, na verdade previstas na vida dos outros. Acidentes aconteciam o tempo todo ao seu redor, e a qualquer momento uma linha poderia abrir passagem no quadrado protetor de sua palma.

Revirando-se na cama, consolou-se com o lembrete de que aquela era a última vez que se deitaria naquele colchão de penas cheio de protuberâncias. Durante as próximas duas noites, ela

também atravessaria uma paisagem escura, arrancada de cada curto intervalo de sono pelo brilho das luzes, sempre que o expresso passasse rugindo por uma estação.

Continuou pensando na mesma coisa quando acordou, na manhã seguinte, e observou a silhueta dos picos das montanhas, cobertos de gelo, destacando-se contra a vermelhidão do sol nascente.

“Vou voltar para casa hoje”, disse para si mesma, exultante.

O ar estava úmido quando ela olhou para fora da janela. A neblina surgia do lago, que brilhava em tons de verde através das folhagens amareladas dos castanheiros. Mas, apesar de toda a glória do outono, em tons de azul e dourado, ela se sentia indiferente a tal beleza. Também já não percebia mais os inconvenientes de seu quarto, que, de modo geral, ofendiam seu senso crítico. As paredes, revestidas de madeira, eram pintadas por uma tonalidade muito forte de ocre, e em vez de água encanada, havia um lavatório desgastado, com um jarro de lata, coberto por uma toalha fina.

Em espírito, Iris já havia deixado o hotel. Sua jornada se iniciara antes da partida. Quando desceu para o restaurante, mal se deu conta dos outros hóspedes, que, poucas horas antes, inspiraram-lhe antipatia.

As srtas. Flood-Porter, vestidas para escrever cartas ao ar livre, tomavam café da manhã numa mesa perto da janela. Elas não falaram com Iris, mas se a tivessem visto, teriam-na cumprimentado por educação.

Iris não sentiu nenhuma falta, porque elas já tinham saído totalmente de sua vida. Tomou seu café em um silêncio interrompido por observações pontuais das duas irmãs, que conjecturavam se o tempo na Inglaterra estaria propício para um casamento militar.

A sorte estava a seu favor, pois foi poupada do contato com outros hóspedes, envolvidos nos próprios afazeres. Quando passou pela recepção, a sra. Barnes estava chamando a atenção do atendente para uma carta em um dos escaninhos. Seu conjunto de

jérsei cinza, bem como o pacote de sanduíches, indicava que sairia para um passeio.

O pároco, que enchia o cachimbo na varanda, também usava roupas informais – short, suéter, botas de caminhada e o chapéu de feltro tradicional da região, enfeitado com uma pequena pena azul, que ele havia comprado como lembrança das férias.

Ele abriu um sorriso tão feliz que, para Iris, ele parecia festivo e realizado, como se um santo tivesse saído de seu relicário, inclinando um pouco a auréola depois de batê-la de leve nesse processo, para tomar sol e pegar uma corzinha em seu rosto pálido de gesso.

Sua paciência desapareceu quando ela escutou um diálogo destinado a afetar seu próprio futuro.

“A carta era de casa?”, perguntou o pároco.

“Sim”, respondeu a esposa, depois de um momento de silêncio.

“Pensei que a vovó tinha dito que não mandaria mais cartas. O que ela disse?”

“Ela quer que eu faça umas compras para ela, quando passarmos por Londres. Quer uma seda xadrez, como a usada pela princesa, Margarida Rosa.”

“Mas você vai estar cansada. Uma falta de consideração.”

“É verdade”, disse a sra. Barnes, com a voz excepcionalmente ríspida. “Por que ela não pensou nisso?”

Iris perdoou a si própria por sua conduta indelicada na noite anterior e os deixou sozinhos. Pensou consigo mesma que o pároco tinha razão em querer proteger a esposa do aborrecimento das lides domésticas.

Enquanto passeava pela frente do hotel, teve de retroceder um momento para não invadir a privacidade dos recém-casados, cuja suíte presidencial dava para a varanda. Eles estavam tomando café ao ar livre, com pães e frutas. O homem estava resplandecente num roupão chinês, enquanto a esposa usava um robe elaborado sobre pijamas de cetim.

Os Todhunters irritavam Iris, pois a faziam sentir um leve descontentamento. Tinha a mesma sensação de vazio inconfesso quando via uma cena de amor representada por estrelas de cinema

sempre cheias de paixão – vestidas de maneira impecável, discretamente censuradas e com o melhor perfil voltado para a câmera.

Sua reação foi sentir um arrepio quando o homem olhou nos olhos da esposa com intenso interesse pessoal.

“Não tem sido perfeito?”, perguntou ele.

A sra. Todhunter sabia exatamente quanto tempo precisava hesitar antes de responder.

“Sim.”

O tempo foi calculado com maestria, pois ele entendeu o que ela não disse.

“Não muito perfeito, então”, observou ele. “Minha querida, há alguma coisa que...”

Iris agora estava distante demais para escutar, embora ainda sentisse uma pontada de inveja. Sua experiência amorosa se reduzia a uma sucessão de episódios que levaram à farsa fotográfica de seu noivado.

A manhã parecia infinita, mas acabou passando. Ela tinha pouca coisa para arrumar porque, seguindo a tradição, seus amigos haviam levado boa parte de sua bagagem para evitar que ela tivesse problemas. Passou um bom tempo afogando as horas no lago, mas estava impaciente demais para se deitar ao sol.

Depois de se vestir para a viagem, Iris desceu até o restaurante. O prato do dia era atraente, coberto por uma geleia e adornado com ramos de estragão, cerefólio e ovos mexidos; mas ela suspeitava que sua base fosse enguia cozida. Sentindo um calafrio só de pensar no prato, ela se virou para o outro lado e se sentou numa pequena mesa amarela no jardim de cascalhos, onde almoçou sopa de batatas e um cacho de uvas.

O sol brilhava através da densa folhagem dos castanheiros, mas a cadeira de ferro era muito desconfortável, pois era dura e fria. Embora ainda faltasse mais de uma hora para o horário do trem, ela decidiu esperar na estação, onde poderia apreciar a paisagem.

Seu estado de agitação febril era tal que o ato de sair do hotel já parecia colocá-la mais perto de casa. Sentiu um prazer imenso em pagar a conta e oferecer uma gorjeta aos funcionários que

ainda estavam no hotel. Embora não estivesse vendo nenhum hóspede, ela atravessou o jardim apressada como se fosse cabular aula na escola, temendo ser detida no último minuto.

Sentiu-se estranha usando trajes sofisticados de viagem e salto alto de novo, enquanto andava aos tropeços pelo caminho rústico, seguida por um carregador que levava sua bagagem. A sensação não era das mais confortáveis depois de semanas de liberdade, mas Iris a recebeu com prazer como parte de seu retorno à civilização. Ao se sentar na plataforma, com a mala aos pés e o lago reluzente lá em baixo, ela notou que havia chegado ao auge da felicidade.

O ar estava límpido e carregava o vigor da altitude. Quando o sol bateu na sua pele, Iris se sentiu mergulhada no calor e banhada de luz. Tirou o chapéu e olhou para a sinalização, antecipando a emoção da luz se acendendo, acompanhada da visão de uma locomotiva surgindo em perspectiva no fim dos trilhos.

Havia outras pessoas na plataforma, pois a chegada do trem expresso era o principal acontecimento do dia. Estava muito cedo para os viajantes de fato, mas um monte de gente desocupada, tanto visitantes quanto nativos, se juntava em volta das bancas de frutas e jornais. Era uma companhia agradável e barulhenta de muitas línguas misturadas. Iris só escutou algumas palavras em inglês quando viu dois homens chegando pela estrada, vindos do vilarejo.

Eles se apoiaram na paliçada atrás dela e continuaram a conversar. A princípio, ela não se interessou o suficiente para se virar e ver o rosto deles, mas as vozes que ouvia eram tão distintas que, em pouco tempo, ela conseguiu imaginá-los.

Um deles, que ela julgou ser o mais jovem, falava com paixão e de maneira desordenada. Ela teve certeza de que ele era inteligente, e de que sua mente devia ser um turbilhão de ideias. Falava rápido demais e muitas vezes tropeçava tentando encontrar uma palavra, não porque tinha um vocabulário limitado, mas provavelmente porque escolhia demais.

Aos poucos ele foi ganhando a simpatia dela, em parte porque suas ideias pareciam ser semelhantes às suas – ou melhor, discordantes –, e em parte porque, instintivamente, ela desgostava

do outro interlocutor. Seu sotaque era pedante e intencionalmente culto. Falava de modo deliberado, com uma autoridade irritante, que traía sua mentalidade inflexível.

“Ó, não, meu caro Hare.”

Para Iris, podia bem ter sido “Watson”.

“Você está abismalmente errado. Já foi provado conclusivamente que não há sistema de justiça melhor ou mais justo do que o julgamento pelo tribunal do júri.”

“Julgamento por cretinos”, disse a voz do mais jovem, atabalhoada. “Você está falando de cidadãos comuns. Ninguém é comum, mas sim um poço de preconceitos particulares. Uma mulher que sente rancor pelo próprio sexo, um homem que se irrita com questões morais. Todos condenam o prisioneiro por diferentes questões. E todos têm seus negócios ou suas casas para onde querem voltar. Ficam olhando o relógio e compreendem apenas o óbvio.”

“São todos dirigidos pelo juiz.”

“E até que ponto eles se lembram desse direcionamento? Nós sabemos como nossa mente escapa quando estamos ouvindo um discurso qualquer. Além disso, depois que o juiz coloca os pingos nos is e corta todos os tês, eles saem em bando e depois voltam com o veredito equivocado.”

“E por que você supõe o veredito como equivocado? Todos formaram sua conclusão própria sobre o depoimento das testemunhas.”

“Testemunhas.” Acalorado, o jovem deu um murro na cerca. “A testemunha é a parte mais condenável da situação. Tem de ser muito estúpida para ser manipulada por algum advogado matreiro, ou muito esperta, destruindo com a mentira a vida de um pobre qualquer, simplesmente para depois ler elogios à sua maravilhosa memória e capacidade de observação, e ver sua fotografia nos jornais. Só fazem isso pela publicidade.”

O mais velho riu com tal superioridade que irritou a personalidade do colega.

“Quando me acusarem de tê-lo assassinado, professor, que eu seja julgado por uma equipe de juízes capazes de fazer uso do

conhecimento teórico e da justiça imparcial para se ater aos fatos.”

“Você está sendo tendencioso”, disse o professor. “Deixe-me tentar convencê-lo. O júri é inteligente como grupo e capaz de julgar o caráter. Certas testemunhas são confiáveis, outras devem ser vistas com desconfiança. Por exemplo, como você descreveria aquela morena ali, com cílios artificiais?”

“Atraente.”

“Hum. Eu a definiria como meretriz, e assim o faria qualquer homem comum do mundo. Agora, vamos supor que ela e aquela moça inglesa, usando um Burberry, sejam testemunhas controversas. Uma delas tem de estar mentindo.”

“Não concordo. Podem variar no ponto de vista. O homem comum, que tem seu próprio jardim em casa, pode ver uma flor e jurar que se trata de uma lilás, mas quando vai a um jardim botânico, descobre que ela é classificada como *siringa*.”

“O nome genérico...”

“Eu sei, eu sei. Mas se um João da Silva jura que siringa é branca, enquanto outro jura que é malva, você há de convir que haverá espaço para uma confusão. Com as provas pode acontecer a mesma coisa.”

“Você não desviou do meu argumento?”, perguntou a voz convencional. “Coloque as duas mulheres, separadamente, no banco das testemunhas. E agora, em *qual* você vai acreditar?”

Iris comparou as duas testemunhas hipotéticas. Uma fazia o tipo característico de inglesa do campo, de constituição robusta e rosto agradável e inteligente. Se atravessava as faixas da estação como se tivesse a preferencial, fazia-o meramente como atalho até seu objetivo legítimo.

Por outro lado, a morena bonita era a nítida indolente. A saia justa e a blusa bordada em estilo camponês passariam como traje de férias de qualquer moça da cidade; mas, apesar dos lábios vermelhos atraentes e os olhos expressivos, Iris só conseguia pensar numa cigana que tinha acabado de roubar um frango para comer.

Contra sua vontade, ela teve de concordar com o professor. No entanto, quase sentiu raiva do mais jovem quando ele deixou de

argumentar, porque havia apoiado quem perdeu a discussão.

“Entendo o que você quer dizer”, disse ele. “A impermeabilização britânica sempre vence. Mas a borracha do Congo foi um negócio e tanto, e uma crença tão forte assim na impermeabilização pode levar a uma baita confusão... Venha, vamos beber alguma coisa.”

“Obrigado, mas desde que eu faça o pedido. Quero aproveitar todas as oportunidades de falar a língua local.”

“Quisera eu esquecê-la. Para mim é detestável – uma língua de saliva e espirros. Você leciona Línguas Modernas, não é? Muitas alunas nas suas aulas?”

“Sim... infelizmente.”

Iris ficou chateada quando eles se afastaram, pois tinha certo interesse na conversa. A multidão na plataforma aumentou, embora o trem fosse chegar apenas dali a trinta e cinco minutos, no mínimo. Agora ela tinha de dividir o banco com outras pessoas, e uma criança havia se agachado em sua mala.

Apesar de frustrada pelas circunstâncias, ela não lamentou a intrusão. A confusão não podia afetá-la porque ela estava totalmente entregue ao momento. O brilho do sol, a luz vacilante atravessando a folhagem verde das árvores, o reflexo do lago – todo o conjunto a hipnotizava, deixando-a estática, num estado de êxtase.

Não havia nada que pudesse alertá-la do ataque. Quando menos esperava, sobreveio-lhe o golpe.

De repente, ela sentiu uma dor violenta na nuca. Antes de se dar conta, as montanhas cobertas de branco balançaram, o céu azul escureceu e ela mergulhou na escuridão.

# CAPÍTULO 6

---

## A sala de espera

Quando Iris recobrou a consciência, sua visão foi retornando aos poucos. Ela viu parte de rostos flutuando no ar. Parecia o mesmo rosto – magro e pálido, com olhos escuros e dentes malcuidados.

Pouco a pouco, ela percebeu que estava deitada num banco, numa espécie de galpão escuro, cercada por um círculo de mulheres. Elas pareciam camponesas, com um traço racial semelhante, provavelmente acentuado pela endogamia.

Elas olhavam para Iris com indiferença, como se ela fosse um espetáculo de rua – um animal moribundo ou um homem convulsionando. Não havia compaixão no rosto inexpressivo delas, não havia o brilho da curiosidade em seu olhar embotado. Em seu completo desinteresse, pareciam destituídas de qualquer instinto humano.

“Onde estou?”, perguntou, perturbada.

Uma mulher, vestida de jardineira preta, de repente disparou a falar os sons guturais que não faziam o menor sentido para Iris. Ela ouviu com o mesmo pânico de impotência que a abalara no dia anterior, enquanto estava no desfileiro. Na verdade, o rosto da mulher estava tão próximo que ela conseguia ver seus poros e os pelos brotando das narinas; no entanto, o abismo que as separava era tão grande que talvez as duas estivessem em planetas diferentes.

Ela precisava de alguém que iluminasse sua escuridão, que retirasse o véu que a cobria e a cegara. Havia acontecido *alguma coisa* da qual ela não tinha conhecimento.

Sua necessidade estava além do que podia ser transmitido por mímicas. Apenas uma explicação lúcida poderia esclarecer a confusão de seus sentidos. Nesse momento, ela pensou nas

peessoas do hotel, de quem tinha praticamente fugido. Sentiu que daria anos de vida só para ver o rosto forte e pio do pároco olhando para ela, ou para olhar nos olhos da esposa dele.

Esforçando-se para compreender a realidade, Iris olhou ao redor. O lugar parecia vagamente familiar, com paredes revestidas em madeira e o chão arenoso, que servia de escarradeira comunitária. Uma lâmina de luz do sol carregada de poeira, entrando inclinada de uma janela estreita, refletia-se sobre um monte de copos grossos de vidro empilhados numa prateleira, e sobre um maço de papéis esvoaçantes.

Ela levantou rápido a cabeça e sentiu uma fisgada dolorosa, seguida de uma crise de tontura. Por um instante, achou que ia vomitar; mas no segundo seguinte, a náusea foi sobrepujada por um choque de memória.

Aquela era a sala de espera da estação. No dia anterior ela estivera ali com seus amigos para uma última bebida. Como caminhões que ajustavam sua carga aos solavancos, seus pensamentos foram se conectando pela sequência de ligação da ferrovia. Ela se lembrou de que estava sentada na plataforma, à luz do sol, esperando o trem.

Seu coração começou a bater forte. Ela estava voltando para a Inglaterra. Contudo, não tinha a menor ideia do que havia acontecido depois do desmaio, ou há quanto tempo tinha ocorrido. Talvez o trem tivesse chegado e partido, deixando-a para trás.

Em seu nervosismo, a ideia lhe pareceu a catástrofe suprema. Sua cabeça girou de novo e ela teve de esperar que uma névoa se dissipasse dos seus olhos para enxergar os ponteiros em seu minúsculo relógio de pulso.

Para sua alegria, ela descobriu que ainda tinha vinte e cinco minutos para se recuperar antes da jornada. "O que aconteceu comigo?", perguntou a si mesma. "O que me fez desmaiar? Será que fui atacada?"

Fechou os olhos e tentou desesperadamente limpar suas ideias. Mas seu último momento de consciência guardava apenas a memória do céu azul e do lago esverdeado, vistos como se através de um cristal.

De repente, ela se lembrou de sua bolsa e tateou em volta, tentando encontrá-la. Para seu desalento, a bolsa não estava ao seu lado, nem perto do banco. Sua mala estava no chão, e o chapéu fora colocado em cima dela, como se para delimitar suas posses.

“Minha bolsa”, gritou ela, em pânico. “Cadê minha bolsa?”

Sua bolsa guardava não só dinheiro e passagens, mas também o passaporte. Sem ele, seria impossível continuar a viagem. Mesmo que embarcasse no trem, se estivesse sem dinheiro, seria mandada para fora na primeira fronteira.

Só de pensar naquilo, ela se desvairou. Teve certeza de que as mulheres ao seu redor combinaram de roubá-la enquanto estava indefesa, à mercê de todas elas. Quando se levantou do banco, elas a empurraram de volta.

O sangue lhe subiu à cabeça e ela resistiu furiosamente. Enquanto lutava para se libertar, percebeu uma confusão ao redor – sentiu uma dor latejante, ouviu vozes cada vez mais fortes e viu alguns flashes de luz. Escutava o ruído de respirações ofegantes, talvez abafados por um som impetuoso e estranho, como se uma fonte de água presa debaixo da terra de repente arrebetasse o solo.

Apesar do esforço de Iris, a mulher de macacão preto a empurrou de novo contra o banco, enquanto uma moça gorda, usando um corpete apertado, levava um copo à boca de Iris. Quando se recusou a engolir, elas a trataram como criança, segurando-lhe pelo queixo e despejando-lhe o líquido goela abaixo.

Ela tossiu e engasgou, e sua cabeça pareceu se avolumar de tanta dor. Apavorada com a perspectiva de ter outro ataque, entregou-se à sua miserável impotência. Seu instinto lhe disse que, se ela se agitasse demais, a qualquer momento as paredes podiam balançar – do mesmo modo que as montanhas gélidas –, anunciando o princípio da extinção total.

Da próxima vez, ela poderia não despertar. Além disso, ela não ousaria correr o risco de ficar doente no vilarejo, sozinha, e tão distante dos amigos. Se voltasse para o hotel, poderia pedir ajuda financeira aos hóspedes ingleses, enquanto, sem dúvida, outro

passaporte era providenciado. Mas isso significava que sua viagem sofreria um atraso.

Ainda havia o agravante de todas essas pessoas lhe serem estranhas, cujas férias estavam quase no fim. Dentro de um dia todos teriam ido embora, enquanto ela provavelmente estaria presa ali, indefinidamente, exposta à indiferença e à negligência. O hotel também estava praticamente fechado.

“Não posso ficar doente”, pensou Iris. “Preciso sair daqui agora, enquanto ainda há tempo.”

Iris teve certeza de que, se conseguisse embarcar no trem, só de saber que estava voltando para a civilização, quilômetro por quilômetro, ela teria fibra para seguir até chegar a um lugar familiar. Pensou na Basileia, às margens do rio Reno, cor de jade, com seus hotéis excelentes onde se falava inglês e onde ela poderia ficar doente e ser entendida com dignidade.

Tudo girava em torno de apanhar ou não o trem. A questão a deixou desesperada para encontrar sua bolsa. Quando começou a lutar de novo para ficar de pé, se deu conta de que alguém estava tentando se comunicar com ela.

Era um senhor com uma camisa suja, o rosto nodoso parecido com um duende – queimado de sol e cheio de rugas, como marcas no tronco de uma árvore cujos galhos foram cortados. Ele não parava de tirar o chapéu sujo e colocá-lo de volta, levantando-o lá no alto e baixando-o sobre a cabeça de Iris.

Subitamente ela entendeu o significado. Ele estava dizendo que ela sofreu uma insolação enquanto estava sentada na plataforma.

A explicação foi um grande alívio, porque ela estava assustada e confusa com o mistério de seu mal-estar. Raramente ela se sentia indisposta, e nunca havia desmaiado. Além disso, teve a prova de que, apesar do receio, nem todos os canais de comunicação estavam bloqueados, uma vez que os assuntos não fossem muito complicados.

Embora ainda estivesse muito ansiosa com a chegada do trem, conseguiu abrir um leve sorriso para o carregador. Como se estivesse esperando algum sinal de encorajamento, enfiou a mão pela gola da camisa suja e puxou a bolsa de Iris.

Com um grito, Iris pegou a carteira da mão dele. Pensando em todas as pessoas que estavam na plataforma, ela não esperava encontrar o dinheiro, mas havia uma possibilidade mínima de seu passaporte não ter sido roubado.

Puxou o zíper com os dedos trêmulos e descobriu, para sua total surpresa, que todo o conteúdo da bolsa estava intacto. Passagens, dinheiro, passaporte – até o recibo da conta do hotel, estava tudo lá.

Ela havia duvidado da honestidade dos nativos de um jeito grosseiro, e se apressou para corrigir o equívoco. Pelo menos dessa situação ela entendia. Como de costume, alguém havia aparecido para ajudá-la, em consonância com a tradição do quadrado protetor que ela carregava na palma da mão. Sua parte, que consistia em simplesmente pagar pelos serviços prestados, era fácil.

As mulheres receberam o dinheiro inesperado com o rosto impassível. Aparentemente, estavam aturdidas demais para demonstrar alegria ou gratidão. O velho carregador, por outro lado, mostrou-se radiante e agarrou a mala de Iris, demonstrando que ele, também, tinha entendido a situação.

Apesar de tê-la tomado a contragosto, a bebida indigesta, junto com a mudança das circunstâncias, deixou Iris bastante reanimada. Ela se sentiu recuperada quase totalmente e dona de si ao mostrar a passagem para o carregador.

O efeito sobre ele foi elétrico. Começou a tagarelar de animação, segurando-a pelo braço e conduzindo-a até a porta. Assim que atravessaram a porta, Iris descobriu a origem do barulho curioso que dominava a estação e ajudara a complicar seu pesadelo.

Era um jato de vapor que escapava da locomotiva. Enquanto deixava seus preciosos minutos passarem, o trem entrara na estação.

Agora, estava prestes a partir.

A plataforma era o cenário de uma confusão desenfreada. As portas batiam, as pessoas gritavam saudações de despedida e se apinhavam na frente dos vagões. Até que um funcionário agitou uma bandeira e o apito soou.

Eles estavam um minuto atrasados. Iris percebeu que fora vencida pelo relógio, e, no mesmo instante, o carregador se agarrou àquele momento psicológico e se deixou conduzir por ele até o trem. Aproveitou o breve intervalo entre o primeiro solavanco da locomotiva e o giro das rodas para se atirar e abrir caminho entre as pessoas, como um velho tigre.

Seu corpo velho, porém robusto, ainda esbanjava força e agilidade suficientes para que alcançasse o vagão mais próximo e abrisse a porta dando-lhe um violento puxão.

A subida foi contestada por uma majestosa dama vestida de preto. Como camponês, ele se sentia instintivamente ameaçado pela figura dessa mulher. Por outro lado, no entanto, sua cliente havia lhe pagado uma quantia muito maior do que ele ganhara em gorjetas durante toda a curta temporada.

Além disso, sua cliente tinha um lugar no trem por direito. Esquivando-se por baixo do braço da respeitável senhora, ele arremessou a mala de Iris para dentro do vagão e a embarcou em seguida.

O trem estava em movimento quando ele saltou e caiu desconjuntado na plataforma. Não se machucou, pois quando Iris olhou para trás e acenou para agradecer, ele sorriu para ela como um gnomo sem dentes.

A essa altura, ele já estava a muitos metros de distância. Do trem, a estação passava deslizando, e a água do lago batia contra as vigas do embarcadouro. Passou ondulando pela janela como se fosse um lençol de esmeraldas, encrespado pela brisa e abrilhantado pelo sol. Enquanto o trem balançava na curva dos trilhos, prestes a entrar num corte entre as rochas, Iris virou a cabeça para dar uma última olhada no vilarejo – um amontoado fantástico de construções coloridas, pequeninas à distância, todas empoleiradas na encosta verde do vale.

# CAPÍTULO 7

---

# Passageiros

Quando o trem saiu chacoalhando do túnel e surgiu num desfiladeiro encrespado de árvores do outro lado, Iris olhou o relógio. Segundo o que os ponteiros mostravam, o expresso para Trieste ainda não devia nem ter chegado à estação do vilarejo.

“Ele deve ter parado quando desmaiei”, concluiu Iris. “Que sorte. Eu podia ter perdido o trem.”

O pensamento a fez se sentir profundamente grata por estar voltando para a Inglaterra. Nas últimas vinte e quatro horas, ela experimentou emoções mais conflitantes do que tivera em toda uma vida de conforto e circunstâncias favoráveis. Havia conhecido a impotência apavorante de estar sem amigos, doente e sem dinheiro – com todos os elos cortados. Até que, quando pensou estar no fundo do poço, sua sorte virou, como sempre acontecia.

Em contrapartida, os meandros cotidianos geralmente envolvidos nos transportes se transformaram num arroubo temporário. A viagem de trem não era mais um castigo, que só se tornava suportável com a ajuda de paliativos como reservas, flores, frutas, chocolates, livros leves e um grupo de amigos para dar incentivo.

Quando se sentou, apertada no vagão desconfortável de um trem que não era muito limpo, com poucas possibilidades de conseguir um vagão leito em Trieste, ela sentiu a emoção de uma primeira viagem.

O cenário conservava intacta sua bárbara magnificência na paisagem acidentada. O trem seguia seu caminho, passando por amontoados de uma natureza despedaçada, como uma gravura em aço feita por Gustave Doré, representando o Inferno de Dante. Quedas d’água entalhavam nervuras prateadas nos paredões dos

precipícios de granito. De vez em quando, o trem passava por trechos áridos, onde pequenos lagos escuros, debruados por juncos também escuros, estendiam-se nos vales desolados.

Iris olhava tudo isso pela janela do trem, feliz por estar protegida pelo vidro. Esse esplendor era o resquício de um mundo assolado pelas forças da natureza, um lembrete de que ela tinha acabado de ser machucada por seu primeiro contato com a realidade.

Ela ainda evitava se lembrar dos primeiros fatos, ainda que o pesadelo da estação de trem tenha sido o ponto principal da montanha que ficara para trás. Agora que ela ficava mais distante a cada minuto, deslizando para trás no mesmo rastro dos trilhos, Iris ousava pensar em como ela havia escapado por muito, muito pouco de um desastre.

Entre as pessoas que estavam na estação, devia haver uma porcentagem de gente desonesta, pronta para tirar vantagem da oportuna combinação entre uma estrangeira inconsciente – que não tinha valor – e uma bolsa de mão vistosa que prometia uma rica quantia. No entanto, o carregador com cara de gnomo estava no lugar certo, na hora certa.

“As coisas sempre acabam bem para mim”, pensou ela. “Mas... deve ser terrível para os outros.”

Pela primeira vez, ela percebeu o destino dos infelizes que não tinham um quadrado na palma da mão. Se houvesse um acidente, ela sabia que passaria ilesa na parte central do trem, assim como certos passageiros estavam inevitavelmente condenados a ocupar os vagões esmagados.

Estremecendo com o pensamento, Iris olhou distraidamente para a mulher sentada na sua frente. Era um tipo negativo em todos os aspectos – de meia-idade, com um monte de traços indefinidos e o rosto sem cor. Alguém tinha desenhado um rosto e depois o apagado quase totalmente. Tinha o cabelo anelado descolorido e a pele pálida como mingau de aveia.

Não era suficientemente uma caricatura a ponto de sugerir uma solteirona típica. Tampouco seu conjunto de tweed e o chapéu

combinando estavam fora de moda, embora carecessem de originalidade.

Em circunstâncias normais, Iris não teria olhado para ela duas vezes, ou pensado nela de novo. Naquele dia, no entanto, ela olhou para a senhora com compaixão.

“Se *ela* estivesse no meio daquela gente toda, ninguém a ajudaria”, pensou Iris.

Era desconfortante pensar que uma parcela da população mundial não devia ter amigos, dinheiro ou influência; pessoas sem importância das quais ninguém nunca sentiria falta, e que desapareceriam sem deixar nenhum vestígio para trás.

Para se distrair dos próprios pensamentos, Iris tentou olhar para a paisagem de novo. Mas a janela agora estava bloqueada pelos passageiros que não encontraram assentos disponíveis e ficaram de pé no corredor. Pela primeira vez, portanto, ela passou os olhos deliberadamente pelos outros ocupantes da cabine.

Havia seis no total – a quantidade apropriada –, mas com ela somavam-se sete pessoas, o que era ilegal. Ao seu lado havia uma família – o pai e a mãe corpulentos, e uma menina menorzinha, de uns doze anos.

O pai tinha a cabeça raspada, o bigode encerado e queixo duplo. Seus óculos de casco de tartaruga e sua cômoda aparência davam-lhe o aspecto de um cidadão próspero. Sua esposa tinha uma franja preta, em corte reto e brilhosa, e sobrancelhas cerradas como se desenhadas com carvão. A menina usava meias infantis que não correspondiam à sua expressão adulta. Seu cabelo tinha acabado de ser penteado depois de um permanente, pois ainda estava preso com grampos.

Todos usavam roupas novas e elegantes, provavelmente inspiradas por um manual de estenografia. O pai usava listras; a mulher, bolinhas; a menina, xadrez. Distraída, Iris pensou que se eles fossem separados e depois reagrupados ao acaso, seriam capazes de transmitir ao mundo uma mensagem estenografada.

Pelo que se via, certamente a mensagem seria um lema familiar, pois pela forma como repartiam o jornal, demonstravam ter um espírito de harmonia. A mãe olhava o caderno de moda; a garota

lia a página infantil; e pelas colunas muito juntas, Iris imaginou que o chefe da família segurava o caderno financeiro.

Virou os olhos para o lado oposto da cabine. Sentada ao lado da mulher de tweed havia uma moça muito bonita, que parecia ter saído diretamente de qualquer cartaz com uma estrela loira do cinema. Ela tinha os mesmos cabelos reluzentes, grandes olhos azuis, com cílios postiços e sobrancelhas arqueadas, como asas de uma borboleta. Tinha as bochechas sombreadas e os lábios vermelhos bem delineados.

Apesar da delicadeza de seus traços, ela tinha uma beleza padrão e sem vida. Usava um conjunto branco apertado, com uma blusa preta de cetim, justa e de gola alta. O chapéu, as luvas altas e a bolsa também eram pretos. Estava sentada com o corpo ereto e imóvel, mantendo a pose impecável, como se estivesse sendo fotografada para um cartaz.

Apesar de ser tão magra a ponto de parecer morrer de fome, ela havia invadido um pouco o espaço da solteira de tweed, para deixar uma brecha considerável entre ela e a figura que havia se oposto à entrada de Iris.

Não havia dúvidas de que essa majestosa senhora pertencia à classe dominante. Seus olhos inchados de olheiras estavam cheios de orgulho, e seu nariz era um bico de arrogância. Vestida e semicoberta de um preto pesado, seu corpo volumoso ocupava quase metade do assento. Para surpresa de Iris, ela a estava mirando fixamente com olhos hostis, o que a fez se sentir tanto culpada quanto constrangida.

“Eu sei que entrei à força no vagão”, pensou Iris. “Mas ela tem *muito espaço*. Para minha felicidade, eu adoraria poder explicar.”

Inclinando-se para frente, Iris dirigiu-se impulsivamente a ela.

“Você fala inglês?”

Aparentemente, a pergunta foi um insulto, pois a senhora cerrou os olhos com proposital insolência, como se não suportasse a visão de um plebeu.

Iris mordeu os lábios e olhou para os outros passageiros. A família continuava com os olhos fixos no jornal; a solteirona de tweed passava a mão na saia; a loira bonita olhava para o nada.

De algum modo, Iris teve a impressão de que essa polida falta de reação era um tributo de respeito à senhora.

“Será que ela é o equivalente local ao touro negro sagrado?”, perguntou-se, irritada. “Será que as pessoas só falam depois que ela fala primeiro?... Bom, para mim ela não passa de uma gorda com luvas de pelica horrorosas.”

Tentou se ater à sua atitude crítica, mas foi em vão. A altaneira figura de preto parecia emanar uma aura de autoridade opressora.

Agora que sua agitação ia passando, Iris começou a sentir os efeitos de sua leve insolação. Sua cabeça doía e sua nuca estava tão dura que parecia reforçada por um vergalhão de ferro. Os sintomas foram um alerta para que tivesse cuidado. Com a ameaça de uma doença ainda pairando sobre ela, Iris concluiu que devia resguardar toda a força de seus nervos e não desperdiçar energia com desafetos imaginários.

Sua decisão não evitou que seu desconforto aumentasse. O vagão não parecia apenas abafado, mas também opressivo por causa da personalidade da viúva-negra. Iris estava convencida de que a senhora era um poço de preconceitos – um obstáculo no caminho de uma vida saudável em sociedade. Esse tipo era sempre um entrave ao progresso.

Com o rosto desanimado, ela olhou para as janelas fechadas da cabine. A extremidade do corredor, onde estava sentada, estava cheia demais para a entrada de ar lá de fora, então ela se levantou e segurou na alça da janela.

“Você se importa?”, perguntou ela, educada, esperando que com a entoação os outros passageiros entendessem que ela estava pedindo permissão para baixar o vidro.

Como esperado, o senhor da família se levantou e tomou a alça da mão dela. Em vez de terminar o trabalho, no entanto, ele olhou respeitosamente para a senhora, como se ela fosse sacrossanta, e depois franziu a testa para Iris, balançando a cabeça um pouco.

Furiosa com a negação, Iris voltou para seu canto.

“Vou ter que aguentar”, pensou ela. “Vou ter que aguentar calada. Eu que sou a intrusa aqui.”

Uma nova sensação para ela, o membro mais popular do grupo: fazer parte de uma minoria. Além de ter de suportar a falta de ventilação, a incapacidade de explicar suas ações ou expressar um desejo dava-lhe a sensação de estar desprovida de duas faculdades: falar e ouvir.

Logo em seguida, a porta se abriu e um homem alto se espremeu para dentro do vagão. Embora tenha percebido que seus sentimentos estavam à flor da pele, Iris pensou que nunca tinha visto um rosto mais repulsivo na vida. O homem era pálido como uma argila branca; tinha olhos escuros sem vida e uma barba preta cheia e comprida.

Ele fez uma mesura para a senhora e começou a falar com ela, sempre de pé. Sua história era de fato interessante, pois Iris notou que os outros passageiros, inclusive a menina, ouviam com interesse.

Enquanto falava, os olhos dele, por detrás dos óculos, passaram por todo o vagão e finalmente pararam sobre ela. Tinha um olhar penetrante, embora impessoal, como se ela fosse um espécime em análise numa lâmina de microscópio. No entanto, de algum modo, ela teve a impressão de que não era um espécime bem-vindo, tampouco um que ele esperava ver.

Inclinando-se até que seus lábios estivessem na altura do ouvido da senhora, ele perguntou alguma coisa com a voz bem baixa. Ela respondeu com um sussurro, fazendo Iris pensar em duas varejeiras zumbindo dentro de uma garrafa.

“Estou imaginando coisas ou essas pessoas realmente me odeiam?”, pensou.

Ela sabia que estava ficando cada vez mais obcecada pela ideia de uma hostilidade secreta e geral – algo obviamente absurdo, uma vez que o homem de barba cheia nunca a vira antes. Ela estava apenas incomodando alguns estranhos, de quem se separava naturalmente pela barreira da linguagem.

Fechando os olhos, ela tentou se esquecer das pessoas no vagão. Contudo, a presença do homem continuava deixando-a desconfortável. Seu rosto brando parecia penetrar-lhe os olhos pelas pálpebras fechadas e flutuar na sua frente.

Foi um grande alívio quando o zumbido cessou e ela o ouviu sair do vagão. Assim que ele saiu, ela voltou ao seu estado normal e teve consciência de uma fortíssima dor de cabeça. As duas coisas mais importantes na vida eram chá e cigarros; no entanto, ela não ousava fumar porque podia estar doente, enquanto o chá parecia a característica de uma civilização perdida.

O trem agora passava por um lugar deserto, só de rochas e pinha. O sinal mais próximo de uma habitação foi um castelo que por acaso passou, extremamente antigo e em ruínas. Enquanto observava esse cenário fantástico, um funcionário do trem enfiou a cabeça na porta e gritou alguma coisa que parecia uma blasfêmia.

Os outros passageiros ouviram indiferentes, mas Iris começou a abrir a bolsa, no caso de ele pedir o passaporte ou as passagens. Enquanto puxava o zíper, ficou maravilhada ao ouvir uma voz nítida, em inglês.

A solteirona de tweed havia se levantado e estava lhe fazendo uma pergunta.

“Gostaria de ir ao vagão-restaurante para tomar um chá?”

# CAPÍTULO 8

---

## Hora do chá

Iris ficou muito surpresa para responder. Olhou incrédula para as terras arenosas e cheias de plantas espinhosas que passavam pela janela, como se esperasse vê-las se transformar em chalés suíços, ou em lagos italianos.

“Ó”, suspirou ela. “A senhora é inglesa.”

“É claro. Achei que parecesse típica. Gostaria de tomar um chá?”

“Sim, é claro.”

Ao caminhar pelo vagão atrás de sua guia, Iris descobriu consternada que sua cabine ficava no final do corredor, bem na ponta do vagão. Parecia que seu quadrado protetor não lhe dava garantias contra acidentes, afinal de contas.

“Estamos perto da locomotiva?”, perguntou.

“Não, não”, garantiu-lhe a senhora de tweed. “Há vagões comuns no meio. É um trem muito comprido, porque o fim da estação é muito movimentado. Precisaram abarrotá-lo quase usando uma calçadeira.”

Aparentemente, ela era do tipo que prestava atenção em tudo, pois de imediato começou a dar todas as informações.

“Dê uma boa olhada no vagão adjacente ao nosso quando passarmos, e depois eu lhe conto uma coisa.”

Iris obedeceu, embora não estivesse nem um pouco curiosa. E se arrependeu imediatamente, porque não conseguia se esquecer do que viu.

Uma figura rígida, coberta por algumas mantas, estava deitada num dos bancos. Era impossível dizer se homem ou mulher, pois a cabeça, os olhos e a testa estavam enfaixados, e outras partes do corpo, escondidas por um monte de curativos. Aparentemente, o rosto estava bastante mutilado.

Iris recuou apavorada, o que só fez piorar, quando percebeu que o homem pálido, de barba cheia, estava cuidando do doente. Ao lado dele havia uma freira, cuja expressão tinha tanta insensibilidade que era difícil conectá-la a uma atitude de misericórdia.

Enquanto conversavam, o paciente levantou a mão penosamente. Embora tenham visto o movimento, eles o ignoraram. Poderiam ter sido carregadores, responsáveis pelo transporte de um monte de madeira, em vez de um ser humano em sofrimento.

Os dedos trêmulos despertaram em Iris uma forte compaixão. Contraindo o corpo ao pensar que, se os dados tivessem caído de outro jeito, ela também poderia estar ali deitada, abandonada aos cuidados de algum estranho.

“Aquela freira parece criminosa”, sussurrou Iris.

“Ela não é freira”, disse a senhora de tweed, “é enfermeira”.

“Nesse caso, tenho pena do paciente. É terrível viajar doente. E ela não é um espetáculo. Por que não abaixam a persiana?”

“Ficaria abafado para eles.”

“Coitado. Imagino que seja um homem?”

Iris estava tão ingenuamente ansiosa para romper de uma vez o paralelo entre ela e a figura imóvel que ficou decepcionada quando sua colega balançou a cabeça.

“Não, uma mulher. Eles embarcaram na nossa estação, mais acima. O médico estava falando com a baronesa sobre isso. Ela foi gravemente ferida num acidente de moto e corre sério risco de ter algum dano cerebral. Então o médico a está levando às pressas para Trieste, para uma operação arduosa. É uma tentativa desesperada de salvar sua vida e sua razão.”

“Aquele homem de barba preta é médico?”, perguntou Iris.

“Sim, e muito bom.”

“É mesmo? Eu preferiria me consultar com um veterinário.”

A senhora de tweed, que seguia um pouco mais à frente não ouviu o murmúrio de protesto. Elas tiveram de abrir caminho pelos corredores amontoados, e quando chegaram à metade do caminho,

a solteirona trombou com uma senhora alta e morena vestida de cinza, que estava parada junto à porta de um vagão lotado.

“Ó, me desculpe”, disse ela. “Eu estava olhando lá fora para ver se nosso chá já estava chegando. Fiz o pedido para o atendente.”

Iris reconheceu a voz da sra. Barnes e recuou, pois não estava com a menor vontade de se encontrar com o pároco e sua esposa.

Mas sua colega deixou escapar um grito de alegria.

“Ah, você também é inglesa”, disse ela. “Hoje é meu dia de sorte.”

Quando percebeu que os olhos castanhos e convidativos da sra. Barnes transpareciam confiança, ela acrescentou:

“Estive exilada por um ano.”

“Está voltando para casa?”, perguntou a sra. Barnes, com uma simpatia imediata.

“Sim, mal consigo acreditar. É muito bom para ser verdade. Devo pedir ao garçom para trazer o seu chá?”

“Seria muita gentileza. Meu marido é um verdadeiro desastre em viagens, como muitos outros homens grandes e fortes.”

Iris ouviu impaciente, pois suas têmporas estavam começando a latejar. Agora que a sra. Barnes conseguira introduzir o nome do marido na conversa, ela sabia que o chá seria adiado indefinidamente.

“Não estamos impedindo a passagem?”, perguntou.

A sra. Barnes reconheceu Iris com um sorriso forçado, pois o episódio de Gabriel ainda lhe causava ressentimento.

“Está surpresa em nos ver?”, perguntou a sra. Barnes. “Acabamos decidindo não esperar o último trem. E nossas amigas, as srtas. Flood-Porter, vieram conosco. Na verdade, viemos em tropa, pois os recém-casados também estão aqui.”

Iris já tinha se adiantado um pouco mais pelo corredor agitado quando a senhora de tweed falou com ela por sobre os ombros.

“Que rosto delicado tem sua amiga. Parece uma madona entristecida.”

“Ah, não, ela é bastante animada”, garantiu-lhe Iris. “E definitivamente, não é nada amigável.”

Elas atravessaram a última passagem barulhenta que ligava um vagão a outro e entraram no vagão-restaurant, que parecia já estar cheio. As srtas. Flood-Porter, ambas usando casacos de viagem de linho branco e corte elegante, estavam sentadas numa mesa tomando chá.

Um aceno formal, quando Iris passou bem junto delas, serviu como breve reconhecimento antes de a ignorarem definitivamente.

“Vamos falar com você durante a viagem”, parecia dizer, “mas na Estação Victoria nos tornamos estranhas”.

Como Iris não demonstrou nenhum interesse em se juntar a elas, a srta. Rose não resistiu à tentação de assumir o controle da situação.

“Sua amiga está tentando chamar sua atenção”, disse ela.

Iris se virou e viu que sua colega havia encontrado um último cantinho vazio – uma mesa encostada na parede – e estava segurando o lugar. Quando se juntou a ela, a senhora estava olhando em volta com os olhos brilhando.

“Pedi o chá para sua adorável amiga”, disse ela. “Não está achando tudo isso *divertido*?”

Ela falava com uma alegria tão espontânea e genuína que Iris não poderia criticá-la como se se tratasse de um mero entusiasmo. Olhou desconfiada para as cortinas amarelas de veludo desbotado, para a toalha manchada sobre a mesa, a louça de vidro com geleia de cereja, e depois para sua colega.

Iris teve a leve impressão de que o rosto da senhora carregava marcas de expressão; mas o brilho cintilante de seus olhos azul-claros e o desejo de sua voz sugeriam uma menina.

Algum tempo depois, enquanto ela tentava reunir evidências do que acreditava ser uma extraordinária conspiração, essa discrepância entre uma voz jovial e uma solteirona de meia-idade fez com que Iris duvidasse de seus próprios sentidos. De todo modo, sua memória não estava nada clara, pois ela não se lembrava de ter olhado outra vez para sua colega de maneira consciente.

O sol atravessava resplandecente a janela, tanto que Iris passou a maior parte do tempo cobrindo os olhos com a mão enquanto

tomava chá, protegendo-os pela sombra. Durante o fluxo da conversa, teve a sensação de que estava sendo entretida por uma mulher muito mais nova do que ela.

“Por que está gostando tanto?”, perguntou.

“Porque é uma viagem. Estamos nos movendo. Tudo está se movendo.”

Iris também teve a impressão de que todo o cenário bruxuleava como um filme antigo. Os garçons cambaleavam de um lado para o outro acompanhando o sacolejo do trem, tentando equilibrar as bandejas. O campo e a natureza passavam pela janela. A fuligem caía feito garoa sobre a manteiga e os bolos grudentos. Partículas de pó agitavam-se nos raios do sol, e a porcelana vibrava a cada solavanco da locomotiva.

Enquanto tentava tomar um pouco do chá antes que ele se derramasse inteiro pelas beiradas da xícara, ela descobriu que sua colega era uma preceptora inglesa – srta. Winifred Froy –, e que estava a caminho de casa para passar as férias. Iris ficou surpresa ao saber que os pais dessa senhora tão adulta ainda estavam vivos.

“Meu pai e minha mãe disseram que não falam em outra coisa exceto meu retorno”, declarou a srta. Froy. “Estão mais empolgados que uma criança. E Sock também.”

“Sock?”, repetiu Iris.

“Sim, apelido de Sócrates. E como meu pai o chama. É o nosso cachorro. É um velho pastor inglês, não é puro, mas é tão fascinante! E ele gosta realmente de mim. Minha mãe diz que ele entende que estou voltando para casa, mas não sabe *quando*. Por isso o pateta fica esperando a chegada de todos os trens, depois volta para a casa, com o rabo entre as pernas, um retrato da depressão. Minha mãe e meu pai estão ansiosos para ver a alegria frenética dele na noite em que eu chegar.”

“Eu adoraria conhecê-lo”, murmurou Iris.

A felicidade dos pais da senhora não comoveu Iris, mas ela tinha uma queda toda especial por cães. Formou uma imagem clara de Sock – um mestiço peludo – enorme e absurdamente desajeitado, com olhos âmbar radiantes, escondidos atrás de tufo de pelo, cabriolando como um filhote alegre por reencontrar o dono.

De repente, a srta. Froy se lembrou de alguma coisa e disse:

“Antes que eu me esqueça, gostaria de explicar por que não te defendi a respeito da janela. Não admira que você tenha pensado que eu não era inglesa. Estava mesmo abafado, mas eu não queria interferir por causa da baronesa.”

“A senhora se refere à estarecedora mulher de preto?”

“Sim, a baronesa. Devo favores a ela. Houve uma confusão a respeito do meu lugar no trem. Reservei uma passagem de segunda classe, mas não havia nenhum assento livre. Então a baronesa, muito gentilmente, pagou a diferença para que eu pudesse viajar de primeira classe, na cabine dela.”

“No entanto, ela não parece nada gentil”, murmurou Iris.

“Talvez ela seja um pouco opressora. Mas faz parte da família para a qual eu tive a honra de ser governanta... Não é sábio mencionar nomes em público, mas fui governanta de uma família da alta sociedade no país. Esses distritos remotos ainda são feudais, e séculos atrás de nós. Você não faz ideia do *poder* que tem o... o meu último patrão. O que ele diz, *está dito*. Na verdade, ele não precisa nem dizer. Um aceno com a cabeça já basta.”

“É aviltante”, murmurou Iris, que se ofendia com qualquer tipo de autoridade.

“Sim, é verdade”, concordou a srta. Froy. “Mas essa autoridade está espalhada no ar, e mais cedo ou mais tarde a gente acaba absorvendo e vai perdendo nossa própria coragem. E não é muito inglês... me sinto tão reanimada agora que a conheci. Devemos ficar juntas.”

Iris não prometeu nada. Seu medo não a mudara fundamentalmente, apenas enfraquecera seus nervos. Tinha todos os preconceitos modernos a favor da juventude, e nenhuma intenção de se associar a uma solteirona de meia-idade durante o resto da viagem.

“A senhora vai voltar depois?”, perguntou, distante.

“Sim, mas não para o castelo. Pode parecer estranho, mas eu queria mais seis meses para aperfeiçoar meu sotaque, então aceitei lecionar para crianças do... bom, vamos dizer que ele é o líder da oposição.”

Ela baixou o tom de voz e começou a sussurrar.

“Acontece que há um movimento comunista pequeno, mas em crescimento, que se opõe ao meu último patrão. Na verdade, ele foi acusado de corrupção e de toda sorte de horrores. Eu não questiono se as acusações são verdadeiras, porque não é da minha conta. Só sei que ele é um homem maravilhoso, encantador e de personalidade. Está no sangue... Posso lhe contar uma coisa bem indiscreta?”

Iris assentiu, cansada. Ela estava começando a se sentir zozza por causa do calor e do barulho incessante. O chá não a refrescara, pois a maior parte havia entornado no pires. A locomotiva lançava-se e sacudia sobre os trilhos aos solavancos, expelindo bolas de fumaça acre que passavam pelas janelas.

A srta. Froy continuou sua narrativa, enquanto Iris ouvia com entediada resignação.

“Eu fiquei muito ansiosa quando fui me despedir do... do meu patrão, porque precisava deixá-lo seguro de que eu não o estava traindo só porque ia trabalhar com o ‘inimigo’, por assim dizer. Tanto o criado pessoal quanto a secretária dele me disseram que ele estava fora, no alojamento de caça. Mas por algum motivo qualquer eu achei que eles estavam mentindo. Enfim, passei quase toda a noite acordada, até pouco antes de amanhecer, quando ouvi um barulho de água no banheiro. Só havia um banheiro, minha querida, porque a estrutura do castelo era primitiva – embora meu quarto fosse decorado como um aposento real, todo em douradura e veludo azul-pavão, com um espelho redondo imenso pendurado no teto... Bom, eu me levantei de fininho e o encontrei no corredor. Lá estávamos, apenas um homem e uma mulher – eu vestida de robe, e ele de roupão de banho, com o cabelo todo molhado e despenteado... mas ele foi encantador. Na verdade, ele apertou minha mão e agradeceu pelos meus serviços.”

A srta. Froy fez uma pausa para passar manteiga no último pedaço de pão. Enquanto esfregava os dedos gordurosos, deu um suspiro de felicidade.

“Não sei nem expressar o alívio que foi me despedir nessas circunstâncias tão agradáveis”, disse ela. “Eu sempre tento manter

boas relações com as pessoas. É claro, eu sou insignificante, mas posso dizer honestamente que não tenho um inimigo sequer nesse mundo.”

# CAPÍTULO 9

---

# Compatriotas

“Acho que agora é melhor voltarmos para nossa cabine e liberar espaço para outras pessoas”, disse a srta. Froy. O garçom, que era tanto um juiz de caráter quanto um oportunista, entregou a conta para Iris. Incapaz de decifrar os garranchos, ela colocou uma nota sobre a mesa e se levantou.

“Não vai esperar o troco?”, perguntou a srta. Froy.

Quando Iris explicou que deixaria como gorjeta, a srta. Froy engasgou.

“Mas é um absurdo. Além do mais, eles já cobraram a porcentagem da gorjeta na conta... como conheço melhor a moeda corrente, não acha melhor que eu pague dessa vez? Vou colocar na minha conta e acertamos no fim da viagem.”

O incidente era mais uma prova do trabalho sutil e perfeito do quadrado na palma da mão de Iris. Embora estivesse viajando sozinha, uma guia acabava de se apresentar para livrá-la de todas as suas responsabilidades e preocupações.

“Ela é decente, embora seja uma chata de galochas”, pensou ela, enquanto seguia a srta. Froy pelo vagão-restaurant.

Iris percebeu que as srtas. Flood-Porter, que não tinham terminado seu demorado chá, nem notaram a sua pessoa, mas olharam exclusivamente para sua colega.

A srta. Froy retribuiu o olhar da srta. Rose com sincero interesse.

“Elas são inglesas”, sussurrou ela para Iris, sem saber que já tinham se encontrado antes. “Fazem parte de uma Inglaterra que já está deixando de existir. Pessoas privilegiadas e bem-educadas, que moram em mansões e não gastam sua renda. Lamento muito que estejam desaparecendo.”

“Por quê?”, perguntou Iris.

“Porque, embora eu seja trabalhadora, sinto que essas pessoas que vivem no ócio representam muita coisa boa. Tradição, caridade, prestígio nacional. Elas podem não nos ter como iguais, mas seu senso de justiça se encarrega de que tenhamos direitos iguais.”

Iris não disse nada, embora tenha admitido para si própria que, embora estivessem no mesmo hotel, as srtas. Flood-Porter tiveram mais consideração com as pessoas e com a propriedade do que seus amigos.

Enquanto faziam sua longa e sacolejante peregrinação pelo trem, Iris ficou maravilhada com o espírito jovem da srta. Froy. Ela ria sempre que trombava com outros passageiros, ou quando era obrigada, por causa de um solavanco da locomotiva, a segurar no corrimão.

Depois que conseguiram abrir caminho até uma passagem mais vazia, a srta. Froy diminuiu o passo para espiar pelas janelas das cabines reservadas. Um deles cativou especialmente sua atenção, e ela chamou Iris para dar uma olhada.

“Venha cá dar uma olhada”, chamou ela. “Um casal glorioso, como se dois astros do cinema tivessem ganhado vida.”

Iris estava se sentindo cansada demais para se interessar por qualquer outra coisa que não fosse uma colisão de trens; mas quando se espremeu junto à srta. Froy para passar e olhou mecanicamente pelo vidro, reconheceu de imediato os recém-casados que estavam no hotel.

Mesmo com a limitação de uma cabine apertada, os Todhunters conseguiam transmitir sua atmosfera especial de opulência e exclusão. A noiva usava o tipo de traje bem elaborado que só víamos nas viagens do cinema, e levava consigo um monte de itens pessoais de luxo.

“Que fabuloso”, empolgou-se a srta. Froy, “eles comem frutas frescas com o chá. Uvas e nectarinas... ele olha para ela com alma nos olhos, mas só vejo o perfil dela. Parece uma bela estátua. Por favor, vire a cabeça”.

Seu desejo foi atendido, pois assim que a srta. Froy terminou de falar, a sra. Todhunter por acaso olhou para a janela. Ela franziu a

testa quando viu a srta. Froy e falou algo com o marido, que se levantou imediatamente e baixou a persiana.

Embora não estivesse envolvida, Iris sentiu vergonha do incidente; já a srta. Froy continuou com seu ar divertido.

“Ele não vai me esquecer”, disse ela. “Olhou para mim como se quisesse me aniquilar. É natural. Eu era o Mundo – e ele quer se esquecer do Mundo, porque está no paraíso. Deve ser maravilhoso apaixonar-se de maneira exclusiva.”

“Talvez eles não sejam casados”, observou Iris. “Qualquer pessoa pode comprar um anel de casamento.”

“Você diz... um amor secreto? Não, não, eles são gloriosos demais. Com qual sobrenome eles se registraram?”

“Todhunter.”

“Então eles *são* casados. Estou tão contente. Se fosse um caso qualquer, eles teriam assinado ‘Brown’ ou ‘Smith’. É sempre assim.”

Enquanto ouvia o arroubo de palavras atrás de si, Iris se espantou novamente com a discrepância entre a personalidade da srta. Froy e sua aparência. Era como se uma dríade estivesse presa no corpo de uma solteirona sem vida.

Quando chegaram ao final do corredor, um impulso mórbido a fez olhar para a cabine onde estava a doente. De relance, viu uma forma rígida e um rosto oculto por uma massa de cicatrizes, virando rapidamente a cabeça para evitar os olhos do médico.

Eles a assustavam, porque pareciam deter uma força hipnótica maligna. Iris sabia que eles não teriam nenhum poder de afetá-la em circunstâncias normais, mas começava a se sentir inebriada e surreal, como se estivesse num sonho em que todas as emoções se intensificam.

Com toda certeza, essa condição era um sintoma consequente da insolação que sofrera, e devia-se, em parte, ao seu esforço para resistir até que pudesse se entregar ao descanso em segurança, no final da viagem. Sua força de vontade estava direcionada para um único objetivo, o que sugava toda sua energia.

Como resultado, Iris estava susceptível a imaginar hostilidades onde não havia nenhuma. Ao ver o rosto indistinto dentro da cabine escura, ela recuou, não querendo entrar.

A srta. Froy parecia ter adivinhado o motivo de sua relutância e lhe ofereceu uma ajuda inesperada.

“Não vamos mais nos sentar quietas como duas crianças abandonadas”, sussurrou ela. “Mesmo que eu deva obrigações à baronesa, vou me lembrar de que essas pessoas não passam de estrangeiros. Não vou me deixar intimidar por elas. Somos inglesas.”

Embora o lembrete fosse um patriotismo reduzido à sua pior forma de jingoísmo, ele deu a Iris a força para entrar na cabine com um toque de sua antiga desenvoltura. Deixando de lado as precauções, ela acendeu um cigarro sob o olhar dos outros passageiros.

“A senhora já viajou muito?”, perguntou para a srta. Froy.

“Só na Europa”, foi a pesarosa resposta. “Minha mãe nunca gostou que eu me afastasse muito de casa, mas sustenta a teoria de que as gerações mais jovens não podem ter sua liberdade negada. Mesmo assim, prometi que ficaria presa aos confins da Europa, muito embora, sempre que chego perto da fronteira, sinta uma vontade imensa de cruzar a linha até a Ásia.”

“Sua mãe é muito idosa?”

“Não, está com oitenta anos de plena juventude. Uma verdadeira esportista, com o espírito de uma moça. Meu pai tem setenta e sete. Ele nunca deixou minha mãe saber que ele era mais novo – ela só soube quando ele teve de se aposentar aos sessenta e cinco. Pobrezinha, minha mãe ficou terrivelmente chateada. Ela disse: ‘Você fez eu me sentir uma papa-anjo’... Nossa, nem acredito que daqui a pouco vou vê-los de novo.”

Enquanto ouvia, Iris observava a fumaça do cigarro subir em espiral. De vez em quando, observava um rosto um pouco enrugado tremulando por trás da névoa, como uma televisão mal sintonizada. Por gratidão aos serviços prestados – e ainda a serem prestados –, ela tentou demonstrar apreço pelos velhos pais da srta. Froy, mas logo se entediou com a saga familiar.

Descobriu que o pai era alto e magro, de aparência clássica, enquanto a mãe era baixinha e robusta, mas majestosa.

Aparentemente, o pai tinha uma energia e uma empolgação inesgotáveis, pois aos setenta anos começou a aprender hebraico.

“Ele fez uma tabela detalhada para cada mês de sua vida, até os noventa anos”, explicou a srta. Froy. “É nisso que dá ter sido um mestre-escola. Já minha mãe é apaixonada por romances. Histórias de amor, sabe? Ela faz uma longa viagem de ônibus toda semana para pegar livros na biblioteca. Mas diz que só consegue imaginar as histórias se me colocar como a heroína.”

“Tenho certeza de que a senhora teve momentos maravilhosos”, disse Iris.

A srta. Froy não ficou satisfeita com a tentativa de Iris de ser diplomática.

“Tive, e tenho”, declarou. “Antes de cuidar de uma escola, meu pai era pároco, e seus curas sempre me faziam propostas de casamento. Imagino que seja porque eu tenho cabelo cacheado... Ainda tenho o entusiasmo e a esperança de quem continua numa busca eterna. Nunca me esqueço de que para cada rapaz há uma moça. Mesmo que ainda não tenhamos nos encontrado, estamos envelhecendo juntos, e se o destino quiser que nos conheçamos, nós *vamos* nos conhecer.”

Enquanto ouvia com uma irritação crescente, Iris pensou ceticamente nos homens maduros que se recusam a cumprir com o prometido. Ela queria ficar quieta, mas a srta. Froy não parava de falar, como no desenrolar de um filme sem fim.

Pouco tempo depois, no entanto, a srta. Froy recuperou a atenção de Iris, pois começou a falar sobre línguas.

“Eu falo dez, incluindo o inglês”, disse ela. “De início, quando você está num país estrangeiro, não consegue entender uma única palavra e se sente um cãozinho jogado numa lagoa. Você se esforça e se debate e, se não quiser se afogar, simplesmente tem que aprender a nadar. No fim do ano, está tão fluente quanto um nativo. Mas eu sempre insisto em ficar um ano a mais, para aperfeiçoar minha polidez idiomática.”

“Eu sempre espero que os estrangeiros falem inglês”, declarou Iris.

“Quando estamos em lugares muito distantes, fora do mapa, eles podem não falar, e aí podemos passar por situações terríveis. Posso lhe contar uma história verdadeira?”

Sem esperar a resposta de encorajamento, a srta. Froy contou uma história não muito apropriada para acalmar os nervos irritadiços de Iris. Era tudo muito vago e sem muitas referências, mas nem por isso o horror deixava de ser assustador.

Uma certa mulher foi declarada como louca, mas por causa de uma mancada, a ambulância se dirigiu ao endereço errado e levou à força uma inglesa, que não entendia uma palavra da língua local, e não sabia para onde a estavam levando. Indignada e apavorada por se encontrar num sanatório particular, ela ficou tão violenta e agressiva que, nos primeiros dias, foi mantida sob o efeito de sedativos.

Quando o erro foi descoberto, o médico, que era um sujeito dos mais inescrupulosos, teve medo de admitir. Ele estava passando por dificuldades financeiras na época, e teve medo de que o episódio pudesse arruinar sua reputação. Então ele planejou manter a inglesa internada até poder liberá-la como oficialmente curada.

“Mas ela não tinha como saber se passaria a vida inteira lá ou não”, explicou a srta. Froy, aumentando a dramaticidade. “O horror dessa situação provavelmente a teria deixado realmente louca se não fosse uma enfermeira que, por vingança pessoal, expôs toda a trama do médico... Já imaginou a posição terrível dessa pobre inglesa? Trancada, sem ninguém para averiguar sua situação, sem ninguém que pudesse saber de seu desaparecimento, pois ela era uma estrangeira sem amigos, que passava uma noite aqui e outra ali, em pensões. Ela não entendia uma única palavra... não podia explicar...”

“Por favor, *pare*”, interrompeu Iris. “Consigo imaginar tudo, com muita clareza. Mas a senhora se importa se pararmos de falar um pouco?”

“Ah, claro que não. Você não está se sentindo bem? É difícil saber por causa da sua pele bronzeada, mas tive a sensação de que seu rosto ficou pálido uma ou duas vezes.”

“Estou ótima, obrigada. Minha cabeça está doendo um pouco. Eu acabei de desmaiar por causa de uma insolação.”

“Insolação? Quando?”

Sabendo que a curiosidade da srta. Froy precisava ser saciada, Iris deu um breve relato de seu caso de insolação. Enquanto falava, olhou em volta do vagão. Estava claro, pelos rostos inexpressivos, que os passageiros não entendiam inglês – com uma única exceção.

Iris não teve certeza quanto à baronesa. Ela tinha a expressão levemente estúpida de uma aristocrata que obteve o poder por nascimento, e não por méritos pessoais; contudo, havia um brilho de inteligência em seus olhos que revelava um interesse secreto na história.

“Ó, pobrezinha”, disse a srta. Froy, transbordando simpatia. “Por que não pediu para eu parar de falar antes? Vou lhe dar uma aspirina.”

Embora odiasse qualquer preocupação excessiva, foi um alívio para Iris se recostar na cadeira enquanto a srta. Froy vasculhava a bolsa.

“Acho que você não deveria jantar no vagão-restaurant”, disse a srta. Froy. “Mais tarde, eu mesma trago alguma coisa para você. Tome essas pílulas e tente cochilar um pouco.”

Depois que Iris fechou os olhos, ainda conseguiu escutar a srta. Froy mexendo à sua volta, como um passarinho inquieto, vigilante. O barulho lhe deu uma curiosa sensação de estar protegida, e o vagão estava tão quente que em pouco tempo ela começou a se sentir agradavelmente sonolenta.

Quando o remédio começou a fazer efeito, seus pensamentos foram ficando confusos, enquanto sua cabeça caía pesada para a frente, aos solavancos. Em pouco tempo, Iris perdeu a noção de onde estava e entregou-se ao movimento do trem, como se estivesse cavalgando. Às vezes ela passava por cima de um obstáculo, quando o banco parecia saltar embaixo dela, deixando-a suspensa no ar.

Claque-claque-crank. Sem parar. Ela continuava avançando cada vez mais. Claque-claque-crank. Então o ritmo do trem mudou e ela teve a impressão de deslizar para trás por uma longa encosta.

Clique-clique-clique-clique. As rodas ressoavam sobre os trilhos, como o som de castanholas.

Ela estava afundando cada vez mais fundo, enquanto o vagão vibrava como o motor de um avião. Estava levando-a para longe, arrastando-a para fora do vagão, até a beirada de um precipício...

Com um sobressalto, Iris abriu os olhos. Seu coração estava acelerado, como se ela tivesse realmente caído de uma altura muito grande. De início, perguntou-se onde estava; aos poucos foi reconhecendo o ambiente e percebeu que estava olhando para a baronesa.

Com uma leve confusão, olhou rapidamente para o assento do outro lado.

Para sua surpresa, o lugar da srta. Froy estava vazio.

# CAPÍTULO 10

---

## O assento vazio

Ingrata, Iris se sentiu aliviada pela ausência da srta. Froy. Em vez de trazer alívio, o cochilo a confundiu, e ela acordou sentindo que não conseguiria suportar mais uma parte da longa história familiar da srta. Froy. Iris queria um pouco de paz; e embora fosse impossível ter paz no meio do barulho e do sacolejo de um trem, ela se considerava pelo menos no direito de ter privacidade.

Quanto aos outros passageiros, ela não corria o risco de nenhum contato. Nenhum deles sequer a notava. A baronesa dormia num canto; os outros continuavam sentados, imóveis e em silêncio. Dentro da cabine, a atmosfera estava quente e abafada, como numa estufa.

O calor deixou Iris num estado de tranquilo torpor. Sentia-se dormiente de pensamentos e sentimentos, como se estivesse num tipo de transe e incapaz de levantar um dedo, ou de proferir duas palavras conectadas. Trechos da paisagem esverdeada passavam pela janela, como revoadas de pássaros verde-esmeralda. A respiração pesada da baronesa arfava-lhe o peito para cima e para baixo com a regularidade de uma maré.

Iris temeu vagamente o retorno da srta. Froy, o que poderia destruir seu feitiço narcótico. A qualquer momento, ela poderia ouvir os passos duros no corredor. Imaginou que a srta. Froy devia ter ido tomar um banho e sido obrigada a esperar sua vez na fila, por causa da multidão.

Desejando o melhor, Iris fechou os olhos de novo. De início, sentia-se apreensiva toda vez que alguém passava pela janela, mas cada alarme falso fazia aumentar sua sensação de segurança. A srta. Froy deixou de ser uma ameaça e foi reduzida a um mero nome. Seus pais octogenários voltaram para seu lugar apropriado,

dentro de algum antigo álbum de fotografias. Até mesmo Sock, o mestiço peludo do qual Iris tinha tanto gostado, foi se apagando numa memória agradável.

Claque-claque-crank. O som da respiração da baronesa aumentou para um mar revolto em ondas, quebrando nas rochas. Abafado pelo ribombo do trem, ressoava em uníssonos com o pulso da locomotiva. Claque-claque-crank.

De repente, os roncos da baronesa atingiram o tom da tromba de um elefante, despertando Iris num susto. Ela deu um pequeno salto no banco, tensa e apreensiva, com todos os sentidos em alerta. O choque deve ter despertado também seu sexto e sétimo sentidos, pois ao olhar para o assento da srta. Froy, teve a sensação de que algum desastre poderia ter ocorrido.

O banco ainda estava vazio.

Iris se surpreendeu com a decepção que sentiu. Havia pouquíssimo tempo, estava rezando para que a srta. Froy demorasse a voltar; agora, sentiu-se solitária e ansiosa pelo seu retorno.

“Espero que daqui a pouco eu esteja maldizendo-a de novo”, admitiu Iris consigo mesma. “Mas, de todo modo, ela é um ser humano.”

Olhou para a loira bonita, que começava a lembrar uma manequim de cera na vitrine de alguma loja. Não havia uma mecha sequer de seu cabelo cor-de-mel fora do lugar. Até seus olhos tinham a transparência de cera azul.

Sentindo um arrepio pelo contraste da moça loira com a solteirona cheia de energia, Iris olhou no relógio. O horário já tarde, que a fez concluir que tinha dormido mais do que imaginava, também a deixou preocupada com a prolongada ausência da srta. Froy.

“Era tempo suficiente para tomar banho”, pensou. “Espero que não tenha acontecido nada de errado.”

A ideia era tão estarrecedora que ela usou todo seu bom senso para afastá-la.

“Que absurdo”, pensou. “O que poderia ter acontecido com ela? Ainda não é noite, quando ela poderia abrir a porta errada sem

querer e cair para fora do trem. Além disso, ela é uma viajante experiente – não uma tola inútil como eu. E sabe falar uma centena de línguas.”

Um sorriso brotou-lhe nos lábios quando se lembrou de uma das confidências da solteirona.

“Falar línguas me dá a sensação de poder. Se acontecesse uma crise internacional no vagão de um trem e não houvesse intérpretes, eu poderia me prontificar e talvez mudar o destino do mundo.”

A memória lhe deu uma explicação para o lugar desocupado da srta. Froy. Provavelmente se deixou levar por seus instintos sociais e estava conversando com estranhos. A barreira da linguagem não a separava das outras pessoas. Além disso, ela estava em clima de férias e queria contar para todo mundo que estava voltando para casa.

“Vou esperar mais meia hora”, resolveu Iris. “Até lá, ela já deve ter voltado.”

Quando olhou pela janela, o céu cheio de nuvens do fim da tarde a encheu de melancolia. O trem vinha descendo gradualmente pelas montanhas e agora soltava seu vapor através de um vale verdejante magnífico. Flores roxas de açafão brotavam entre as pastagens densas, escurecidas pela umidade. A cena era definitivamente outonal, e a fez perceber que o verão tinha acabado.

O tempo estava passando muito rápido, pois Iris temia chegar ao limite que havia proposto. Se a srta. Froy não voltasse, ela teria de tomar uma decisão, e não sabia o que fazer. É claro, ela se lembrava o tempo todo de que aquilo não era da sua conta; mas seu desconforto só crescia a cada cinco minutos de espera.

Naquele instante, os outros passageiros se mexeram. A garotinha começou a reclamar, meio mal-humorada, enquanto o pai parecia argumentar com ela. Iris concluiu que a menina devia estar reclamando do sono e foi convencida a tirar uma soneca, enquanto a mãe se esforçava para manter impecável a elegante aparência da filha.

Depois de retirar o cinto preto e o colar de organdi, a mãe pegou uma redinha e cobriu cuidadosamente o permanente da menina. A bela loira deu os primeiros sinais de animação enquanto observava o processo, mas seu interesse morreu assim que a matrona puxou os calçados afivelados da menina e os substituiu por um par de sapatilhas surradas.

Por fim, apontou para o lugar vago da srta. Froy.

Iris sentiu uma onda de ressentimento desproporcional quando viu a menina se sentando no lugar da srta. Froy. Adoraria poder protestar com gestos, mas era tímida demais para fazer essa exibição de si mesma.

“Quando a srta. Froy voltar, vai tirá-la dali num segundo”, pensou Iris.

Quando pensou melhor, no entanto, não teve tanta certeza de uma ação direta. Ao se lembrar do espírito amigável da srta. Froy com as outras pessoas, Iris concluiu que ela já tinha estabelecido uma relação de simpatia e entendimento com seus colegas de viagem.

A garotinha estava com um sono tão pesado que dormiu assim que fechou os olhos e se encolheu no canto. Seus pais trocaram olhares e sorriram. Eles perceberam o interesse da moça loira, que também assentiu com uma educada aprovação. Apenas Iris permanecia fora do ciclo.

Iris percebeu que seu preconceito era injustificado, pois ela era a verdadeira intrusa ali, embora não suportasse a tranquilidade com que o lugar da srta. Froy tinha sido ocupado. Era como se os outros passageiros estivessem se aproveitando injustamente da ausência da senhora, uma vez que ela não incomodaria uma criança dormindo.

Ou como se estivessem agindo baseados em alguma informação secreta.

Eles estavam se comportando como se soubessem que ela não ia voltar. Apavorada, Iris olhou para o relógio e percebeu, para seu espanto, que a meia hora já tinha passado.

Era possível ver que o tempo tinha passado olhando lá fora. O céu nublado estava escuro, e as primeiras brumas começavam a se

formar no canto dos campos verdejantes e saturados. Em vez de açafrões, ela via a palidez esbranquiçada de plantações de cogumelos, venenosos ou comestíveis.

Quando a tristeza do crepúsculo pairou sobre Iris, ela começou a sentir uma falta imensa de uma companhia. Queria vozes alegres, luzes, risos; mas apesar de se lembrar saudosamente dos amigos, estava mais ansiosa para ver um rosto com algumas rugas e ouvir uma voz alta e animada.

Agora que a srta. Froy não estava ali, ela parecia tão indefinida quanto um sonho. Iris não conseguia reconstruir uma imagem clara da senhora, ou entender por que deixaria um vazio para trás.

“Como ela *era?*”, pensou Iris.

Nesse instante, fitou por acaso o bagageiro. Para sua surpresa, a mala da srta. Froy não estava mais lá.

Contra toda lógica, Iris ficou extremamente nervosa com essa nova descoberta. Por mais que dissesse para si mesma que a srta. Froy devia ter passado para outra cabine, as circunstâncias não faziam sentido. Para começar, o trem estava lotado demais, e seria muito difícil encontrar um lugar vazio.

Por outro lado, a srta. Froy havia mencionado um mal-entendido sobre seu assento. Talvez agora ele estivesse disponível, afinal de contas.

“Não”, concluiu Iris, “a baronesa já pagou a diferença para que ela viajasse de primeira classe. Tenho certeza que ela não sairia daqui sem me dizer alguma coisa. Ela comentou que traria meu jantar. Além disso, eu lhe devo um chá. Tenho obrigação de encontrá-la”.

Iris olhou para os outros passageiros, que deviam ter uma explicação para o mistério. Confusa demais para se preocupar com as aparências, ela fez um esforço para se comunicar com eles. Sentindo que “inglesa” seria a palavra adequada para iluminar a escuridão, ela começou a falar em alemão.

“*Wo ist die dame inglesa?*”

Eles balançaram a cabeça e encolheram os ombros, mostrando que não entenderam nada. Então, tentou uma segunda vez.

“*Où est la dame inglesa?*”

Como a expressão dos passageiros não tinha nenhum sinal de entendimento, ela falou na sua própria língua:

“Onde está a senhora inglesa?”

A tentativa foi inútil. Ela não conseguia se fazer entender, e eles não demonstraram nenhuma vontade de entendê-la. A indiferença com que olhavam para Iris provocou-lhe arrepios, como se estivesse fora do território imposto pelas obrigações civis.

Sentindo-se desesperada, ela apontou para o assento da srta. Froy, depois franziu as sobrancelhas de forma exagerada. Dessa vez ela conseguiu despertar uma emoção, pois o casal trocou olhares sorridentes, enquanto a loira contorcia os lábios com desdém. Em seguida, como se sentisse alguma coisa acontecendo, a menina abriu os olhos pretos e soltou uma risada, sufocando-a imediatamente diante do olhar de censura do pai.

Magoada com o próprio ridículo, Iris olhou para eles, levantou-se e sacudiu o braço da baronesa.

“Acorde, por favor”, disse ela.

Ela ouviu o suspiro dos outros passageiros, como se ela estivesse cometendo um sacrilégio. Mas ela estava agitada demais para se lembrar de pedir desculpas, quando a baronesa abriu os olhos e olhou para ela com uma indignação de majestade.

“Onde está a srta. Froy?”, perguntou Iris.

“Srta. Froy?”, repetiu a baronesa. “Não conheço ninguém com esse nome.”

Iris apontou para o assento ocupado pela menina.

“Ela estava sentada *aqui*”, disse.

A baronesa balançou a cabeça.

“Você está enganada”, declarou. “Não havia nenhuma senhora inglesa sentada aqui.”

A cabeça de Iris começou a girar.

“Mas ela *estava*”, insistiu. “Eu conversei com ela. Nós tomamos chá juntas. A senhora deve se lembrar.”

“Não há nada para se lembrar.” A baronesa dava ênfase a cada palavra. “Não entendo o que quer dizer, mas lhe digo o seguinte: nenhuma outra inglesa esteve nessa cabine a não ser você. Você é a única inglesa que esteve aqui.”

# CAPÍTULO 11

---

## Agulha no palheiro

Iris abriu a boca e a fechou imediatamente. Teve a sensação impotente de ser calada por alguma explosão aterradora. A baronesa havia feito uma declaração que era um insulto à sua inteligência e ao que diziam seus sentidos, apoiada pela força de uma autoridade esmagadora.

Enquanto a baronesa mantinha os olhos fixos na menina, desafiando-a a negar os fatos, Iris olhou para suas pálpebras pesadas e para as linhas profundas que lhe marcavam o rosto do nariz até o queixo – um queixo forte e obstinado. Os lábios da baronesa estavam contraídos para baixo numa expressão que lembrava a musa da tragédia.

Iris percebeu que qualquer protesto seria inútil. A baronesa derrubaria qualquer argumento contrário ao seu com uma pressão implacável. O máximo que Iris poderia fazer era reconhecer sua derrota dando de ombros, desprezando qualquer outra tentativa de discussão.

Sua postura foi um blefe, pois se sentiu totalmente perplexa quando se sentou de volta no banco. Quase não notava a paisagem crepuscular que deslizava pela janela, e mal percebia os outros passageiros. Um vilarejo surgiu das sombras e desapareceu de novo na escuridão. Ela vislumbrou alguns telhados escuros e o raio branco de um pequeno rio, que borbulhava sob uma ponte coberta.

No segundo seguinte, a torre da igreja e as casas de madeira foram deixadas para trás quando o expresso seguiu chacoalhando em seu caminho de volta para a Inglaterra. O trem sacudiu e soltou um apito em unísono com o emaranhado dos pensamentos de Iris.

“Nenhuma srta. Froy? Que absurdo. Essa mulher deve estar louca. Será que acha que sou estúpida? Mas por que diz isso? *Por*

*quê?"*

Essa falta de motivos é o que deixava Iris mais preocupada. A srta. Froy era uma alma tão inofensiva que não poderia haver motivos para sua eliminação. Ela se dava bem com todo mundo.

No entanto, o fato é que ela tinha desaparecido, pois agora Iris estava convencida de que ela não voltaria para a cabine. Num acesso repentino de nervosismo, ela se levantou.

"Ela deve estar em algum lugar deste trem", disse. "Vou encontrá-la."

Iris não queria admitir, mas sua confiança estava abalada pela dificuldade de encontrar um motivo para a ausência da srta. Froy. Ela tinha tomado Iris sob suas asas; desaparecer de uma maneira tão repentina e definitiva era algo que contradizia totalmente sua personalidade gentil e meio intrometida.

"Será que ela pensou que eu estava com alguma doença infecciosa?", perguntou-se. "Afim de contas, ela quer tanto reencontrar os pais e o cachorro que não correria o risco de um obstáculo assim. É claro que ela me sacrificaria."

Seu trajeto pelo trem foi uma experiência das mais desagradáveis. Já tinha sido difícil quando a srta. Froy agira como um pequeno trator e saía abrindo passagem no meio das pessoas. Agora que muitos passageiros estavam cansados de ficar sentados nas cabines apertadas e saíram para esticar as pernas ou fumar, o corredor estava tão apinhado de turistas quanto um melão cheio de sementes.

Iris não sabia como pedir passagem e não gostava de empurrar. Além disso, o fato de ela ser atraente não passava despercebido por alguns homens. Toda vez que um balanço do trem a fazia encostar sem querer em algum estranho, ele já pensava que ela estava se oferecendo de alguma maneira.

Apesar de cada vez mais irritada, sua principal emoção era a sensação de fracasso e impotência. Ela não tinha nenhuma esperança de encontrar a srta. Froy naquela confusão. Sempre que espiava nas cabines pelas quais passava, via nada mais do que rostos embaçados.

Como estava começando a ficar febril, os rostos que via pareciam criações borradas e distorcidas de um pesadelo. Foi um alívio quando, depois de prosseguir com dificuldade pelos corredores do trem em sua busca vã, ela viu o pároco e sua esposa em um dos vagões lotados.

Eles estavam sentados de frente um para o outro. O sr. Barnes estava de olhos fechados, com o rosto sério. Apesar do rosto queimado de sol, estava claro que ele não estava muito bem e se esforçava bastante para controlar os sintomas.

Sua esposa o observava com uma atenção inquieta. Parecia pálida e cansada, como se, na imaginação, estivesse partilhando de todo o desconforto do marido com o enjoo provocado pela viagem.

Ela não sorriu quando Iris se infiltrou na cabine para falar com ela.

“Desculpe incomodá-la, eu estou procurando minha amiga.”

“Ah, sim.” A voz da sra. Barnes tinha a cordialidade um tanto forçada de sempre, mas seus olhos eram trágicos.

“A senhora se lembra dela?”, perguntou Iris. “Ela mandou o garçom trazer seu chá.”

O pároco abriu os olhos.

“Foi muita gentileza”, disse ele. “Poderia agradecer a ela, por gentileza?”

“Quando eu a encontrar”, prometeu Iris. “Ela saiu da cabine há algum tempo, e não voltou mais.”

“Eu não a vi passar pela janela”, disse a sra. Barnes. “Talvez tenha ido tomar um banho. De todo modo, não pode estar perdida.”

Iris notou que a sra. Barnes estava concentrada no marido e nem um pouco interessada no paradeiro de uma estranha.

“Posso encontrá-la para você?”, ofereceu o pároco, determinado, tentando ficar de pé.

“Mas é claro que não”, disse a voz da esposa, com firmeza. “Não seja insensato, Kenneth. Você não tem nem ideia de como ela é.”

“É verdade. Eu seria mais um estorvo do que uma ajuda.” O pároco recostou-se no banco aliviado e olhou para Iris, forçando um sorriso.

“Não é humilhante ser um viajante tão desastroso?”, perguntou.

“Melhor você não falar nada”, aconselhou a esposa.

Iris entendeu o recado e saiu da cabine. Ela também considerava a fraqueza do pároco uma grande fatalidade. Ele não era apenas um homem de princípios nobres – Iris tinha certeza de que ele também tinha imaginação e compaixão; no entanto, ela seria incapaz de lhe pedir ajuda porque a natureza o havia derrubado.

Como começou a temer um fracasso, Iris se sentiu mais determinada a encontrar a srta. Froy. Se ela fracassasse, carregaria o peso de uma grande responsabilidade.

De todas as pessoas que estavam no trem, somente ela parecia ter notado o desaparecimento de uma passageira.

Iris sentiu arrepios só de pensar na possibilidade de retirar aqueles estranhos insensíveis da própria apatia. Enquanto segurava no corrimão e era atingida pelo impacto de outros turistas que a empurravam para passar, sentia ódio por todos eles. Em todo seu nervosismo, não notou que essas pessoas experimentaríamos as mesmas sensações que ela se de repente fossem catapultadas para um metrô lotado em Londres ou em Nova York, levando cotoveladas de estrangeiros igualmente hostis e indiferentes.

Quando chegou à parte reservada do trem, a cortina da cabine dos Todhunters ainda estava baixada, mas ela reconheceu as srtas. Flood-Porter em uma delas. Estavam sentadas em lados diferentes do compartimento minúsculo – ambas com os pés esticados sobre o assento. A mais velha usava óculos de casco de tartaruga e lia um livro da editora Tauchnitz, enquanto a srta. Rose fumava um cigarro.

Pareciam muito contentes com a vida, e apesar de benevolentes, a visão de outras pessoas de pé nos corredores aumentava sutilmente o prazer do próprio conforto.

“Convencidas”, pensou Iris, amargamente.

Elas a fizeram perceber sua própria posição. Lembrou-se de que seu lugar também era numa cabine reservada, e não ali fora, tentando se meter na privacidade de estranhos.

“Por que estou me submetendo a isso?”, pensou ela, cruzando com os olhares descorteses das duas mulheres. O olhar da srta.

Rose era perceptivamente mais frio, como se estivesse praticando níveis de gradação até chegar ao corte derradeiro, na Estação Victoria.

Por fim, Iris já tinha vasculhado todo o trem com exceção do vagão-restaurante. Agora que o horário do chá tinha acabado, ele foi invadido por homens que queriam beber e fumar confortavelmente.

Enquanto se demorava na entrada para se certificar que a srta. Froy não estava lá dentro procurando a alma-gêmea de que falara, um jovem auspicioso tocou-lhe o braço. Ele disse algo ininteligível, que Iris traduziu para si própria como um convite para tomar alguma coisa, e olhou de soslaio para ela.

Indignada com a liberdade do rapaz, ela se desvencilhou dele e estava prestes a se virar e sair, quando, entre o murmúrio de vozes masculinas, ela escutou alguém falando inglês com o sotaque típico de Oxford.

Estava tentando localizar quem era quando viu o médico de barba cheia e comprida. Sua cabeça careca e redonda, vista atrás da nuvem de fumaça, lembrou uma lua crescente através da neblina. Ele tinha o rosto pálido e magro, e os olhos sem vida estavam aumentados por causa das lentes grossas dos óculos.

Quando eles apontaram para ela com um olhar impessoal, Iris sentiu como se tivesse sido afixada num mostruário e classificada como uma espécie.

De repente, sem nenhum motivo, ela se lembrou do médico na história de horror da srta. Froy.

# CAPÍTULO 12

---

# Testemunhas

Embora tivesse consciência da atenção que chamava para si mesma, Iris estava agitada demais para se importar. Aumentando o tom de voz, fez um apelo geral.

“Por favor, alguém aqui fala inglês?”

O espetáculo de uma jovem bonita com problemas fez um jovem se levantar imediatamente. Ele tinha a aparência um pouco desalinhada, o rosto agradavelmente comum e arrojados olhos castanho-claros.

“Em que posso ser útil?”, respondeu de imediato.

Iris já conhecia a voz dele, pois a escutara na estação pouco antes de desmaiar. Aquele era o jovem que se posicionara contra o julgamento pelo tribunal do júri. Ele tinha a mesma aparência que ela imaginara; tinha inclusive um topete rebelde, daqueles que abaixam quando são escovados como um cão de caça bem treinado, mas que se arrepiam de novo assim que a escova sai de cena.

Em outras circunstâncias, ela se sentiria atraída por ele instintivamente; mas naquele momento difícil, ele parecia não ter lastro nenhum.

“Do tipo que se faz espirituoso para as garçonetes e arrogante para os policiais de trânsito”, pensou rapidamente.

“E então?”, disse o jovem.

Para sua decepção, Iris sentiu dificuldade de controlar a voz e organizar os pensamentos quando tentou explicar a situação para o rapaz.

“É um pouco complicado”, disse ela, com a voz trêmula. “Estou com um problema. Mas tenho certeza de que há um grande mal-

entendido, e eu não consigo falar uma palavra dessa língua miserável.”

“Tudo bem”, disse o rapaz, encorajando-a. “eu falo a língua. Me diga o que aconteceu.”

Enquanto Iris ainda hesitava, sem saber se havia feito a escolha certa, um homem alto e magro se levantou do banco, como se o cavalheirismo fosse um dever muito doloroso. Nesse caso, sua aparência acadêmica não dava margens para a dúvida, pois assim que abriu a boca, Iris reconheceu a voz característica do professor de línguas modernas.

“Posso oferecer meus serviços como intérprete?”, perguntou formalmente.

“Ele não é bom”, interrompeu o rapaz. “Só sabe gramática. Eu lhe prometo que sou fluente, e talvez precisemos de uma ou outra gíria.

Iris segurou uma risada, pois percebeu que estava à beira de um ataque histérico.

“Uma senhora inglesa desapareceu do trem”, disse ela ao professor. “Ela é uma pessoa *real*, mas a baronesa diz...”

Sua voz de repente falhou quando ela percebeu que o médico estava lhe olhando fixamente. Os olhos glaciais do professor a lembraram que ela estava se expondo demais.

“Poderia se recompor e me dar uma explicação coerente?”, perguntou ele.

A frieza de sua voz foi reanimadora, pois a obrigou a resumir a situação em poucas palavras. Dessa vez, Iris tomou cuidado para não fazer nenhuma alusão à baronesa, restringindo-se apenas à ausência da senhora Froy na cabine. Para seu alívio, o professor pareceu impressionado, pois esfregou o queixo comprido, pensando.

“Você disse uma senhora *inglesa*?”, perguntou ele.

“Sim”, respondeu Iris, avidamente. “Srta. Froy. Ela é preceptora.”

“Ah, sim... bem, e você tem certeza de que ela não está em nenhum lugar do trem?”

“Absoluta. Procurei em todos os lugares.”

“Hum. Ela não deixaria a cabine se não fosse por um bom motivo. Que horas exatamente ela saiu da cabine?”

“Não sei. Eu estava dormindo. Quando acordei, ela não estava lá.”

“Então o primeiro passo é perguntar aos outros passageiros. Se a senhora não retornou a tempo, penso que o ideal seja chamar o condutor e pedir um exame oficial do trem.”

O jovem piscou para Iris, chamando a atenção para o fato de que o professor estava se sentindo em casa.

“Ótima chance para praticar a língua, professor”, disse o jovem.

A observação lembrou Iris de que embora o conhecimento linguístico do professor fosse acadêmico, o jovem provavelmente teria uma fluência mais coloquial. Isso era importante, pois ela começara a desconfiar de que a confusão com a srta. Froy vinha da incapacidade da baronesa com a língua inglesa. Seu sotaque era bom, mas se ela não entendesse tudo que tinha sido dito, jamais admitiria a própria ignorância.

Decidida a não deixar nada nas mãos do destino, Iris apelou para o jovem frívolo.

“Você poderia vir também para nos ajudar com a linguagem coloquial?”, perguntou.

“Como um pássaro”, respondeu. “Um papagaio, quero dizer. Vá na frente, professor.”

Iris ficou animada enquanto os três atravessavam o trem. Embora ainda estivesse preocupada com a srta. Froy, seu novo colega a enchera de um espírito de coleguismo.

“Meu nome é Hare”, disse ele. “Muito longo para você se lembrar. Melhor me chamar de Maximilian, ou, se preferir, Max. E o seu?”

“Iris Carr.”

“Senhora ou senhorita?”

“Senhorita.”

“Ótimo. Sou engenheiro, trabalho por aqui. Estou construindo uma represa nas montanhas.”

“Que divertido. Eu não sou nada.”

Cheia de confiança pelo apoio de seus compatriotas, Iris se sentiu exultante quando se aproximaram da cabine. Os turistas, sentados sobre suas malas, bloqueavam a passagem, e as crianças corriam umas atrás das outras, apesar dos pés dos adultos no caminho. Como desbravador, Hare era melhor do que a srta. Froy. Enquanto ela advertia os passageiros de que estava chegando, Hare ia forçando a passagem, como um arado.

O professor abriu passagem para que Iris entrasse primeiro na cabine. Notou de imediato que o médico barbudo estava sentado ao lado da baronesa, cochichando em seu ouvido. Ele deve ter saído correndo do vagão-restaurante.

O fato a deixou levemente preocupada.

“Ele veio correndo na minha frente”, pensou ela.

Os pais e a garotinha dividiam um saco de nectarinas e sequer olharam para ela, enquanto a loira estava ocupada reconstruindo as curvas de seus lábios de gerânio. A baronesa permanecia imóvel, como uma enorme estátua de granito.

Os olhos de Iris brilharam quando ela declarou:

“Dois cavalheiros ingleses me acompanharam para fazer algumas perguntas sobre a srta. Froy.”

A baronesa levantou a cabeça e olhou para ela, mas não disse nada. Era impossível dizer se a declaração a havia tomado de surpresa.

“Com licença, eu poderia entrar?”, perguntou o professor.

Querendo abrir mais espaço para a investigação, Iris passou para o corredor. De onde estava, conseguia ver a cabine da doente e a enfermeira, sentada junto à janela. Apesar da preocupação, percebeu que a expressão da mulher não era de repulsa, mas de apatia.

“Será que estou exagerando?”, perguntou-se, nervosa. “No fim das contas, talvez eu não seja confiável.”

Apesar da pena que sentiu pela pobre doente, Iris sentiu um alívio verdadeiro quando a primeira enfermeira, aquela com a expressão insensível, apareceu na porta. Toda aquela bruma de mistério, junto com suas têmporas que latejavam, colaborava para que ela se sentisse insegura de si mesma.

Iris sorriu quando Hare falou com ela.

“Vou escutar o que estão falando”, disse ele. “O professor é excelente em teoria, mas pode cometer algum deslize na prática, então é melhor que eu esteja por perto.”

Iris olhou sobre os ombros dele, tentando acompanhar os eventos. O professor parecia conduzir a investigação com esmero, paciência e dignidade. Embora tivesse feito uma mesura em respeito à baronesa antes de explicar a situação, ele também dava sinais de sua própria importância.

A senhora levantou a cabeça e pareceu fazer uma pergunta aos outros passageiros. Iris percebeu como seu olhar orgulhoso passou pelo rosto de cada um, e como sua voz tinha um tom levemente autoritário.

Em seguida, o professor interrogou cada um dos passageiros, recebendo como resposta um gesto negativo com a cabeça, que parecia ser a única língua que eles sabiam falar. Lembrando-se da sua própria experiência, Iris sussurrou para Hare.

“Será que eles não entenderam o que ele disse?”

Hare respondeu com um gesto, dando a entender que ele estava prestando atenção e não podia ser incomodado. Iris então tirou suas próprias conclusões e se divertiu pensando que, apesar de estar acostumado a lecionar em classes mistas, o professor tinha medo das mulheres, incluindo da menina.

Logo depois, ele restringiu suas perguntas apenas ao homem, que as respondeu com uma lentidão proposital. Obviamente, ele estava tentando ser útil a um estrangeiro, que poderia ter dificuldades de entendê-lo. No fim, apanhou seu cartão e o entregou ao professor, que o leu e agradeceu com uma mesura.

Apesar do clima de educação geral, Iris ficou impaciente e cutucou no braço de Hare.

“Ele descobriu alguma coisa sobre a srta. Froy?”, perguntou ela, decepcionando-se com a expressão séria de Hare.

“Ah, é complicado”, disse ele. “Parece que ainda estão se apresentando e discutindo o bê-á-bá da questão.”

Sua confiança começou a diminuir quando ela percebeu um clima de animosidade. A baronesa não tirou os olhos dela durante

seu curto discurso, ao qual o professor prestou atenção com nítido respeito. Por fim, a baronesa fez um sinal para o médico, como se pedindo para que ele apoiasse sua declaração.

Até então, ele havia testemunhado a cena em silêncio. Seu rosto impassível e seus olhos davam a impressão de que ele tinha acabado de voltar da tumba para participar de uma reapresentação do espetáculo da vida – em sua condenação eterna.

Mas quando começou a falar, a convite de sua patroa, encheu-se de vida e paixão, pois usou inclusive as mãos para dar ênfase a suas palavras.

Quando terminou de falar, o professor olhou para Iris.

“Parece que você fez uma grande confusão”, disse ele. “Ninguém nesta cabine sabe nada sobre a senhora que você *diz* ter desaparecido.”

Iris olhou incrédula para ele.

“Você está dizendo que eu a inventei?”, perguntou ela, com raiva.

“Eu não sei o que pensar.”

“Então preste atenção no que eu digo. Essas pessoas estão mentindo.”

Enquanto dizia as palavras, Iris percebeu o absurdo de sua acusação. Tudo era geral demais. Nenhuma pessoa racional acreditaria que os passageiros teriam se unido para prestar falso testemunho. A família presente na cabine parecia confiável e respeitável, enquanto o pai devia ser o equivalente a seu advogado.

O professor tinha a mesma opinião, pois reagiu com seriedade.

“As pessoas que você acusa de mentir são cidadãos de boa reputação”, disse ele, “conhecidos pessoais da baronesa, que garante a integridade de cada um. O cavalheiro não é só um banqueiro famoso na cidade, mas também o banqueiro da baronesa. A jovem ali”, continuou ele, apontando cuidadosamente para a loira, “é filha do corretor dele”.

“Não posso fazer nada”, protestou Iris. “Só sei que devo um chá à srta. Froy. Ela pagou para mim.”

“Podemos conferir isso”, interrompeu Hare. “Se ela pagou, você deve estar com dinheiro. Conte quanto tem agora.”

Iris balançou a cabeça.

“Eu não sei quanto eu tinha”, confessou. “Sou um desastre com dinheiro, meus cheques são sempre devolvidos por causa disso.”

Embora o professor tenha ficado boquiaberto com a declaração, acabou dando provas de sua imparcialidade.

“Se vocês tomaram chá juntas”, disse ele, “o garçom deve se lembrar da sua companhia. Vou perguntar imediatamente a ele, se você me der uma descrição da srta. Froy”.

Iris temia esse momento porque a lembrança que tinha da srta. Froy era vaga. Ela sabia que mal tinha olhado para a senhora enquanto estavam juntas. Durante o chá, sua visão estava prejudicada por causa do sol, e quando elas voltaram para a cabine, ela manteve os olhos fechados por causa da dor de cabeça. No caminho de ida e volta para o vagão-restaurant, ela estava ou na frente da srta. Froy ou atrás dela.

“Não posso lhe dizer muita coisa”, vacilou. “Veja bem, ela não tem nada de tão excepcional. É uma senhora de meia-idade, uma pessoa comum... talvez sem brilho.”

“Alta ou baixa? Gorda ou magra? De pele clara ou escura?”, perguntou Hare.

“Mediana. Mas ela disse que tinha o cabelo encaracolado.”

“Ela disse?”, repetiu o professor. “Você não viu?”

“Não. Mas talvez fossem descoloridos. Mas me lembro que ela tinha olhos azuis.”

“Isso não ajuda muito, acredito”, notou o professor.

“O que ela estava usando?”, perguntou Hare, de repente.

“Um conjunto de tweed. Bege, salpicado de marrom. Corte elegante, de mangas três-quartos, um pouco abaixo da cintura, com bolsos costurados, os punhos dobrados e um cachecol. As pontas do cachecol estavam presas com pequenos botões azuis, e por baixo ela estava com uma blusa de seda bordada de azul, num tom diferente dos botões, com um pequeno lenço azul no bolso do peito. Acho que não prestei muita atenção aos detalhes. O chapéu

também era de tweed, com a borda costurada e uma dobra na parte de cima, enfeitado por uma pena azul presa na faixa.”

“Calma”, pediu Hare. “Agora que você se lembrou do chapéu, consegue fazer um esforço para se lembrar do rosto embaixo dele?”

Ele ficou tão satisfeito com o resultado de sua experiência que sua decepção beirou o ridículo quando Iris balançou a cabeça de um jeito provocante.

“Não, não me lembro do rosto. Por favor, me entendam, eu estava com muita dor de cabeça.”

“Exatamente”, disse o professor, em tom seco. “Causa e efeito, imagino. O médico nos disse que você teve uma leve insolação.”

Como se estivesse esperando o momento correto, o médico, que estava ouvindo tudo atentamente, falou para Iris:

“Aquele desmaio explica tudo”, disse ele em inglês, com uma leve ênfase. “Você teve um delírio. Você viu alguém que não existe. Em seguida, caiu no sono e sonhou. Algum tempo depois, você acordou se sentindo muito melhor. E não viu mais a srta. Froy... ela não passa de um delírio, ou de um sonho.”

# CAPÍTULO 13

---

## O sonho dentro de outro sonho

A princípio, Iris ficou surpresa demais para protestar. Teve a perplexa sensação de ser a única pessoa sã num mundo de loucos. Seu espanto se tornou indignação quando o professor olhou nos olhos de Hare e assentiu em mútuo entendimento.

Depois, dirigiu-se a Iris em um tom formal:

“Acho que isso resolve a questão. Se eu soubesse das circunstâncias, não teria intervindo. Espero que a senhorita melhore logo.”

“É melhor irmos embora e deixarmos a srta. Carr descansar um pouco”, sugeriu Hare, com um sorriso duvidoso.

Iris teve a sensação de estar sendo sufocada por um travesseiro de penas. Controlando a raiva, ela se obrigou a falar calmamente.

“Não acho que seja tão simples assim. Na minha opinião, o assunto está longe de ser encerrado. Por que vocês acham que eu estaria mentindo?”

“Eu não acho que esteja mentindo”, garantiu-lhe o professor. “Estou convencido de que você se equivocou. Mas, como você falou em sinceridade, a senhorita há de convir que as evidências pesam contra você. Sejamos honestos... a senhorita consegue explicar por que seis pessoas mentiriam?”

Iris teve um lampejo de intuição.

“Não posso”, disse ela, “a não ser que uma pessoa tenha começado a mentira e as outras a estejam dando cobertura. Nesse caso, seria apenas a palavra dela contra a minha. E como eu sou inglesa, vocês são ingleses e isso diz respeito a uma mulher inglesa, é seu dever acreditar em mim”.

Enquanto falava, Iris acusava a baronesa com o olhar. Embora a senhora tivesse escutado a acusação com total compostura, o

professor tossiu em protesto.

“Não se deve confundir patriotismo com preconceito”, disse ele. “Além disso, sua insinuação é absurda. Que motivos teria a baronesa para contar uma mentira?”

A cabeça de Iris começou a girar.

“Eu não sei”, disse ela, sentindo-se fraca. “Tudo é um grande mistério. Não acredito que alguém teria vontade de fazer mal à srta. Froy. Ela é insignificante. Além disso, ela se mostrou orgulhosa por não ter inimigos. E me disse que a baronesa havia sido gentil com ela.”

“O que eu fiz?”, perguntou a baronesa, gentilmente.

“Ela disse que houve uma confusão com sua reserva e que a senhora pagou a diferença para que ela viajasse aqui.”

“Para mim, isso seria um elogio. Fico muito agradecida quando ouço falar da minha generosidade. Mas infelizmente não sei nada disso. Mas talvez o cobrador possa refrescar minha memória.”

O professor virou para Iris, respeitosamente.

“O que devo fazer?”, perguntou. “Você está dificultando demais as coisas insistindo nessa atitude. Mas, se assim o quiser, posso perguntar ao cobrador.”

“Vou procurá-lo”, ofereceu Hare.

Iris sabia que ele estava esperando a oportunidade para escapar. Ela sabia que ele simpatizava com ela, mas não lhe punha muita fé.

Assim que ele saiu, o professor começou a falar com a baronesa e com o médico, presumivelmente para praticar um pouco mais. Desconfiando de cada olhar e de cada mudança no tom de voz, Iris imaginou que ele estivesse explicando a delicadeza de sua posição e reiterando o absurdo daquela acusação, pois a baronesa parecia quase tão benevolente quanto uma tigresa saciada que só mata por diversão.

Iris se alegrou quando Hare, com seu topete rebelde esvoaçando como uma pena, veio abrindo caminho pelo corredor, seguido pelo cobrador. Era um jovem robusto, com um uniforme bem justo, o que lembrou Iris de um soldadinho de chumbo, com

duas bolas vermelhas nas bochechas largas e um bigode fininho e encerado.

Quando entrou na cabine, a baronesa lhe disse algo bruscamente e acenou para que o professor continuasse.

Agora Iris estava uma pilha de nervos. Ela tinha tanta certeza de que o cobrador seria mais uma vítima daquela hipnose em massa que já estava preparada quando Hare fez uma careta.

"Ele está contando a mesmíssima história", disse ele.

"É claro que está." Iris riu. "Imagino que ele tenha sido um dos seus camponeses. Parece bucólico. E ela parece ter todos na mão, inclusive você e o professor."

"Ora, não fique nervosa", preconizou. "Eu sei exatamente o que você está sentindo, porque eu mesmo já passei por isso. Vou lhe contar, assim que conseguir me livrar dessa mocinha."

A garota, que estava olhando como adulta para Hare, reagiu ao seu convite para se mover encolhendo os ombros e fechando a cara como protesto. No entanto, acabou voltando ao seu lugar de origem, enquanto ele se espremeu no canto originalmente ocupado pela solteirona misteriosa.

"Anime-se", disse ele. "Se a srta. Froy não era invisível, outras pessoas no trem devem tê-la visto."

"Eu sei", assentiu Iris. "Mas não consigo pensar. Minha cabeça está confusa."

O professor, que naquele momento estava saindo da cabine, ouviu sem querer o argumento de Hare e voltou para falar com Iris.

"Se você conseguir uma prova definitiva da existência dessa senhora, eu ainda estou disposto a me convencer de que você está dizendo a verdade; mas espero sinceramente que você não exponha ninguém ao ridículo, nem nós, nem você."

Iris estava muito debilitada para resistir.

"Obrigada", disse, humildemente. "Onde posso encontrá-lo?"

"No espaço reservado."

"Estamos dividindo um cubículo", complementou Hare. "Não sabia que somos ricos? Começamos uma cadeia da prosperidade."

"Odeio esse homem", vociferou Iris quando o professor saiu.

“Ah, não”, protestou Hare, “ele é um velho inofensivo. Você o assusta porque é jovem e atraente”.

Em seguida, o sorriso desapareceu dos lábios dele.

“Vou entediá-la com uma história verdadeira”, disse ele. “Há alguns anos, eu estava jogando uma partida internacional de rúgbi no estádio de Twickenham. Pouco antes do início, as duas equipes foram apresentadas ao príncipe de Gales, e ele cumprimentou cada um dos jogadores com um aperto de mão. Depois de marcar o ensaio vencedor – eu não podia deixar de fora esse detalhe –, levei um chute na cabeça numa disputa pela bola e desmaiei. Algum tempo depois, quando já estava confortável num quarto privativo do hospital, a enfermeira entrou toda animada e disse que eu tinha uma visita especial.”

“O príncipe?”, perguntou Iris, esforçando-se para demonstrar um interesse genuíno.

“O próprio. É claro, ele não ficou mais do que um minuto. Apenas sorriu, disse que estimava minha recuperação e que sentia muito pelo acidente. Eu estava tão agitado que achei que não conseguiria dormir, mas desmaiei no momento exato em que ele foi embora. Na manhã seguinte, as enfermeiras disseram: ‘Você ficou feliz com a visita do capitão?’”

“Capitão?”

“Sim, o capitão do time. Definitivamente, não era o príncipe... e eu o vi tão nitidamente quanto a vejo agora. Ele apertou minha mão e disse uma gentileza qualquer sobre o ensaio. Ele era *real*. Isso é o que uma pancada na cabeça é capaz de fazer com o melhor de nós.”

Iris mexeu os lábios, obstinada.

“Achei que você tinha acreditado em mim”, disse ela. “Mas você é igual ao resto. Por favor, vá embora.”

“Eu vou, porque acho que você precisa descansar. Tente dormir um pouco.”

“Não. Preciso pensar no assunto. Se eu me deixar convencer por vocês, tenho medo de enlouquecer. E eu não sou louca. *Não sou.*”

“Acalme-se, fique tranquila.”

“Que enfermeiro reconfortante você daria. Só está faltando a touquinha. Agora escute.” Iris baixou o tom de voz. “Eu estou ainda mais no escuro, porque não consegui entender aquelas perguntas. Você entende mesmo a língua?”

“Melhor do que inglês agora. E foi uma conversa tão elementar que até o professor não cometeria nenhum deslize. Me desculpa, o que não falta nesse trem é comida, mas você parece estar morrendo de fome. Vou trazer algo para você se recuperar.”

“Não. A srta. Froy prometeu que traria alguma coisa para mim, eu prefiro esperar.”

O olhar desafiador de Iris deu a entender que sua decisão era impassível. Como ele considerava a srta. Froy uma espécie de fantasma, não imaginou que Iris pudesse se beneficiar de alguma coisa trazida por ela, então resolveu refazer sua oferta um pouco mais tarde. Enquanto isso, o melhor que poderia fazer por ela era deixá-la sozinha.

Quando saiu da cabine, se lembrou de uma coisa e fez um gesto para que Iris se juntasse a ele no corredor.

“Tem apenas um detalhe que não entendi”, confessou. “A baronesa conversou com o cobrador num dialeto que pra mim era chinês.”

“Então isso prova que eles são da mesma região”, disse ela, triunfante.

“Sim. Mas como não sabemos o que ela disse, não ajuda muito. Salamaleque. Até mais tarde.”

Depois que Hare saiu, Iris se encolheu num canto, balançando com a vibração do trem. O som de sua trepidação foi abafado por uma sucessão de túneis curtos, e o ar ressoava como se um rolo compressor gigantesco achatasse o céu. O barulho a incomodou bastante. Ela mal tinha comido o dia todo e começava a se sentir exausta. Mas embora raras vezes sentisse algum tipo de mal-estar, e por conta disso estivesse assustada, a maior preocupação de Iris era sua confusão mental.

Levou um susto violento quando uma enfermeira apareceu na porta e fez um sinal para o médico. Ela quase não notou o alívio da

ausência do médico, porque seus pensamentos continuaram a girar em torno do episódio central de seu desmaio.

“Num segundo eu estava na plataforma, e, no segundo seguinte, apaguei. Onde eu estava? Quando acordei na sala de espera, rodeada por todas aquelas mulheres, e pelo velho carregador engraçado – tudo isso foi *real*? É claro que sim, do contrário eu não estaria no trem...”

“Mas eu conheci a srta. Froy *depois*. Eles dizem que ela é um delírio meu. Então, se ela for um sonho, significa que também sonhei com a sala de espera e com o trem, e também significa que eu não estou no trem. Não acordei ainda... se tudo isso for verdade, é o bastante para enlouquecer qualquer pessoa.”

Iris lutou firmemente contra a chegada de uma onda de histeria.

“Mas é um absurdo. Eu estou acordada, e estou aqui, neste trem. Então eu me encontrei *sim* com a srta. Froy... só estou diante de um mistério e tenho que lutar contra um bando de mentiras. Muito bem, então vou lutar.”

Nesse momento, Iris estava preocupada consigo mesma, não com a srta. Froy. Ela era mimada desde que nascera, então era natural que fosse egoísta; e como essa criatura mimada era alegre e charmosa, o mundo havia se unido para mantê-la irredutível em seu ponto de vista especial.

Mas agora seu ego estava afetando o destino de uma solteirona obscura e nada atraente. Outra vez, ela repassou mentalmente o que havia acontecido desde que se conheceram. Até que, de repente, a névoa que entorpecia sua mente se desfez, e um compartimento fechado de sua memória se abriu.

Quando se levantou abruptamente, a baronesa olhou para ela:

“A senhorita melhorou?”, perguntou ela.

“Estou melhor, obrigada”, respondeu Iris. “Vou testar a memória de algumas pessoas, para variar um pouco. Vou conversar com alguns turistas ingleses, que estavam no mesmo hotel que eu, e que me viram com a srta. Froy.”

# CAPÍTULO 14

---

## Novas evidências

Agora que ela estava prestes a provar a existência da srta. Froy, Iris começou a pensar no que poderia ter acontecido com ela. Quando se lembrou de sua busca exaustiva pelo trem, parecia possível que ela não estivesse mais a bordo. Mas também era impossível que estivesse em outro lugar.

Os corredores e as cabines estavam abarrotados de turistas, portanto ela não poderia abrir uma janela ou uma porta para pular do trem sem chamar atenção imediatamente. Era igualmente certo que ninguém poderia tê-la embalado e se livrado dela permanentemente sem se tornar objeto de curiosidade geral.

Não havia onde ela se esconder – e Iris não conseguia pensar em motivo nenhum para isso. Em suma, ela estava protegida de qualquer forma de lesão – acidental ou intencional – pela presença de uma nuvem de testemunhas.

Desesperada, Iris descartou o problema.

“Só posso provar que ela desapareceu depois de provar que ela estava no trem”, pensou. “Essa é minha função. Depois disso, os outros que continuem.”

Ao se lembrar do critério do professor para julgar uma evidência como confiável, Iris sentiu que conseguia entender o orgulho dos artistas em seus espetáculos. Suas testemunhas precisavam satisfazer ao requisito mais exigente: serem inglesas até o último fio de cabelo.

A baronesa olhou para Iris enquanto esta tirava da bolsa um batom e um espelho. Embora mantivesse uma atitude de despreendimento e o rosto inexpressivo, ela transmitia de alguma maneira a impressão de uma atividade secreta, como se sua mente fosse uma grandiosa confabulação.

“Ela está tramando alguma coisa contra mim”, pensou Iris, de repente. “Preciso ser mais rápida do que ela.”

Quanto mais se apressava, mais fraca ela se sentia. Suas mãos tremiam tanto que ela passou nos lábios uma camada de vermelho brilhante, deixando-os mais parecidos com uma fruta espremida do que com a flor que dava nome à tonalidade carmesim. Incapaz de encontrar sua escova, ela desistiu de procurá-la e correu para o corredor.

Os homens olhavam para ela e as mulheres reclamavam à medida que ela passava empurrando as pessoas sem pedir desculpas. Na verdade, ela mal notava os passageiros, considerando-os meros obstáculos no caminho. Depois de tanto atraso, cada momento perdido era uma crítica que fazia a si mesma. Agitada, ela só conseguia enxergar, muito à frente, a figura indistinta da solteirona.

Ela precisava ser rápida para alcançá-la. Mas diferentes rostos continuavam aparecendo entre ela e seu objetivo – rostos sorridentes ou carrancudos, rostos de estranhos. Ao mesmo tempo que surgiam, se dissipavam como uma névoa no ar, dando lugar a outros rostos. Era um lampejo de olhos e dentes, uma confusão de corpos. Iris empurrava e lutava, enquanto suas bochechas queimavam e uma mecha de cabelo caía-lhe sobre o rosto.

Quando ela finalmente chegou a um pedaço mais vazio do corredor, a visão do professor – fumando enquanto olhava pela janela – lembrou-a das convenções sociais. Ela se sentiu envergonhada pela pressa, mas perguntou, ofegante:

“Estou muito descabelada? Essa multidão devastadora. Não me deixavam passar.”

O professor não sorriu, pois, apesar de ser um encanto pitoresco, seu cabelo despenteado brilhante dava uma impressão libertina que não o atraía muito. Tampouco o sr. Todhunter, que a observava pela porta aberta de sua cabine, aprovava sua aparência.

Embora se gabasse de ser um bom juiz do charme feminino, ele era o tipo que prefere um lago cheio de lírios a uma cachoeira. Nunca se demorava diante de uma imagem sem moldura, pois tinha

necessidade de um padrão correto para a beleza. Para ele, a liberalidade só era permitida num roupão, e certamente de muito mau gosto numa viagem de trem. Embora já tivesse visto Iris algumas vezes, nos momentos em que parecia fazer parte de um grupo de beldades seminuas, ele só prestou atenção nela naquela noite em que ela usava um vestido muito bem assentado.

“Quem é a moça?”, perguntou a noiva, enquanto folheava as páginas de um jornal ilustrado.

Ele baixou a voz.

“Uma moça daquele bando do hotel.”

“Socorro.”

Na cabine ao lado, a srta. Rose Flood-Porter levantou a cabeça da almofada de couro macio sem a qual ela nunca viajava. Seu movimento despertou a irmã de um cochilo, e as duas se esforçaram para ouvir.

Sem se dar conta do público, Iris falou com o professor com a voz exaltada e agitada.

“Suas maravilhosas testemunhas o desapontaram. Todas mentiram. As seis.”

Ele olhou para o rosto vermelho de Iris com uma preocupação inexpressiva.

“Sua cabeça melhorou?”, perguntou ele.

“Obrigada, estou ótima. E posso provar que a srta. Froy estava comigo, porque os turistas ingleses do meu hotel também a viram. Vamos falar com o cônsul britânico quando chegarmos a Trieste e ele vai parar o trem para um exame cuidadoso. Você vai ver.”

Iris tremeu de emoção diante da perspectiva de vitória. Naquele momento, ela parecia ver a bandeira britânica flamejando sobre sua cabeça e ouvir as notas do Hino Nacional.

O professor sorriu com uma paciência sombria.

“Estou esperando para que você me convença de que está certa”, lembrou ele.

“Então pode esperar.” Iris se virou e deu de cara com o sr. Todhunter. “O senhor vai me ajudar a encontrar a srta. Froy, não vai?”, perguntou, confiante.

Ele sorriu como se concordasse, mas não respondeu imediatamente. Era uma pausa para a tomada de decisões, tão típica em sua profissão.

“Ficarei honrado em ajudá-la”, disse ele. “Mas... quem é a srta. Froy?”

“Uma preceptora inglesa que desapareceu do trem. Você deve se lembrar dela. Ela espiou na sua janela, e você correu para baixar a persiana.”

“É exatamente o que eu deveria ter feito em tais circunstâncias. Só que, nesse caso específico, não foi necessário. Nenhuma senhora me deu a honra de ficar na frente da minha janela.”

Suas palavras foram tão inesperadas que Iris engasgou, como se estivesse caindo no espaço.

“Você não *a viu?*”, suspirou Iris.

“Não.”

“Mas sua esposa chamou sua atenção para ela. Vocês dois se irritaram.”

A bela sra. Todhunter, que estava ouvindo a conversa, interrompeu com uma languidez que não lhe era habitual.

“Nós não somos um espetáculo circense, e ninguém nos observou... Se importa se eu fechar a porta? Quero descansar antes do jantar.”

O professor se virou para Iris, com uma gentileza forçada.

“Você está cansada”, disse ele. “Deixe-me levá-la de volta para sua cabine.”

“Não.” Iris balançou a cabeça. “Eu não vou deixar o assunto esfriar. Há outras pessoas também. Essas senhoras...”

Entrando na próxima cabine onde as srtas. Flood-Porter agora estavam sentadas, Iris perguntou:

“Vocês vão me ajudar a encontrar a srta. Froy, não vão? Ela é *inglesa.*”

“Posso explicar?”, interpôs o professor quando as duas olharam encantadas para ele.

Iris mal conseguiu controlar sua impaciência enquanto ouvia a fala arrastada do professor. Seus olhos estavam fixos no rosto sério e bem-disposto das irmãs. A srta. Rose falou:

“Não me lembro de sua amiga. Pode ser que houvesse alguém com ela, mas eu estava sem óculos.”

“Eu também estava sem óculos”, observou a srta. Evelyn. “Por isso não podemos ajudá-la. Seria contra nossos princípios identificar alguém se não temos certeza de quem se trata.”

“Seria injusto”, comentou a srta. Rose. “Então, por favor, não conte conosco para isso. Do contrário, vamos recusar qualquer envolvimento.”

Iris não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

“Mas não é contra seus princípios não levantar um dedo sequer para ajudar uma mulher inglesa que pode estar em perigo?”, perguntou Iris, com veemência.

“Perigo?”, repetiu a srta. Rose, em tom sarcástico. “O que poderia acontecer a ela num trem lotado? Além disso, há muitas outras pessoas que são muito mais observadoras do que nós. Afinal, não há motivos para sermos penalizadas porque somos inglesas.”

Iris estava chocada demais com o colapso repentino de suas esperanças para dizer qualquer coisa. Sentia-se traída por seus compatriotas. Podiam se gabar usando vestidos de gala para honrar seu país, mas tinham acabado de decepcionar a Inglaterra. A bandeira agora esvoaçava aos farrapos, e as notas triunfantes do Hino Nacional foram reduzidas ao ruído agudo de uma flauta irlandesa.

Ela odiou todos eles com tanta força que quando o pároco e sua esposa colocaram a cabeça para fora da porta, Iris só conseguia olhar para ela.

A sra. Barnes abriu um sorriso e explicou sua presença.

“Meu marido está dormindo, então pensei em conversar um pouco aqui fora. Quando viajamos, eu é que tomo frente de tudo, o que é uma experiência nova para mim e só acontece uma vez por ano.”

Ela falava entusiasmada, como se quisesse justificar a debilidade do marido. Depois se virou para Iris, que saía da cabine junto com o professor.

“Não vá por minha causa.”

“Nada me manteria aqui.” Iris falou com amargura e desesperança: “A senhora também não viu a srta. Froy, não é?”.

“Aquela senhora de conjunto tweed, com uma pena azul no chapéu?”, perguntou a sra. Barnes. “Mas é claro, eu me lembro dela e de sua gentileza. Ficamos tão agradecidos pelo chá!”

# CAPÍTULO 15

---

## A transformação

Seu alívio foi tão grande que Iris sentiu os olhos se encherem de lágrimas quando se virou para o professor.

“Acredita em mim agora?”, perguntou, com a voz trêmula.

O professor olhou para a esposa do pároco quase se desculpando, pois a senhora era o tipo familiar que ele admirava e aprovava, embora fosse muito bem casado com outra pessoa.

“A pergunta é desnecessária”, disse ele. “Tratava-se apenas de conseguir uma prova que pudesse ser confirmada. Em primeiro lugar, desculpe-me por ter duvidado de sua palavra. Foi por causa da infeliz circunstância de sua insolação.”

“E então, o que vai fazer?”, insistiu Iris.

Como já havia cometido uma gafe, o professor não queria se precipitar.

“Acho melhor conversar com Hare”, disse. “Ele conhece muito bem a língua e é inteligente, embora pareça irresponsável às vezes.”

“Vamos encontrá-lo de uma vez”, encorajou-o Iris.

Apesar da pressa, ela parou e disse rapidamente para a esposa do pároco.

“Muito, muito obrigada. A senhora não faz ideia do quanto isso significa para mim.”

“Fico feliz, mas por que você está me agradecendo?”, perguntou a sra. Barnes, surpresa.

Iris deixou que a srta. Rose explicasse o que tinha acontecido e foi atrás do professor. Hare mostrou-se incrédulo quando os dois o encontraram no vagão-restaurante.

“Valha-me Deus!”, exclamou, “a srta. Froy de novo? Tem alguma coisa na história dessa boa senhora que me intriga. Não me importo

em admitir que nunca acreditei de verdade na existência dessa criatura. Mas o que aconteceu com ela?”

O professor tirou os óculos para limpá-los. Sem eles, seus olhos pareciam fracos, em vez de frios, e Iris sentiu compaixão ao ver os sulcos avermelhados e dolorosos na beirada do nariz. Sentiu uma simpatia por ele, agora que os dois estavam unidos numa causa comum: descobrir o paradeiro da srta. Froy.

“As srtas. Flood-Porter não quiseram se envolver”, declarou Iris. “Isso ficou claro. Mas por que esses seis estrangeiros estão mentindo sobre ela?”

“Deve ser algum mal-entendido”, disse o professor, nervoso. “Talvez eu tenha...”

“Não”, interrompeu Hare. “O senhor foi um excelente intérprete, professor. Não cometeu nenhum deslize.”

Iris gostou da benevolência e da prontidão de Hare para tranquilizar o professor, porque ela tinha certeza de que, em seu íntimo, ele o considerava enfadonho e pretensioso.

“Vamos ter que brincar do velho jogo da adivinhação”, prosseguiu Hare. “Meu palpite é que ela está disfarçada de médico. Aquela barba preta salta tanto aos olhos que ela está facilitando demais para nós... ou deve estar conduzindo o trem, vestida de maquinista. Acho que a srta. Froy seria capaz de qualquer coisa.”

Iris não riu.

“Não teve graça nenhuma”, disse ela, “porque você parece se esquecer de que, além de ser uma pessoa real, ela continua desaparecida. *Precisamos* fazer alguma coisa”.

“Exatamente”, concordou o professor. “Mas é um problema e tanto, e não estou disposto a agir sem pensar cuidadosamente na questão.”

“Ele está dizendo que quer fumar”, explicou Hare. “Muito bem, professor. Eu cuido da srta. Carr enquanto o senhor espreme um pouco seu cérebro.”

Quando o professor se levantou, Hare sorriu do outro lado da mesa coberta de fuligem.

“Eu entendi certo?”, perguntou. “A srta. Froy é uma completa estranha pra você?”

“Isso mesmo.”

“E, mesmo assim, está quase enlouquecendo por causa dela. Você deve ser a pessoa menos egoísta do mundo. Sério, é quase antinatural.”

“Na verdade é o contrário disso”, admitiu Iris, com sinceridade. “Isso é que é engraçado. Não consigo me entender nem um pouco.”

“Então, como tudo começou?”

“Da forma habitual. Ela foi gentil comigo – prestativa e tudo mais, então no começo eu senti falta dela porque não tinha mais o seu apoio. Depois, quando todos começaram a dizer que eu tinha sonhado, a situação se transformou num pesadelo. Era o mesmo que provar que todos estavam errados, menos eu.”

“Em vão. Mas por que você queria tanto provar que ela existe?”

“Ah, você não entende? Se não fizesse isso, eu nunca mais saberia se as coisas ou as pessoas são reais.”

“Eu não teria perdido tanto as estribeiras”, disse Hare, estupidamente. “Consideraria como um efeito do desmaio, algo perfeitamente lógico.”

“Mas você não pode comparar a sua experiência com a minha”, protestou Iris. “Você viu uma pessoa real e o confundiu com o príncipe. Eu fui acusada de falar sozinha com o nada e o nada me responder. Você não tem ideia do *alívio* que senti quando a sra. Barnes se lembrou dela.”

Iris olhou para fora da janela e sorriu, contente. Agora que ela estava novamente ancorada ao mundo racional depois de girar em meio a névoas fantasiosas, a tristeza da paisagem não tinha mais o poder de deprimi-la. A tarde havia acabado mais cedo, dando lugar a um crepúsculo demorado que acrescentava o toque final de melancolia à cidadezinha pela qual o expresso passava lentamente soltando vapor.

Toda vez que cruzavam alguma via, Iris observava as lojas com mercadorias escassas e miseráveis, as ruas de paralelepípedo, e vislumbrava um rio denso e caudaloso entre uma e outra construção. As casas, agarradas à encosta rochosa da montanha, como tufos de líquens nos telhados, pareciam semidestruídas pelo tempo e pelo clima. Há muito tempo, o revestimento de madeira e

massa havia sido pintado de cinza, mas a chuva lavou tudo e o sol descascou algumas paredes, deixando-as brancas, porém sujas. Tudo revelava pobreza e desolação.

“Que lugar horrível”, disse Iris, estremecendo, quando passaram por um portão de ferro alto e enferrujado, que cercava um jardim cheio de azedas. “Quem poderia viver aqui além de suicidas?”

“A srta. Froy”, sugeriu Hare.

Ele esperou um acesso de fúria, mas Iris não estava ouvindo.

“A que horas chegamos a Trieste?”, perguntou ela.

“Às 22h10.”

“São 17h55 agora. Não podemos perder mais tempo. *Precisamos* encontrá-la. Parece até um filme *piegas*, mas a família da srta. Froy está esperando por ela em casa. Eles são velhos e comoventes. E o pobre do cão espera a chegada de todos os trens na esperança de vê-la.”

Iris fez uma pausa, espantada com o som de sua voz engasgada. Para sua surpresa, ela descobriu que estava realmente afetada pela espera angustiante dos pais da srta. Froy. Como as emoções eram uma desgraça na tradição de sua turma, ela sentiu vergonha de sua própria fraqueza.

“Vou beber alguma coisa, afinal”, declarou, piscando para enxugar os olhos umedecidos. “Me sinto uma manteiga derretida, é um absurdo. Os velhos não são nem de perto tão patéticos quanto os mais jovens. Estão quase fazendo a passagem, e nós ainda temos um longo caminho a percorrer.”

“Você precisa mesmo de beber alguma coisa”, concordou Hare. “Vou chamar o garçom.”

Quando ele se levantou, Iris o puxou de volta.

“Não vá agora”, sussurrou ela. “Aquele médico horrível acabou de chegar.”

O cavalheiro de barba cheia parecia procurar por alguém, e sua busca terminou assim que seus olhos viram o jovem casal. Ele atravessou o vagão até a mesa de Iris e lhe fez uma mesura.

“Sua amiga voltou para o vagão”, disse ele.

“A srta. Froy?”, disse Iris, esquecendo-se de sua repulsa, tamanha era sua empolgação. “Que maravilhoso. Onde ela estava?”

Ele esticou as mãos e encolheu os ombros.

“O tempo todo perto de nós. No vagão da frente, conversando com minhas enfermeiras.”

“É claro”, declarou Iris, rindo, “ela devia estar lá mesmo. O primeiro lugar onde eu deveria ter procurado, e não procurei”.

“Hum.” Hare coçou o queixo, desconfiado. “Tudo muito estranho. Tem certeza de que é ela?”

“Ela é a dama que acompanhou a madame até o vagão-restaurante”, respondeu o médico. “Uma senhora baixa, não muito jovem, mas também não muito velha, com uma pena azul no chapéu.”

“É a srta. Froy”, gritou Iris.

“Mas por que houve todo esse mistério?”, insistiu Hare. “Ninguém sabia nada sobre ela, e agora isso.”

“Ah, é porque nós não tínhamos entendido a madame.”

O médico deu de ombros, em tom de desprezo.

“Ela falava rápido, e sobre uma senhora inglesa. Mas essa senhora é alemã, ou austríaca, não sei, mas não é inglesa.”

“Eu cometi o mesmo erro, a princípio”, disse Iris. “Ela parece qualquer coisa, e fala todas as línguas. Venha e veja por si mesmo.”

Iris já conhecia tão bem a jornada de uma ponta a outra do trem que seria capaz de fazê-la de olhos fechados. Quando passou pela cabine da sra. Barnes, deu uma olhada lá dentro. O pároco parecia sombriamente heroico, com os braços cruzados sobre o peito e a testa franzida, enquanto sua esposa dava sinais visíveis de cansaço. Seus olhos estavam envoltos por olheiras profundas, mas ela sorriu bravamente para Iris.

“Ainda está procurando sua amiga?”, perguntou ela.

“Não”, disse Iris. “Ela foi encontrada.”

“Ah, graças a Deus.”

“Eu não gostava dessa santa mulher”, confessou Iris para Hare enquanto continuaram seguindo pelo corredor, “mas o apoio que ela me deu simplesmente me renovou. Ela é realmente gentil”.

Quando chegaram às cabines reservadas, Iris insistiu em chamar o professor, a quem ela contou a novidade.

“Por favor, venha comigo para conhecer a srta. Froy”, disse ela.  
“Ela vai adorar quando descobrir que causou tanta comoção.”

“O desejo de chamar atenção parece ser uma característica feminina”, disse o professor, acerbamente.

Iris apenas riu entusiasmada, enquanto seu coração saltou de repente.

“Lá está ela”, gritou. “Lá está ela, no fim do corredor.”

Mais uma vez, ela se deixou levar por aquele elemento humano de gracejo quando viu a figura gorda e familiar usando o conjunto de tweed.

“Srta. Froy”, gritou ela, com a voz rouca.

Quando a senhora se virou, Iris olhou em seu rosto e recuou apavorada, deixando escapar um grito.

“Essa não é a srta. Froy”, disse ela.

# CAPÍTULO 16

---

## Testemunha principal

Quando Iris olhou no rosto da senhora estranha, ela foi sugada de volta para a penumbra do túnel. Ela acreditava que tinha encontrado a saída para a luz do dia, e seu coração ainda cantava a alegria da libertação. No entanto, acabara de ser enganada por um raio de sol que apenas penetrava por uma fenda no teto.

O horror persistiu. A escuridão agora a envolvia por todos os lados, enfraquecendo sua capacidade mental e confundindo seus sentidos. Era como se estivesse presa num pesadelo que duraria para sempre, a menos que vencesse a batalha e conseguisse se libertar.

Senhorita Froy. Iris precisava se ater à srta. Froy. Naquele instante, ela se lembrou nitidamente do rosto inapreensível da srta. Froy, em sua estranha mistura de maturidade e juventude, com os olhos azuis redondos e os traços delicados, marcados e um pouco apagados pelo tempo.

Iris tinha uma impostora diante de si, usando o conjunto de tweed bege da srta. Froy. Seu rosto, sob o familiar chapéu, era pálido; seus olhos escuros não tinham a menor expressão. Pareciam de vidro, incapazes de chorar ou sorrir.

Rompendo o próprio pesadelo, Iris a desafiou.

“Você não é a srta. Froy.”

“Não”, respondeu a mulher em inglês, “nunca ouvi esse nome antes. Meu nome é Frau Kummer, como eu lhe disse, quando tomamos chá juntas”.

“Você está mentindo. Eu nunca tomei chá com você, é uma estranha para mim.”

“Com certeza uma estranha, do tipo que conhecemos numa viagem. Mas nós conversamos. Só um pouco, porque você estava

com dor de cabeça.”

“Ah!”

O professor deu um sentido especial à sua exclamação, marcando bem o tom. Iris sentiu um arrepio de medo, e ao mesmo tempo de alerta.

“Eu não vou permitir que eles me derrubem”, pensou ela.

Em seguida, virou-se desesperada para o professor.

“Essa não é a srta. Froy”, disse, com veemência.

“Ela mesma já disse isso”, observou o professor, impaciente. “Na verdade, ninguém aqui além da senhorita parece ter ouvido alguma vez esse nome incomum, ‘Froy’.”

Estava claro que, para ele, a srta. Froy morava no reino dos unicórnios, junto com tantas outras criaturas e personagens fantasiosas.

“Mas ela está usando as roupas da srta. Froy”, insistiu Iris, tentando controlar o tremor da voz. “Por quê? *Por quê?* O que aconteceu com a srta. Froy? Há alguma conspiração, e eu estou com medo... essa mulher está dizendo que tomamos chá juntas, mas é mentira. O garçom sabe, mandem chamá-lo.”

Para a surpresa de Iris, Hare não saiu correndo para cumprir sua missão como se fosse um Hermes usando botas de caminhada. Em vez disso, ele mordeu o lábio com uma expressão acanhada.

“Por que não dar o dia como encerrado e dormir um pouco?”, sugeriu ele num tom reconfortante que deixou Iris enfurecida.

Ninguém acreditava nela, e a força conjunta da incredulidade de todos a fazia duvidar de si mesma. A escuridão parecia envolvê-la de novo quando se lembrou de sua maior testemunha – a esposa do pároco.

“A sra. Barnes”, disse, com a voz tênue.

“Vou buscá-la”, ofereceu o professor, ansioso para acabar logo com a cena.

Embora tivesse um bom coração e fosse eminentemente justo, quando sabia onde estava se metendo, ele desconfiava de Iris por causa de um incidente infeliz que marcara o encerramento de seu último semestre. Uma de suas alunas mais brilhantes – uma jovem simples e sóbria, cujo progresso quase despertara o entusiasmo do

professor –,de repente se voltara contra ele e o envolvera numa cena emocional muito desagradável.

Quando foi à sala do professor para se despedir, ela teve um colapso emocional, dizendo que havia estudado duramente só para agradá-lo, e que não suportaria a ideia da despedida.

Como ele insistira para manter a porta aberta por motivo de prudência, a história correu por todos os corredores, o que o deixou intensamente aborrecido. Por causa disso, ressentiu o próprio destino por estar envolvido com mais uma moça histérica, enquanto passava na frente da cabine das srts. Flood-Porter.

Através do vidro ele avistou a sra. Barnes, que tinha voltado para finalizar sua conversa interrompida, e então ele entrou.

“Mais problemas para a senhora, acredito”, alertou ele. “Aquela moça, bastante emotiva, quer que a senhora identifique uma pessoa. Poderia, por gentileza, vir comigo até a cabine em que ela está?”

“Mas é claro”, disse Edna Barnes. “É sobre a gentil senhora de tweed salpicado de marrom, com uma pena azul no chapéu?”

“Supostamente. Acho que me lembro da pena.” O professor olhou para os olhos castanhos da srta. Barnes e acrescentou, calmamente. “A senhora está pálida. Não está doente, está?”

“Não, não.” A voz da srta. Barnes estava mais alegre do que nunca. “Meu marido é que está doente. Mas eu acabo carregando a dor dele, para que possa dormir.”

“Tratamento indireto?”

“Alguma coisa do tipo, talvez. Quando a gente é casada e tem um vínculo verdadeiro, compartilhamos muito mais do que a renda familiar.”

“Para mim, é uma tolice”, interrompeu a srta. Rose. “Ele é muito mais forte do que você.”

O professor, no entanto, olhou para o rosto dela com o devido respeito.

“Eu adoraria não incomodar a senhora com essa questão”, disse ele. “Na minha opinião, aquela moça é histérica e quer chamar atenção. Agora ela está dizendo que a senhora encontrada não é a

mesma que estava com ela, e que a verdadeira srta. Froy continua desaparecida.”

“Vamos torcer para que seja ela, então, para o seu bem”, observou a srta. Evelyn, placidamente. “Do contrário, ela vai segurá-lo em Trieste e fazer você perder a conexão para Milão.”

A srta. Barnes cobriu os olhos com as mãos.

“Ó, espero que não”, disse. “Meu marido quer que essa terrível viagem acabe logo. Mas temos de cumprir com nosso dever – custe o que custar.”

“Mas é algo tão sem importância”, declarou a srta. Rose. “Pela sua descrição, essa preceptora desaparecida não é tão jovem, e é uma viajante experiente. Ou ela está se escondendo e se esquivando da moça por algum motivo, ou é tudo uma grande fantasia.”

“Definitivamente, a segunda opção”, observou o professor enquanto acompanhava a sra. Barnes até o corredor.

Ao sair, encontraram o pároco à procura da esposa.

“Este é meu marido”, disse a sra. Barnes, com o rosto iluminado. “Achou que eu tinha te abandonado, Ken?”

Enquanto se prolongavam na conversa, Iris esperava o retorno de Hare com o garçom. Ela já não tinha esperanças de resolver o problema, pois começava a acreditar que toda a tripulação era uma ferramenta da baronesa. Para seu espanto, uma força misteriosa operava em todos os cantos. Como prova disso, na sua frente estava uma péssima substituta usando as roupas da srta. Froy. No entanto, o incidente era inexplicável, pois ela não conseguia ver motivos para um subterfúgio tão canhestro.

Enquanto olhava os familiares botões azuis de sua blusa, Iris percebeu que todos os detalhes da figura da mulher correspondiam com tanta exatidão à sua lembrança da srta. Froy que uma sombra de dúvida começou a se projetar sobre sua confiança. Perguntou se ela mesma, na verdade, não tinha sido vítima de alguma alucinação. A história de Hare sobre o príncipe mostrava que essa não era uma experiência incomum.

Sentia-se tão fraca que essa conclusão parecia ser a resolução mais fácil para suas angústias. Assim ela não precisaria mais lutar

para combater a ameaça constante de uma doença, e ainda sem a preocupação adicional de uma problemática srta. Froy.

“Logo vou saber”, pensou ela, quando Hare voltou acompanhado do garçom.

“Você disse o rapaz de cabelo claro”, disse ele para Iris. “Chamei o único loiro que encontrei na equipe. Por sinal, ele tem orgulho de falar inglês.”

Iris se lembrou do jovem assim que viu o cabelo cor de palha emplastrado para trás e a testa inclinada. Ele usava óculos e parecia mais um estudante ou secretário.

“Você entende mesmo inglês?”, perguntou ela.

“Perfeitamente, madame”, respondeu, empolgado. “Tenho diploma de gramática e conversação.”

“Bom, você se lembra de ter me servido chá? Tem boa memória para fisionomia?”

“Sim, madame.”

“Então por favor, olhe para esta senhora...” Iris apontou para Kummer e acrescentou: “Não olhe para as roupas, mas para o rosto. Me diga, ela é que estava tomando chá comigo?”

O garçom hesitou um pouco, arregalou os olhos inexpressivos e assentiu, certo de si.

“Sim, madame.”

“Tem *certeza*?”

“Sim, madame, tenho plena certeza.”

Como Iris não fez nenhum comentário, Hare deu uma gorjeta ao garçom e o mandou embora. Por mais que o interrogatório tivesse terminado como previra, ele se sentiu extremamente desconfortável. Olhou inquieto para a baronesa e para o médico, cujos rostos demonstravam uma impaciência genuína, desejando que aquele sofrimento acabasse logo.

De repente, ouviu-se um grito abafado vindo do outro vagão. No mesmo instante, o médico se levantou e correu para ver sua paciente.

O som era tão inumano e desarticulado, a reiteração de um gemido de entorpecimento e desespero, que Iris pensou num animal mutilado protestando contra uma dor que não conseguia

entender. Ela havia se esquecido da mulher com o corpo todo quebrado, enfaixada e impotente no vagão seguinte, deitada aos cuidados de duas mulheres insensíveis.

A lembrança trouxe à tona de novo toda a desconfiança que tinha do médico. Ela se perguntou o que esperava aquela paciente no final da jornada. Será que ela sabia que estava sendo levada para uma operação de urgência, fadada ao fracasso, mas recomendada apenas como um experimento para satisfazer a curiosidade da ciência?

Iris ainda tinha consciência de si o suficiente para perceber que estava se entregando a uma especulação mórbida e fantasiosa, então cortou imediatamente o fluxo dos seus pensamentos. Quando uma voz característica anunciou a chegada do professor, ela inclinou a cabeça de modo desafiador.

“A sra. Barnes se lembrou da srta. Froy enquanto todo o resto fingia ter se esquecido dela”, disse Iris para Hare. “Eu sei que ela seria incapaz de mentir. Não dou a mínima para o resto, estou contando apenas com *ela*.”

Edna Barnes avançou, de braços dados com o marido, como se o apoiasse. Na verdade, ele estava apenas inclinado sobre ela, pois o balanço do trem lhe dava náuseas. Apesar da postura resoluta, o rosto dele mostrava sinais do cansaço de um cavaleiro perto do fim de sua vigília.

“Pelo que entendi, você gostaria que identificássemos a sua amiga”, disse ele para Iris, assumindo o controle da situação, como de costume.

Depois, olhou para a esposa.

“Edna, meu amor”, perguntou ele, “é esta a senhora?”

Ao contrário do garçom, a sra. Barnes não hesitou. Seu reconhecimento foi imediato.

“Sim”, disse ela.

O pároco avançou, com a mão esticada.

“Estou feliz com a oportunidade de agradecê-la pela gentileza”, disse ele.

A srta. Kummer aceitou descabidamente o tributo pago à srta. Froy. Ou será que ela era a srta. Froy? Iris teve a sensação de que

asas frenéticas batiam dentro da sua cabeça e se entregou a uma escuridão atordoante.

# CAPÍTULO 17

---

## Nunca houve uma srta. Froy

O efeito imediato do desmaio de Iris foi acalmar seus nervos. Quando recobrou a consciência e percebeu que havia alguém segurando sua cabeça abaixo do nível dos joelhos, ela se sentiu completamente envergonhada por sua fraqueza. Não havia um único traço de histeria em sua voz quando se desculpou.

“Me desculpem por ser tão estúpida. Estou bem agora.”

“Não acha melhor se deitar um pouco?”, perguntou o sr. Barnes. “Tenho certeza de que as srtas. Flood-Porter ficariam felizes em deixá-la repousar em sua cabine privativa.”

Iris não tinha certeza de que o padrão de caridade das duas irmãs se equiparava ao do pároco; no entanto, sentiu uma necessidade imensa de um lugar quieto, onde pudesse acalmar a confusão de sua cabeça.

“Quero falar com você”, disse ela para Hare, deixando que ele resolvesse o resto.

Como ela previa, ele aproveitou a oportunidade.

“Desculpe expulsá-lo, professor”, disse ele, “mas nosso cubículo estará ocupado por meia hora”.

“Com todo prazer”, murmurou o professor, entre os dentes.

Depois de tomar um pouco de conhaque da garrafinha do pároco, Iris se levantou com certa dificuldade. Suas pernas tremiam e suas têmporas estavam geladas. Mas o breve período de inconsciência a aliviara da pressão no peito, de modo que agora se sentia realmente melhor.

Enquanto ela e Hare – de braços dados, para a inconveniência geral – seguiram pelo corredor, ela percebeu que as luzes agora estavam todas acesas. Essa mudança arbitrária do dia para a noite parecia indicar que eles haviam chegado a determinado ponto da

viagem. O tempo corria junto com o trem. A paisagem lá fora era escura, como um desenho a carvão borrado, enquanto alguns pontinhos de luz mostravam que eles haviam chegado a uma zona civilizada, da qual a miserável cidadezinha era o primeiro posto avançado.

Agora que o mundo exterior estava isolado pela escuridão, o expresso parecia mais quente e mais enfumaçado. De início, o espaço apertado do compartimento deu a Iris a sensação de claustrofobia.

“Poderia abrir a janela”, disse ela, sufocada.

“Há bastante ar entrando pelo teto”, resmungou Hare enquanto obedecia. “Você vai ficar tão coberta de fuligem que nem sua mãe a reconheceria.”

“Não tenho mãe”, disse Iris, sentindo uma pena repentina por si própria. “Mas não estou aqui para ser patética. Existe uma coisa muito séria e real em jogo... gostaria de lembrá-lo de uma coisa que disse hoje de manhã, na estação. Você estava conversando com o professor, e eu ouvi sem querer. Você disse que o julgamento pelo tribunal do júri era injusto porque dependia do depoimento de testemunhas.”

“Sim”, disse Hare. “E continuo mantendo minha posição.”

“Depois”, prosseguiu Iris, “o professor falou sobre o que seriam provas confiáveis, e comparou duas mulheres. Uma era inglesa e do campo, do tipo que coleta pinhas e outras coisas quando sai para caminhar. A outra usava cílios postiços e tinha a pele morena”.

“Eu me lembro *dela*. Uma mulher bonita, como uma cereja negra suculenta.”

“Mas o professor a condenou... e é exatamente isso que está acontecendo agora. Eu estou sendo condenada como uma testemunha sem honra, enquanto ele está sendo parcial por conta de todas aquelas matronas inglesas e daqueles professores de escolas dominicais.”

“Só porque elas são todas comuns, enquanto você tem uma cara bastante diferente – graças a Deus.”

Sua tentativa de acalmar Iris foi um fracasso, pois ela se irritou.

“Eu odeio o meu rosto. Isso é uma bobagem, não significa nada. Além disso, por que eu deveria ser julgada pelo valor do meu rosto se tudo está contra mim? Não é justo. Você disse que não era justo. Você disse para o professor que esse tipo de julgamento leva a grandes erros... não dá para vacilar nesses casos. A não ser que você seja uma maria vai com as outras, deveria simplesmente ficar do meu lado.”

“Muito bem, eu estou do seu lado. O que quer que eu faça?”

Iris encostou a palma das mãos quentes no assento dourado e pegajoso de veludo e se inclinou para a frente, para olhar dentro dos olhos de Hare.

“Eu estou dizendo que a srta. Froy *existe*”, disse ela. “Você tem que acreditar em mim. Mas minha cabeça parece um circo de três picadeiros, estou confusa. Você poderia repassar a história comigo, para que eu a entenda melhor?”

“Adoraria ouvir sua versão”, disse Hare.

Pensativo, Hare fumou o tempo todo enquanto ela lhe contava toda a história de como conheceu a suposta srta. Froy, até o momento de seu desaparecimento.

“Bom, uma coisa é certa”, disse ele. “O que essa mulher disse sobre o chefão está correto. Acho que tenho um palpite muito certo sobre o chefe dela. Nesse momento, um tal de Johnny está em todos os noticiários locais acusado de suborno, falsificação de contratos e outras coisas do tipo. A acusação mais recente é de ter matado o editor do pasquim revolucionário que publicou as primeiras acusações.”

Ele pegou a página fina e aparelhada de um jornal com péssima impressão.

“A notícia é recente”, explicou, “mas como ele estava no alojamento de caça na hora, ficou por isso mesmo. Ninguém vai se importar mais com isso. É bem verdade que o sistema feudal ainda vigora nesses lugares remotos”.

“Mas isso prova que estou certa!”, gritou Iris, animada. “Como eu saberia todas essas coisas sobre seu chefe se ela não tivesse me contado? E tem mais uma coisa. Quando falei para a srta. Froy sobre a insolação que tive, a baronesa estava escutando. Ela não

tinha como saber de outro jeito. Então, a srta. Froy estava no vagão comigo.”

Ela parecia tão radiante que Hare detestou ter de arruinar sua confiança.

“Acho que isso só prova que a srta. Kummer estava lá”, disse ele. “Ela lhe contou sobre seu chefe, e talvez alguns detalhes de sua história familiar enquanto vocês tomaram chá. Depois, você falou sobre a insolação... Quando você embarcou no trem logo depois do desmaio, tinha a impressão de que todos os outros passageiros eram estrangeiros. Daí você cochilou, acordou confusa e, de repente, a srta. Froy, uma inglesa, veio à vida.”

“Mas ela tinha olhos azuis e ria como uma colegial”, protestou Iris. “Além disso, havia os pais dela, idosos, e o cão. Como eu inventaria isso tudo?”

“Por que não? Você não sonha?”

Desanimada, Iris concordou.

“Acho que sim. É, você deve estar certo.”

“Devo lembrá-la”, continuou Hare, “que a srta. Kummer foi identificada pelo pároco como a pessoa que mandou chá para eles. Veja bem, eu sou a última pessoa do mundo a ter preconceitos nesse aspecto, porque todos os meus tios e meu pai são párocos, e eu convivo com eles desde que nasci, mas a igreja requer um padrão definido das coisas. Nós insistimos no fato de que os párocos têm um código moral superior ao nosso, e os testamos duramente; mas precisamos admitir que raramente eles nos decepcionam”.

“Não”, murmurou Iris.

“Além disso, aquele pároco tem o rosto tão marcante. Como o bom homem de Deus.”

“Mas ele nunca viu a srta. Froy”, lembrou Iris. “Ele estava falando pela esposa.”

Hare soltou uma risada.

“Você me pegou”, disse ele. “Bom, isso mostra como podemos nos equivocar. Ele assumiu o controle da situação tão naturalmente que todos nós pensamos que ele era a testemunha.”

“Se você se engana com uma coisa, pode se enganar com outra”, sugeriu Iris, esperançosa.

“É verdade. Vamos voltar à história. Você sugeriu que a baronesa se livrou da srta. Froy – não importa como –, e que os outros passageiros, por serem locais e terem medo da família, deram-lhe respaldo. Até aqui, você está correta. Eles fariam isso.”

“Mas me parece um plano muito malfeito”, disse Iris. “Vestir alguém tão diferente para que se passe pela srta. Froy.”

“Mas foi uma decisão de última hora”, explicou Hare. “Pense bem, você atrapalhou todos os planos, intrometendo-se no último minuto. Quando fez um escândalo em relação à srta. Froy, eles negaram sua existência primeiro. Você era apenas uma estrangeira desprezível, então eles poderiam muito bem se livrar da situação. Mas quando você disse que outras pessoas inglesas a viram, eles tiveram de produzir uma outra, torcendo para que seus amigos tivessem uma péssima memória.

Ele falava sobre a srta. Froy como se desse por certa sua existência. Para o alívio de Iris, era uma novidade que seus pensamentos tomassem um rumo diferente.

“Você consegue baixar essa mecha de cabelo?”, perguntou ela.

“Não”, respondeu ele, “nem por bem, nem por mal. É minha angústia secreta. Obrigado. É o primeiro interesse que você demonstra por mim”.

“A srta. Froy está nos unindo, não é? Veja bem, você também acredita nela.”

“Bom, eu não iria tão longe assim. Mas prometi que acreditaria em você, com cílios postiços e tudo, em oposição às srtas. Flood-Porter, que nesse caso representam a mulher de Burberry. Temos então que aceitar a existência de uma conspiração inspirada pelo todo-poderoso, levada a cabo por sua parente, a baronesa, juntamente com o médico, para extinguir a srta. Froy da face da Terra. Sendo assim, naturalmente, isso invalida o depoimento de todos os nativos – do pessoal de bordo e de todo o resto.

“Você está sendo maravilhoso”, disse Iris.

“Espere antes de distribuir elogios. Vamos passar agora para o grupo dos ingleses. As srtas. Flood-Porter parecem a personificação

típica da Inglaterra. O que me diz delas?

"Frequentaram as escolas certas e conhecem as melhores pessoas."

"São pessoas decentes?"

"Sim."

"Então fazem coisas decentes. Temo que isso deponha contra a srta. Froy... Vamos então pular o casal em lua de mel, que presumivelmente não é normal, e chegamos à esposa do pároco. O que acha dela?"

"Não sei."

"Lembre-se, você está sob juramento e eu acredito em você."

"Bem", hesitou Iris, "não acho que ela contaria uma mentira."

"Também acredito que não. Convivo com publicanos e pecadores, e sei muito pouco sobre os santos. Mas sinto que ela é realmente uma boa mulher. Além disso, ela ficou do seu lado na primeira vez. Isso mostra que ela não tem interesse pessoal no assunto. Mas ela disse que a srta. Kummer é a mulher que tomou chá com você. Não acha que deveríamos acreditar nela?"

"Acho que sim... sim."

"Bom, nesse caso, as evidências estão contra a srta. Froy. Mas como declarei que não me bastam as evidências, por mais convincentes que sejam, vou deixá-las de lado. Para mim, o ponto principal é... o motivo."

Iris viu a srta. Froy desaparecendo enquanto Hare seguia com sua investigação.

"Acredito que a srta. Froy seja um peixe pequeno. Será que poderia estar envolvida em alguma trama?"

"Não", respondeu Iris. "Ela era contra os vermelhos."

"Também não era jovem, nem bonita? Então não foi sequestrada por ordem do chefe?"

"Não seja ridículo."

"Algum inimigo?"

"Não. Ela se orgulhava de ser amiga de todo mundo."

"Hum. Dificilmente isso seria motivo de assassinato, mas será que a família estava incomodada pelo fato de ela ir lecionar no campo da oposição?"

“Não. Ela falou de como seu patrão a cumprimentou quando se despediram, e agradeceu pelos serviços dela.”

“Bom, consegue entender agora? Se você não me der um motivo real para uma conspiração dos poderosos contra uma pobre, porém honesta, preceptora, temo que este seja o fim da srta. Froy. Concorda?”

Iris fez uma longa pausa enquanto tentava combater a corrente que levava a srta. Froy embora. Disse a si mesma que muitas pessoas, com interesses diversos, não poderiam combinar uma mentira. Além disso, como Hare tinha dito, qual seria o motivo?

Era inútil continuar lutando, então Iris se deixou levar com a maré.

“Talvez você esteja certo”, disse ela. “Não podemos ir contra os  *fatos*... ao mesmo tempo, ela era tão real. E seus pais e o cão eram reais também.”

Iris teve a sensação de ter matado algo jovem e alegre, que vibrava e lutava para viver, quando acrescentou:

“Você venceu. A srta. Froy não existe.”

# CAPÍTULO 18

---

# A surpresa

A sra. Froy teria ficado furiosa se soubesse que todos duvidaram de sua existência.

Enquanto Iris lamentava o desaparecimento de um fantasma amigável, a sra. Froy estava em sua casa de campo, entretendo os amigos na sala de estar.

Era uma sala pequena, com janelas fechadas por uma grade de proteção cheia de trepadeiras, o que deixava o cômodo escuro; apesar do tapete surrado, era um lugar gracioso, em que cadeiras de diferentes períodos harmonizavam com móveis de vime, e um belo armário de laca vermelha dava ao ambiente a cor que faltava nas cortinas e nos estofados de chita.

Vasos de crisântemos amarelos, cultivados pelo sr. Froy, encobriam a grade de ferro da lareira vazia. Os convidados talvez preferissem o fogo, pois pairava um friozinho no ar, típico das casas no campo, indicativo dos pisos de pedra. No entanto, ainda dava para ver o sol através da cortina verde, brilhando sobre os canteiros de flores lá fora; afinal, apesar das lâmpadas elétricas que brilhavam no expresso, a luz do dia ainda permanecia ao norte.

A sra. Froy era baixa e atarracada, de cabelos grisalhos e muito distinta. Além da personalidade forte, naquele dia ela acordou se sentindo cheia de vida só de pensar que sua filha estaria voltando para casa.

O cartão-postal estava sobre o consolo de mármore da lareira, encostado num relógio enorme. Nas costas, havia uma fotografia colorida rudimentar de algumas montanhas, com os pés verdes e os picos brancos, destacando-se contra o céu azul. Rabiscada sobre o céu, com letras bem arredondadas, estava a mensagem:

“Chego sexta à noite. Não é o máximo?”

A sra. Froy mostrou o cartão para os convidados.

“Tudo é ‘o máximo’ para minha filha”, explicou ela, orgulhosa. “Acho que uma época ela dizia ‘formidável!’”

Uma das convidadas olhou para a fileira de consoantes impressa na beirada da imagem, recuou-se e perguntou:

“Ela está *lá?*”, disse, apontando para a linha escrita.

“Sim.”

A sra. Froy repetiu o nome do lugar, em um tom ligeiro e agressivo. Fez para impressionar, porque era apenas a interpretação que ela fazia do endereço de Winnie. Mas, quando a filha chegasse, diria qual era a pronúncia correta e testaria a capacidade dos pais de imitar o que parecia um gargarejo feroz.

Assim a sala conheceria um pouco mais do riso do qual se alimentara para se tornar um ambiente tão gracioso.

“Minha filha é uma grande viajante”, continuou a sra. Froy. “Vejam sua última fotografia. Foi tirada em Budapeste.”

Um retrato tão bem produzido não revelava muita coisa. Dava para ver nitidamente a metade inferior de um rosto muito vago, e um chapéu bastante fotogênico.

“Ela parece muito cosmopolita com os olhos cobertos pelo chapéu”, observou a sra. Froy. “Veja, essa é da Rússia... Essa daqui foi tirada em Madrid, no aniversário dela... E essa daqui é em Atenas.”

A coleção era basicamente um troféu geográfico, pois embora a sra. Froy se orgulhasse da imagem das montanhas, ela lamentava secretamente a estranha de meia-idade que via na fotografia – uma mulher que segundo ela, não tinha nada a ver com a filha da qual se lembrava.

A sra. Froy terminou a exibição esticando o braço e apanhando um porta-retratos prateado com uma fotografia desbotada, que ficava sobre uma prateleira. A foto havia sido tirada em Ilfracombe, e mostrava uma mocinha com o pescoço fino e o rosto sorridente, enquadrada pelo cabelo loiro encaracolado e farto.

“Essa é minha predileta”, disse ela. “Essa daqui é a minha Winnie.”

Era a menina que frequentava a escola dominical, dava risada para os sacristãos e recusava as propostas de casamento dos curas, antes de abrir suas asas aventureiras e voar para longe.

Mas ela sempre voltava para seu ninho.

A sra. Froy olhou mais uma vez para o relógio. Tentou imaginar Winnie num grande expresso continental, que percorria com orgulho todo o mapa da Europa. A pobre moça teria de suportar duas noites no trem, mas ela sempre jurava que a experiência era adorável. Além disso, por ser uma viajante experiente, conhecia todos os truques que lhe garantiam o devido conforto.

Embora fosse uma criatura sociável, a sra. Froy começou a imaginar quando seus convidados iriam embora. Todos tinham tomado um chá hospitaleiro em volta da mesa de jantar, com torta de amoras pretas, e uma das convidadas conseguira manchar sua melhor toalha. Embora tivesse secretamente colocado o prato por cima da mancha, a sra. Froy viu. E como cada minuto de atraso antes de esfregar sal na mancha dificultaria ainda mais sua remoção, foi muito árduo para ela fazer olhos de míope como uma boa anfitriã.

Além disso, ela queria olhar para o relógio sozinha e se deliciar com o fato de que cada minuto que passava trazia Winnie para mais perto.

Por mais que seus dedos estivessem coçando para retirar a toalha da mesa depois de acompanhar as visitas até o portão, ela não voltou imediatamente para a casa. Diante dela havia o campo onde coletava cogumelos todas as manhãs. A relva estava verdíssima, e as sombras escuras dos olmos alongavam-se à medida que o sol baixava.

O cenário era melancólico e solitário, o que a fez pensar no marido.

“Querida que Theodore viesse para casa”.

Aparentemente, o marido ouviu seu desejo, pois apareceu de repente do outro lado da campina – sua silhueta esguia e escura caminhava a passos largos sobre a grama, como se competisse com a sombra dos olmos.

À volta dele pulava um cachorro que tinha alguma relação com a raça dos antigos pastores ingleses; mas sua linhagem se perdeu e ele foi eliminado da árvore genealógica. Durante um período recente de calor intenso, seus pelos foram cortados e ele se transformou praticamente numa criação do Walt Disney.

Sock era o arauto e o mestre de cerimônias da família. Assim que avistou a senhorinha grisalha e baixinha no portão dourado, saiu correndo na direção dela e correu à sua volta, latindo animado para dizer que seu dono estava voltando.

Depois de cumprir seu dever numa ponta do gramado, ele voltou correndo até o sr. Froy com a alegre notícia de que a dona da casa estava esperando por ele. Seus donos foram se aproximando aos poucos, rindo de suas acrobacias desajeitadas.

“Deve ter sido um grande alívio, coitado, se livrar daquela cabeleira”, disse o sr. Froy. “Com certeza ele está se sentindo mais fresco e leve.”

“Provavelmente pensa que é uma fada”, observou a esposa. “Veja como ele flutua no ar como os tufos de um dente-de-leão.”

“Uma graça nosso pateta... Winsome morreria de rir, não acha?”

“Mas é claro.”

Na imaginação, os dois escutaram o ecoar dos risos joviais da filha.

“Ela não vai vibrar com o quarto?”, continuou a sra. Froy. “Theo, preciso confessar uma coisa. O tapete chegou assim que você saiu... E eu sou ser humano, você sabe.”

O sr. Froy escondeu o próprio desencanto.

“Você quer dizer que abriu o pacote?”, perguntou. “Tudo bem, minha querida, eu mereço por ter saído com Sock e deixado você sozinha com as visitas.”

“Vamos lá em cima pra você ver. Parece musgo.”

Eles tinham comprado um novo tapete para o quarto de Winifred, uma surpresa pelo seu retorno. O tapete significava que eles tinham feito uma economia pessoal severa, pois, com a renda apertada, qualquer compra fora do planejado significava cortar um pouco do orçamento semanal.

Assim, ele havia diminuído a quantidade de fumo, e ela parara de ir ao cinema. Mas agora que já tinham se passado quarenta dias, esses prazeres teriam se transformado em nada menos do que cinzas e canhotos de ingressos, que não serviriam para nada.

Já o tapete permanecia – um belíssimo quadrado verde.

Quando chegaram ao quarto, o sr. Froy olhou em volta, orgulhoso e satisfeito. Era o quarto típico de uma estudante, com paredes pintadas de amarelo e fotografuras das beldades de Jean-Baptiste Greuze, de olhos cristalinos e enquadradas em molduras de carvalho escurecidas. Havia também um traço moderno nas fotografias de Conrad Veidt e Robert Montgomery, junto com as turmas da escola e o taco de hóquei de Winnie.

As cortinas e as colchas de cretone amarelas e desbotadas foram lavadas e passadas; sobre a pia havia um sabonete verde, e, na frente do espelho da penteadeira, dois castiçais de vidro com duas velas também verdes – velas que nunca seriam acesas.

“Nós deixamos o quarto muito bonito”, disse o sr. Froy.

“Sim, mas ainda não terminamos.”

A sra. Froy apontou para a cama de carvalho estreita, onde duas protuberâncias por baixo da colcha, uma junto à cabeceira e outra aos pés da cama, sugeriam a presença de bolsas de água quente.

“Só vai ficar pronto quando houver alguém na cama”, disse ela. “Não acredito que daqui a duas noites entrarei aqui para dar a ela um beijo de boa noite.”

“Só na primeira noite”, alertou o sr. Froy. “Lembre-se de que nossa filha é uma garota moderna. Sua geração não gosta muito de sentimentalismos.”

“Sim, Winnie é moderna de corpo e alma”, concordou a esposa. “Por isso se dá bem com todo mundo, de qualquer classe. Pode acreditar, mesmo durante a viagem ela já deve ter feito vários amigos que podem ter sido úteis em caso de necessidade. Espero que tenha conhecido as melhores pessoas do trem. E digo ‘melhores’ em todos os sentidos da palavra... Onde será que ela está agora?”

Melhor que a sra. Froy não saiba.

# CAPÍTULO 19

---

## A mão invisível

Na opinião do professor, as srtas. Flood-Porter representavam o melhor tipo de pessoa. Em casa, ele tinha a reputação de ser antissocial e autossuficiente; mas assim que começava a viajar, desenvolvia uma desconfiança em relação a estranhos e uma timidez que o fazia procurar instintivamente a segurança de seus semelhantes.

Ele queria ouvir o sotaque de alguém, por mais antipático que fosse, que tivesse frequentado sua faculdade, almoçado em seu clube, ou que conhecia o primo ou a prima de algum conhecido.

Enquanto fumava no corredor depois de ser expulso do cubículo, observava saudosamente a cabine onde estavam as irmãs Flood-Porter. A srta. Rose, apesar de ser a mais nova, tinha idade suficiente para constituir um perigo em potencial. Mas seu rosto dissipava quaisquer medos de histeria latente. Tinha o maxilar levemente saliente, e a linha firme do queixo e dos lábios protuberantes era reconfortante.

Embora ele tivesse recuado automaticamente quando a irmã mais velha olhou em seus olhos e, abrindo um sorriso, convidou-o para entrar, ele se sentou com o corpo bem rígido ao lado da srta. Rose.

“Aquela moça tirou você de sua cabine privativa?”, perguntou a srta. Rose, sem preâmbulos.

Quando o professor explicou a situação, as duas irmãs ficaram indignadas.

“Desmaiou?”, perguntou a srta. Rose, num tom incrédulo. “Ela estava rindo quando passou, de braços dados com aquele rapaz. Tudo é um grande mistério para mim. Espero sinceramente que ela não faça um alarde e prenda todos nós em Trieste a troco de nada.”

“Ela está preocupada com o cão”, comentou a irmã mais velha.

A srta. Rose mordeu o lábio inferior.

“Sim, é o Scottie”, disse, resoluta. “Admito que chego a exagerar um pouco. Mas ele é tão companheiro, e sente minha falta. A única pessoa em quem confio para cuidar dele é o mordomo.”

“Engraçado”, observou o professor. “Meu cachorro tem uma forte aversão a mordomos, principalmente ao do meu tio.”

O clima de sociabilidade subiu vários graus e a srta. Rose sentiu mais confiança.

“O que acontece é o seguinte. Coles, nosso mordomo, vai sair num cruzeiro assim que chegarmos. É uma nova experiência para ele, que está muito animado. Se eu me atrasar, ele provavelmente ficará em casa com Scottie e, é claro, eu não quero que ele perca as férias... Por outro lado, se ele for, o pobre Scottie ficaria louco. Seria como se tivesse perdido um amigo.”

“Temos ótimos empregados”, acrescentou a srta. Flood-Porter, “mas, infelizmente, nenhum deles gosta de animais”.

O rosto alongado do professor se abriu num sorriso, dando a ele ares de um cavalo benevolente.

“Consigo entender perfeitamente o que sentem”, disse ele. “Confesso que meu cão me faz perder totalmente o senso de proporção. Eu raramente viajo para o exterior porque não posso levá-la comigo devido às regras de quarentena. Mas esse ano pareceu que o melhor era mudar a rotina.”

As irmãs trocaram olhares.

“Não é engraçado?”, declarou a srta. Evelyn. “É exatamente o nosso caso.”

A srta. Rose se esquivou e mudou rapidamente de assunto.

“Qual a raça do seu cachorro?”, perguntou.

“Um sealyham. Branco.”

O professor não estava mais com o corpo totalmente ereto. Depois de falar dos mordomos e consolidar a amizade graças ao assunto comum dos cães, ele se sentiu entre amigos. Relaxou e começou a falar.

“Sinto que me foi confiada uma grande responsabilidade em relação àquela jovem extravagante”, disse. “Ela parece

determinada a dificultar as coisas para todo mundo. Pelo que entendi, ela estava hospedada no mesmo hotel que vocês, não é? O que vocês acham dela?"

"Não pergunte para mim", disse a srta. Rose, sem meias-palavras. "Tenho meus preconceitos. Então talvez eu não seja justa com a moça."

A irmã explicou melhor.

"Nós não sabemos nada sobre ela, exceto que estava com amigos seminudistas, que bebiam dia e noite e eram um incômodo só. O barulho que faziam era pior do que de uma britadeira. E nós estamos mais do que acostumadas ao descanso e ao silêncio absolutos."

O professor estalou a língua.

"Eu entendo seus sentimentos", disse ele. "A questão é a seguinte... ela parecia histérica?"

"Só sei que houve uma cena desagradável ontem no lago. Duas mulheres brigavam por causa de um homem. Ela era uma delas."

"Não me surpreende", comentou o professor. "No momento, ela está contando um monte de mentiras para chamar atenção, ou está sofrendo um delírio por causa da insolação. A segunda hipótese é a caridosa. Mas requer responsabilidade. Afinal, somos seus compatriotas."

A srta. Rose começou a se mexer, inquieta. Quando abriu a bolsa e retirou um cigarro, seus dedos estavam trêmulos.

"Suponha que ela esteja dizendo a verdade", disse. "Não é justo que a deixemos para trás em Trieste sem nenhum apoio. Fico muito nervosa sem saber *o que fazer*."

Se a sra. Froy estivesse ouvindo, teria aplaudido com suas mãos velhas e reumáticas. Por fim, a srta. Rose começou a se comportar de acordo com suas expectativas. As melhores pessoas estariam à procura de Winnie. Sendo assim, nenhum mal poderia acontecer a ela. Mesmo assim, "Dê-lhe segurança e traga-a de volta para casa".

Infelizmente, o professor era imune ao poder da oração e franziu a testa, fazendo uma careta cética.

"A história que ela conta é muito infundada para que eu acredite", disse ele. "Mas mesmo que a preceptora desaparecida

não fosse um mito, não consigo entender o motivo de tanta comoção por causa dela. Seu desaparecimento deve ser voluntário, porque se tivesse sofrido algum mal, ou algum tipo de acidente, alguma testemunha já teria feito algum relato.”

“Exatamente”, concordou a srta. Evelyn. “O trem está tão cheio que, se ela quisesse, conseguiria brincar de ‘pique-esconde’ eternamente com o cobrador”.

“Portanto, resumiu o professor, “se ela está se escondendo, deve ter algum motivo muito forte para isso. Minha tendência é jamais interferir nesses assuntos particulares. Seria muito indelicado e desrespeitoso se começássemos uma busca geral por ela”.

A srta. Rose deu um trago profundo no cigarro.

“Então definitivamente você não me acha medíocre por colocar os interesses de Scottie em primeiro lugar?”, perguntou.

“Eu diria que a senhorita estaria decepcionando seu cão se o sacrificasse por uma questão tão absurda”, respondeu o professor.

“Era o que eu precisava ouvir. Obrigada, professor.” A srta. Rose examinou as mãos firmes e rosadas. “Estou toda suja de fuligem. É melhor lavar.”

Quando saiu para o corredor, a srta. Evelyn se abriu com o professor.

“Eu não podia falar na frente da minha irmã porque ela é muito sensível em relação ao assunto, mas nós acabamos de passar por uma experiência muito traumática. Não acho que tenhamos agido bem... estou incomodando?”

“De jeito nenhum.”

A srta. Evelyn começou então a contar a história dos eventos que tiveram um papel importante no tipo de conduta das irmãs, e por isso afetaram, indiretamente, o destino de uma pessoa estranha.

“Vivemos numa região muito tranquila, perto da catedral. Foi uma ruína para todos quando uma pessoa terrível foi morar lá. Um explorador de guerra – ou pelo menos, é assim que chamo pessoas como ele. Um dia, enquanto dirigia correndo – e bêbado, como de costume –, ele atropelou uma mulher. Nós vimos o acidente, e

nosso testemunho rendeu a ele seis meses de prisão, porque tinha sido um caso grave.”

“Dou-lhes meus parabéns pelo espírito cívico.”

“Acho que nós, também, estávamos orgulhosas de nós mesmas, até sairmos de casa. Depois disso, nos tornamos pessoas marcadas. Esse homem, com a ajuda de dois rapazes, começou a nos perseguir de todas as maneiras. Quebravam nossas janelas, devastavam nossos canteiros, jogavam coisas horríveis por cima do muro, escreviam mensagens obscenas nos portões. Nunca conseguimos pegá-los no flagra, embora tenhamos dado queixa à polícia, que passou a fazer uma vigília especial nas redondezas. Depois de um tempo, nos deu nos nervos. Onde quer que fosse, independentemente do que estivéssemos fazendo, estávamos sempre esperando por outro acidente. Minha irmã ficou mais abalada do que eu, pois teve medo de que algum dos nossos animais pudesse ser a próxima vítima. Para nossa sorte, antes de chegar nesse ponto, o homem foi embora da cidade.”

A srta. Evelyn fez uma pausa, afetada pelas lembranças recentes.

“Tudo começou na manhã em que ela saiu até o jardim e viu que suas esporinhas brancas tinham sido arrancadas durante a noite.”

Depois disso a tensão só cresceu: o aborrecimento constante, a perda de dinheiro, os reparos inúteis para substituir as janelas de vidro que, no dia seguinte, eram quebradas de novo. Era como estar de pé no meio de um cruzamento, num dia de tempestade, sendo golpeada por um cata-vento invisível que começa a girar depois de uma rajada de vento. Elas tremiam apreensivas toda vez que esses rapazes demoníacos aceleravam as motos perto delas, sorrindo com um triunfo atrevido nos lábios. Até que chegou o dia em que elas tiveram um colapso nervoso, não paravam de imaginar coisas e começaram a ter medo de sofrerem males ainda piores.

O auge de tudo aconteceu numa tarde, quando a srta. Evelyn encontrou a irmã Rose em lágrimas. Se o Rochedo de Gibraltar de repente tremesse como uma geleia, ela não teria ficado mais aterrorizada.

Evelyn levantou a cabeça e olhou bem nos olhos solidários do professor.

“Você nos recriminaria se eu dissesse que, depois disso, nós prometemos que jamais tomaríamos partido de qualquer coisa, a menos que se tratasse de maus-tratos a animais e crianças?”, perguntou ela.

Quando Iris passou pela janela, dando a entender que o professor estava livre para voltar para sua própria cabine, ele se levantou.

“Diga para sua irmã não se preocupar com isso e voltar o mais rápido que puder para encontrar seu cão”, disse ele. “Ninguém vai sofrer. Se houver alguma complicação, pode ter certeza de que cuidarei de tudo.”

Alguns minutos depois, quando a srta. Evelyn repetiu a mensagem, a srta. Rose suspirou aliviada.

“Agora posso voltar para meu Scottie com a consciência *tranquila*”, disse ela. “Qualquer pessoa confiaria plenamente no professor.”

Ela se esqueceu de um ponto importante. O professor estava agindo como se a srta. Froy fosse fruto de uma ficção histérica – embora as duas irmãs a tivessem visto em carne e osso.

# CAPÍTULO 20

---

## Intervenção de estranhos

Depois que a srta. Froy desaparecera para a terra do nunca, Iris estava sozinha de novo. Depois que o alívio inicial de ter resolvido o problema passou, ela começou a se preocupar com o que estava sentindo. Suas pernas estavam bambas, e sua cabeça parecia oca e frágil, como uma casca de ovo vazia.

A srta. Froy sabia que, além dos efeitos provocados pela insolação, Iris estava prostrada por falta de uma boa alimentação. Nessa conjuntura, ela representava uma perda total para Iris, pois Hare – com a melhor das intenções – só lhe oferecia estimulantes.

Agarrada ao corrimão instável e lutando contra ondas contínuas de náusea, Iris disse a si mesma que precisava se esforçar para ficar bem até chegar à Basileia.

“Seria fatal se eu tivesse um colapso”, pensou, temerosa. “Max é jovem demais para me servir de alguma maneira. Algum mau-caráter me despejaria na primeira estação e me mandaria para o hospital local.”

Lá, qualquer coisa horrível poderia lhe acontecer, como na terrível história da srta. Froy. Ou será que a história era da srta. Kummer?

Para Iris, era um suplício ficar de pé, mas embora ela tivesse insistido em deixar Hare, quando percebeu que estava muito difícil tanto falar quanto ouvir, a ideia de voltar para sua cabine dava-lhe arrepios. Era muito perto do médico e distante demais de seus compatriotas. No outro extremo do corredor, ela se sentia presa num território inimigo.

Além disso, o lugar estava assombrado pelo fantasma de uma solteirona de tweed, em quem não era sábio pensar durante muito tempo.

A conversa das srtas. Flood-Porter, que ela ouvia por causa da porta aberta, serviu-lhe como uma distração.

“Escrevi para o capitão Parker, pedindo que nos encontrasse de carro na Estação Victoria para nos ajudar a passar pela alfândega”, disse a srta. Flood-Porter.

“Espero que ele esteja lá”, alvoroçou-se a srta. Rose. “Se ele não for, podemos perder a conexão. E escrevi para a cozinheira, dizendo que o jantar deve estar pronto às sete e meia em ponto.”

“O que você pediu?”

“Frango, não. Definitivamente. Vai demorar um tempo para eu voltar a comer frango. Pedi um filé de salmão e pernil de cordeiro. Ervilhas, se possível. Mas se for muito tarde para encontrá-las, pode ser vagem e abóbora. Deixei o doce para ela escolher.”

“Maravilhoso. Estou ansiosa para ter um belo jantar inglês de novo.”

“Eu também.”

Houve uma breve pausa antes que a srta. Rose começasse a se preocupar de novo.

“Espero que não haja nenhum problema com nosso vagão-leito em Trieste.”

“Ó, querida”, gritou a irmã, “nem pense nisso. Eu não suportaria a ideia de passar a noite toda sentada com as costas retas. Você não escutou a conversa do gerente do hotel com eles?”

“Fiquei ao lado dele enquanto estava ao telefone. É claro, não entendi nenhuma palavra. Mas ele me garantiu nossa reserva.”

“Bom, vamos torcer para o melhor... Eu estava olhando minha agenda e vi que, um dia depois que chegarmos, será a última recepção no jardim do bispo.”

“Ah, não podemos perder essa!”

O sorriso semiaberto de Iris amargurou-se enquanto ela ouvia a conversa característica de duas viajantes inexperientes, que se sentam muito longe dos lugares que costumavam frequentar.

“E eu ainda esperava que *elas* corressem o risco de perder suas reservas e estragar o jantar”, pensou. “Que esperança mais descabida.”

Iris encostou na janela mais uma vez, enquanto o garçom de cabelo loiro vinha chegando pelo corredor. A srta. Rose o viu passar e deu um salto atrás dele.

“Espere”, gritou ela, imperativa. “Você fala inglês?”

“Sim, madame.”

“Poderia me arrumar alguns fósforos, por favor? Fósforos.”

“Ah, claro, madame.”

“Será que ele realmente a entendeu?”, pensou Iris, que agora desconfiava de todo mundo.

Suas dúvidas foram infundadas, pois após um breve intervalo, o garçom apareceu com uma caixa de fósforos. Usou um para acender o cigarro da srta. Rose e entregou a ela a caixa, fazendo uma mesura.

“O maquinista está cumprindo suas obrigações, o trem vai chegar em Trieste no horário marcado”, informou ele à srta. Rose, que respondeu: “Ah, que notícia excelente”.

Ele parecia empenhado em agradar a todos. Quando Iris, por sua vez, o chamou, ele se virou rapidamente como se estivesse ansioso para servi-la.

Quando a reconheceu, no entanto, seu rosto mudou. O sorriso desapareceu, os olhos viraram para o outro lado e pareceu disposto a sair às pressas.

No entanto, ouviu obediente o pedido de Iris.

“Eu não vou jantar no vagão-restaurant”, disse ela. “Gostaria que me trouxesse algo na cabine, no final do corredor. Pode ser uma sopa, um caldo de carne ou um Ovomaltine. Nada sólido. Entendeu?”

“Sim, madame.”

Ele fez uma mesura e saiu. E nunca mais voltou com a sopa...

Iris se esqueceu do pedido assim que o fez. Uma onda de passageiros veio passando por ela, esmagando-a contra a parede do corredor. Como todos seguiam na mesma direção, ela olhou para o relógio.

O horário mostrava que o primeiro jantar estava prestes a ser servido.

“Mais três horas até chegarmos a Trieste”, pensou ela, feliz, não mais angustiada pela ideia dos minutos perdidos.

Iris estava bem no meio da passagem, e como a maioria das pessoas estava faminta, ela era vista como um obstáculo. Todos a empurravam sem muito jeito, mas era inútil tentar lutar contra a corrente humana. Quando tentou fazer isso, quase foi jogada no chão por um dos mais violentos, que não parava de empurrar.

Ninguém parecia notar seu desespero para sair daquele meio. O trem estava correndo a toda velocidade, e ela estava sendo esmagada quando se agarrou ao corrimão. Com um medo horrível de ser pisoteada, suas palmas estavam ensopadas de suor, e seu coração quase lhe saltava do peito por causa do pânico.

Por fim, a pressão foi diminuindo e ela respirou mais livremente, enquanto esperava os mais comportados passarem. Logo em seguida, uma combinação de riscos, listras e bolinhas anunciou que a família de sua cabine estava a caminho do jantar. Livres da presença opressora da baronesa, eles riam e conversavam, evidentemente bem-humorados com a perspectiva do jantar.

Embora os pais fossem grandes o suficiente para espremê-la sem piedade contra a parede enquanto passavam, Iris ficou feliz em vê-los, pois concluiu que eles deveriam ser os últimos daquela leva. Em seguida apareceu a loira, fria como um bloco de gelo, com a postura impecável e sem um fio de cabelo fora do lugar.

Embora o corredor estivesse praticamente livre, Iris ainda se demorou por ali, incapaz de encarar a ideia de ficar sozinha na cabine com a baronesa. Para seu alívio, no entanto, esta personalidade apareceu, acompanhada pelo médico. Certa de que conseguiria um lugar no vagão-restaurant, por mais que se atrasasse, ela preferiu esperar o tumulto passar.

Iris sorriu consigo mesma quando a vasta silhueta negra passou por ela. Um inseto e seu soldado implacável.

O médico se virou para Iris com um olhar intenso e profissional, notando cada sintoma de seu sofrimento. Quando passou fazendo uma medida formal, Iris seguiu aos solavancos ao longo dos corredores e voltou para a cabine vazia.

Ela mal tinha se sentado, depois de olhar involuntariamente para o lugar vazio da srta. Froy, quando Hare entrou correndo.

"Vamos jantar?", perguntou. "Melhor irmos agora, a segunda leva será só as migalhas."

"Não", disse ela, "o garçom vai me trazer uma sopa. Acabei de enfrentar uma multidão violenta, acho que não aguentaria o calor".

Ele olhou para Iris enquanto ela limpava a testa ensopada.

"Caramba, você está péssima. Vou trazer alguma coisa para você beber. Não?... Bom, então veja só, acabei de ter uma experiência intrigante. Enquanto vinha para cá, uma mulher colocou a mão trêmula no meu braço e, com a voz lastimosa, sussurrou: 'Poderia me fazer um favor?' Quando me virei, dei de cara com os olhos azuis da esposa do pároco. Não preciso nem dizer que vou fazer o que essa senhora angustiada me pediu."

"Ela queria uma bolsa de água quente para o marido?", perguntou Iris.

"Não, ela me pediu para mandar um telegrama em nome dela assim que chegarmos em Trieste. Mas o interessante é o seguinte: o marido dela não pode suspeitar de nada. E eu não posso nem mencionar o conteúdo da mensagem."

"Quem perguntou?", disse Iris, irritada.

"Desculpe. Estou vendo que você não está mesmo muito bem. Não vou te incomodar mais. Tchau, tchau."

Hare saiu da cabine, depois enfiou a cabeça no canto da porta.

"A enfermeira mais feia que já vi na vida está bem ali, no próximo vagão", disse ele. "Mas na verdade eu voltei para te perguntar uma coisa. Você sabe quem é 'Gabriel'?"

"Um arcanjo."

"Entendi. Você está mesmo *por fora*."

À medida que o tempo foi passando e o garçom não voltava com sua sopa, Iris concluiu que ele devia estar correndo demais para se lembrar do seu pedido. Mas estava muito exausta para se importar com isso. Tudo que importava eram os ponteiros rastejantes do relógio, que a aproximavam imperceptivelmente de Trieste.

A verdade é que o garçom de cabelos claros tinha um coração de ouro, e mãos que apontavam instintivamente na direção de

alguma pista, como varinhas de um radiestesista. Ele teria encontrado tempo para levar a sopa de Iris, apesar da demanda de trabalho. O único problema é que ele não sabia qual era o pedido.

Como a maioria de seus compatriotas, ele havia se tornado um bom poliglota pelo intercâmbio entre famílias de diferentes nacionalidades. Como era ambicioso, acreditava que falar mais uma língua poderia ser um ponto a seu favor quando procurasse um emprego. Consequentemente, aprendeu inglês com um professor, que o ensinou a língua usando um livro de pronúncia fonética.

O garçom, que era um aluno aplicado, passou nas provas escolares e era capaz de dizer uma série de expressões inglesas, mas da primeira vez que ouviu a língua ser falada por um britânico, não conseguiu entender nada.

Felizmente, turistas ingleses eram raros, e a maior parte do que diziam limitava-se ao pedido de refeições. À medida que seu ouvido foi se acostumando, no entanto, ele conseguiu manter o emprego blefando um pouco e por ser um excelente adivinhador.

O cigarro apagado da srta. Rose o fez concluir que ela precisava de fósforos. Além disso, sua voz era alta, e ela tinha sido breve.

Mas com Iris, ele conheceu a própria derrota. Sua voz baixa e áspera, e as palavras desconhecidas, o acertaram em cheio. Depois da experiência estressante que tivera com ela, só poderia se limitar à mecânica resposta de "sim, madame", e correr procurando abrigo.

Antes de os outros passageiros voltarem para a cabine, Iris teve outro visitante, o professor. Ele tirou os óculos e os limpou com um gesto nervoso, enquanto explicava o motivo de sua presença.

"Hare conversou comigo e está sinceramente preocupado com você. Não quero deixá-la com medo... é claro, você não está doente – quer dizer, não é nada sério, mas estávamos pensando se você tem condições de continuar a viagem sozinha."

"É claro que tenho", gritou Iris, apavorada. "Estou ótima. E não quero ninguém se preocupando comigo."

"No entanto, se você desmaiar mais tarde, seria realmente um problema para você e para todo mundo. Conversei sobre isso com o médico agora há pouco, e ele me deu uma sugestão admirável."

Quando parou de falar, o coração de Iris acelerou de ansiedade, pois ela sabia instintivamente qual seria a proposta.

“O médico”, continuou o professor, “está levando uma paciente para o hospital em Trieste, e se ofereceu para deixá-la passar a noite numa casa de repouso muito bem recomendada.”

# CAPÍTULO 21

---

# Mentiras

Quando o professor fez a proposta, Iris viu a boca da armadilha. Mas ele tinha se esquecido da isca: ela era livre, e nada a convenceria a entrar.

“Eu não vou a lugar nenhum com aquele médico”, disse ela.

“Mas...”

“Recuso-me a discutir isso.”

Iris sentiu que o professor estava pronto para discutir, então concluiu que não era momento de fazer cerimônia.

“Não posso fingir que estou grata pelo seu interesse”, disse ela. “Para mim, é uma invasão.”

O professor tencionou todo o corpo ao ouvir a palavra “invasão”.

“Não tive a menor intenção de ser invasivo”, disse ele. “Mas Hare está realmente preocupado com você, e pediu para que eu fizesse uso da minha influência.”

“Ninguém vai conseguir me influenciar a acompanhar aquele médico pavoroso.”

“Nesse caso, assunto encerrado.”

O professor na verdade agradeceu por se livrar de uma responsabilidade. Como a moça persistia em recusar qualquer ajuda, ele teria tempo para fumar enquanto esperava o segundo turno do jantar.

Iris não gostava do rosto do professor, mas suas costas, cobertas por um casaco de Harris Tweed, eram britânicas e reconfortantes. Angustiada, entendeu que o estava dispensando.

Agindo por impulso, ela o chamou de novo.

“Eu não vou acompanhar aquele médico”, disse ela. “Ele parece a morte, mas... supondo que eu *pudesse* desmaiar, o que é um absurdo, eu acompanharia você.”

Ela pensou que estava fazendo uma concessão, mas naquele ponto havia duas pessoas apavoradas no vagão.

“É impossível”, disse o professor, em tom seco, para esconder seu nervosismo. “Nessas circunstâncias, está fora de cogitação. O médico lhe fez uma oferta gentil e conveniente, ainda melhor por ser ele um homem da medicina.”

Ele abriu a porta da armadilha de novo, mas ela balançou a cabeça. Jamais entraria. A menos, é claro, que fosse enganada.

Era uma ideia inquietante, pois ela começava a entender que não podia confiar em ninguém. Até Hare a decepcionara. Embora estivesse de fato preocupado com seu estado de saúde, tinha sido jocoso com a sra. Barnes. Segundo ele, ela havia lhe pedido para mandar um telegrama para um homem chamado Gabriel, mas o marido não podia saber de nada.

Como era impossível conectar a esposa do pároco com um caso clandestino, Iris concluiu que Hare estava tentando distraí-la com uma mentira.

Julgou estúpida sua tentativa, principalmente porque a sra. Barnes estava ligada a uma memória dolorosa. Ela é que havia afugentado a srta. Froy, mandando-a de volta às cegas para o limbo.

Iris não podia perdoá-la por isso, pois estava sentindo muita falta do apoio que só a preceptora poderia lhe dar. Naquela situação, ela sabia que estaria segura em mãos experientes. Sentiu-se apavorada, doente, abandonada – pois havia queimado suas pontes.

Além disso, sempre que pensava no mistério, Iris sentia-se perto da fronteira com aquele mundo povoado de sombras tremeluzentes, onde a fantasia usurpava a realidade e ela existia apenas no sonho do Rei Vermelho, de *Alice através do espelho*. Se não controlasse a si mesma, sua sanidade poderia vacilar ou se perder na questão da existência da srta. Froy.

Naquele trem, cheio de pessoas de férias, havia outras pessoas piores do que ela. Uma era a mulher doente no vagão da frente. Embora estivesse basicamente inconsciente, a chama de cada segundo de lucidez carregava o horror do choque que a derrubara

na escuridão. E se esse momento durasse uma fração a mais, era o suficiente para que surgisse uma nuvem de perguntas.

“Onde estou? O que está acontecendo comigo? Para onde estão me levando?”

Felizmente, antes que essas questões pudessem ser respondidas, o lampejo de consciência desaparecia. Nesse sentido, sua situação era melhor que a de Edna Barnes, que suportava um longo e martirizante sofrimento mental ainda em plena posse de suas faculdades.

A sra. Barnes ficou extremamente feliz antes de sua última escalada pela montanha quando viu a carta no escaninho da recepção do hotel. A caligrafia de sua sogra sugeriu o primeiro sinal de perigo, que pouco fez para amenizar o choque do conteúdo da carta.

“Me perguntei bastante o que era melhor fazer”, escreveu a excelente senhora. “Não quero deixá-la angustiada durante sua longa viagem, mas, por outro lado, sinto-me na obrigação de prepará-la para uma possível decepção. Imaginei que Gabriel estaria em perfeita saúde quando você retornasse, e até agora ele estava maravilhoso. Mas de repente ele pegou um resfriado no peito. Ele está tranquilo e o médico disse que ele está melhorando conforme o esperado. Então, não há motivos para se preocupar.”

Edna Barnes passou os olhos rapidamente pela carta, lendo-a nas entrelinhas. Se sua sogra tinha escrito a carta com a intenção de deixá-la preocupada, não poderia ter se saído melhor. Todas as expressões usadas para tranquilizar o outro estavam lá: “Não há motivos para se preocupar”, “melhorando conforme o esperado”, e “tranquilo” – a fórmula hospitaleira usada nos casos perdidos.

Um resfriado no peito pode esconder uma bronquite, ou até uma pneumonia. A sra. Barnes tinha ouvido dizer que bebês grandes e fortes, quando atingidos por esses males, muitas vezes morriam depois de poucas horas de sofrimento. Seu coração quase explodiu quando ela se perguntou se, naquele momento, ele já não tinha morrido.

Foi então que seu marido a chamou perguntando sobre o conteúdo da carta. E a resposta tinha sido “seda xadrez, como a

usada pela princesa, Margarida Rosa”.

Ela mentiu motivada pelo forte instinto protetor de evitar que ele sofresse com a agonia dela. Não havia necessidade de dois sofrerem, desde que ela conseguisse guardar para si a dor que seria dele. Disfarçando seu tormento com um sorriso habitual, ela vasculhou os próprios pensamentos desesperadamente, tentando encontrar uma razão para voltar para a Inglaterra naquele mesmo dia.

Assim que o pároco pegou os sanduíches de sua mão, antes de saírem para caminhar, ela se agarrou à desculpa do sonho premonitório da srta. Rose Flood-Porter.

Apesar de um pouco decepcionado, o pároco acabou cedendo. As irmãs também decidiram não arriscar quando ouviram que a esposa do pároco havia mudado os planos por causa de pressentimentos supersticiosos. Como os recém-casados haviam resolvido de antemão que sairiam naquele dia, o hotel teve um êxodo completo.

Pela primeira vez, Edna Barnes ficou feliz pelo enjoo do marido numa viagem de trem. Enquanto ele ficava sentado com os olhos fechados e os dentes cerrados, ela tinha uma trégua de toda a atuação. Seu único consolo era saber que estava voltando para casa. Por isso, quando se sentiu ameaçada com a possibilidade de um atraso forçado em Trieste, ela se desesperou.

Edna Barnes teve de enfrentar o primeiro teste verdadeiro de seus princípios, e sua consciência venceu. Mentir para poder salvar o marido de um sofrimento desnecessário era uma forma nobre de mentir. Mas agora ela precisava admitir que a causa da humanidade devia vir antes dos laços familiares, porque isso, sim, era altruísmo.

Ela estava preparada para cumprir com seu dever, custasse o que custasse, pela srta. Froy. Mas quando as pessoas em quem ela confiava disseram que não havia um grande perigo em jogo, sua determinação falhou.

A causa era demasiado inadequada para exigir tamanho sacrifício. De acordo com as evidências, não se tratava de nada mais que a invenção fraudulenta de uma moça histérica para

chamar atenção. Mas Gabriel estava doente. Ele precisava dela, e por isso havia vencido.

Só depois de ter identificado a srta. Kummer como srta. Froy que ela percebeu o quanto poderia ser útil um jovem bem-disposto, que pudesse mandar um telegrama para sua sogra. Como ela não sabia se conseguiria receber uma resposta sem que o marido percebesse – pois algum funcionário poderia gritar seu nome –, ela pediu para receber o comunicado quando chegassem a Calais. A travessia marítima reanimaria o pároco, e não seria generoso deixá-lo totalmente sem notícias até chegarem em casa.

Por mais que seus olhos estivessem uma tragédia, ela sorriu levemente ao pensar na inconsciência do marido. Como uma criança, ele lamentava pelas dores e enjoos que estava sentindo, mas não sabia nada daquilo de que tinha sido poupado.

“Só as mães sabem o que é isso”, pensou ela.

Essa era exatamente a mesma convicção da sra. Froy quando se sentava ao crepúsculo e ansiava pelo retorno da filha.

# CAPÍTULO 22

---

# Matando o tempo

Como regra geral, a sra. Froy morava do lado ensolarado da rua. Naquela noite, no entanto, as sombras compridas dos olmos pareciam ter se esticado ainda mais e invadido sua mente, pois ela estava inexplicavelmente deprimida.

O sol já não brilhava mais dentro de casa depois de atravessar as trepadeiras e adquirir um tom esverdeado, mas ela estava acostumada à escuridão. Por razões de economia, o lampião só era aceso no último momento. Ela também não se deixava influenciar pela melancolia da paisagem vista do seu quarto, que dava para um canto do cemitério.

Depois de tantos anos morando em residências paroquiais, a família Froy adquirira o hábito de morar perto da igreja. Ela havia se treinado para, toda vez que olhasse para as lápides inclinadas dos mortos já esquecidos, imaginasse uma ressurreição espetacular, em que os túmulos se abriam de repente e seu conteúdo glorificado se lançaria nos ares como uma chuva de foguetes radiantes.

Naquela noite, quando o verde se tornou cinza, ela teve seu primeiro mau pressentimento.

“Será que é saudável para nós morar tão perto desses cadáveres em decomposição?”

Em circunstâncias normais, ela teria achado a ideia ridícula; naquele momento, no entanto, não conseguiu espantar aquela nuvenzinha negra que rondava sua cabeça. Maus agouros e pressentimentos vagos continuavam sacudindo sua cabeça.

Ela disse a si mesma que seria profundamente grata quando Winnie chegasse em segurança. A viagem pode ser arriscada – do contrário, as companhias ferroviárias não fariam seguro. Imagine se

Winnie ficasse doente durante a viagem e tivesse de ser acomodada na sala de espera de algum país qualquer?

Qualquer coisa poderia acontecer com ela – o trem poderia bater, ou até pior. Sempre surgem notícias de coisas terríveis que acontecem com moças que viajam sozinhas. Não que Winnie fosse de fato uma moça – graças a Deus –, mas ela era jovem demais para sua idade.

Nesse momento, a sra. Froy tomou as rédeas de si mesma.

“Só mais duas noites”, lembrou-se. “Você deveria estar feliz como uma rainha, em vez de murchar como um salgueiro-chorão. Trate de descobrir o motivo desse lamento todo.”

Pouco tempo depois, ela parecia ter descoberto a causa original de sua depressão. Tudo começou com a mancha de amora-preta na sua melhor toalha de mesa, que não saiu totalmente com o sal.

“Boba”, disse. “Vai sair com uma fervura.”

Fazendo uma careta para as lápides, ela saiu do quarto e desceu as escadas, em busca do marido.

Ao contrário do que costumava acontecer, ela o encontrou na saleta, sentado no escuro.

“Preguiçoso, por que não acendeu a luminária?”, perguntou.

“Daqui a pouco.” A voz do sr. Froy estava excepcionalmente sem vida. “Estava aqui, remoendo uns pensamentos. Mau hábito. É incrível que Winsome viaje com tanta frequência, e essa seja a primeira vez que estou apreensivo com a segurança dela. Esses trens do continente... acho que estou ficando velho. A terra está me puxando.”

O coração da sra. Froy acelerou enquanto escutava as palavras. Então ele também tinha escutado um leve sussurro de alerta.

Sem dizer nada, ela riscou um fósforo, virou o pavio, acendeu-o e encaixou a manga do lampião. Enquanto esperava a chama aquecer o vidro, olhou para o rosto do marido, visível sob a luz tênue.

Parecia branco, sem vida e esquelético – o rosto de um homem que deveria ir descansar num canto úmido sob a janela, em vez de dividir com ela seu colchão de molas.

Diante dessa visão, a sra. Froy teve um acesso de fúria típico de mulheres que não querem saber da escuridão.

“Nunca mais quero ouvir você falar desse jeito”, gritou ela. “Você está sendo tão desagradável quanto a srta. Parsons. Ela tem apenas sessenta e seis, e da última vez que voltamos juntas da cidade, ela resmungou porque o ônibus estava cheio e ela teria de viajar de pé. Eu disse: ‘Minha querida, ninguém precisa saber que você não está acostumada à alta sociedade’. Depois disse: ‘Pode se sentar no meu lugar. Eu sou jovem.’”

“Os passageiros do ônibus riram?”, perguntou o sr. Froy, com apreço.

Sob o círculo da luz tênue do lampião, o rosto dele perdera a palidez. Antes de responder, sua esposa agarrou os cordões e fechou as cortinas verdes, deixando lá fora o melancólico crepúsculo.

“Sim”, disse ela, “eles morreram de rir. Alguém começou a bater palmas. Mas quando percebi que a piada já tinha ido longe demais, eu parei com a brincadeira... só *olhei* para eles”.

Embora a sra. Froy tivesse orgulho de seus dotes de comediante, seu senso de dignidade era mais forte. Ela estava com a cabeça empinada, como se ainda estivesse encarando o público, quando perguntou:

“Cadê o Sock?”

“Minha querida, imagino que ele deva estar lá fora, esperando o horário do trem. Eu adoraria fazer o pobrezinho entender que ela só chega na sexta.”

“Vou fazer isso”, anunciou a sra. Froy. “Sock!”

O cão entrou imediatamente, pois embora fosse mimado demais para obedecer, ele sempre respeitava o tom rascante da voz de sua dona.

A sra. Froy pegou três biscoitos na lata e os colocou em fileira sobre o banco junto à lareira.

“Preste atenção, querido”, disse ela. “Mamãe tem três biscoitos pra você. Esse aqui é para hoje, mas Winnie não vai chegar hoje. Esse outro é para amanhã, mas Winnie não vai chegar amanhã. E

*esse aqui* é de sexta-feira, dia que Winnie vai chegar e você deve ir esperar o trem. Lembre-se – esse aqui.”

Sock olhou para ela como se fizesse força para entender – seus olhos âmbar brilhavam inteligentes sob os tufo de pelo, pois sua cabeça não tinha sido tosada.

“Ele entende”, declarou a sra. Froy. “Eu sempre consigo falar com os animais. Talvez nossa vibração seja a mesma. Eu sei o que se passa a mente dele, e sempre consigo fazê-lo entender o que passa na minha.”

Ela se virou para o banco da lareira e apanhou o primeiro biscoito.

“Esse aqui é de hoje”, explicou ela. “O dia já acabou, então você pode comer.”

Sock entrou no espírito da brincadeira. Enquanto fazia uma bagunça com os farelos no tapete, a sra. Froy falou com o marido.

“Acho que nosso dia também já acabou”, disse ela. “Já estava na hora. Espero que você se lembre que não é nada bom antecipar problemas que não existem, e que não têm a menor intenção de existir... Do que você está rindo?”

Sacudindo o corpo com o riso, o sr. Froy apontou para Sock, que estava devorando o último biscoito.

“Ele entende”, repetiu o sr. Froy, com uma ironia gentil.

Ver o rosto dele fez a sra. Froy se esquecer de sua frustração momentânea. Ele parecia anos mais jovem. Agora, não havia mais dúvida de onde ele dormiria naquela noite.

Ela acariciou Sock, deu-lhe um beijo no focinho e limpou as migalhas presas no pelo.

“Sim”, disse ela, em tom áspero. “Ele entende, sim, e melhor do que você. Não percebeu que ele está tentando fazer o tempo passar mais rápido?”

# CAPÍTULO 23

---

## **Aposta arriscada**

Naquele momento, outras pessoas além da sra. Froy também estavam ansiosas para acelerar a marcha do tempo. Algumas delas estavam no expresso, cuja caldeira era alimentada para que seu impulso final fizesse o trem chegar a tempo em Trieste.

Uma dessas pessoas, a sra. Todhunter, escondia sua impaciência sob a pose da indiferença. Aonde quer que fosse, ela chamava atenção e despertava a inveja feminina por causa do clima romântico que a envolvia. Aparentemente, ela tinha tudo que uma mulher gostaria de ter – beleza, estabilidade, roupas elegantes e um noivo rico e distinto.

Na realidade, ela mal podia esperar para voltar para o marido.

Ele era um empreiteiro de meia-idade, homem robusto, chamado Cecil Parmiter. A sra. Laura Parmiter vivia numa casa nova muito requintada, com todas as melhorias modernas que seu marido incorporava aos prédios de apartamentos que construía para os outros, e sem nenhum de seus defeitos. Ela tinha uma renda confortável, uma mesada generosa, empregados competentes, horas vagas, um marido confiável e dedicado, e dois filhos adoráveis.

Além disso, podemos acrescentar a respeitabilidade.

Embora fosse a rainha de seu ambiente social, ela era secretamente ambiciosa e insatisfeita. Durante os ensaios de uma peça de teatro local, em que as distinções de classe eram bem equilibradas, ela conheceu um advogado proeminente – visitante do distrito, que havia sido induzido a representar um dos papéis. Ele era um rei, e ela, uma rainha, e o clima de realeza tornava seus encontros cheios de glamour.

Ele se apaixonou – temporariamente – pela beleza majestosa dela, e pela facilidade com que ela citava passagens de Swinburne e Browning, selecionadas de sua antologia de poesia da Oxford. Depois de alguns encontros em Londres, depois de entregue ao fruto proibido, ele a arrastou consigo numa aventura apaixonada.

Embora tivesse perdido o equilíbrio, o cérebro da sra. Laura ainda funcionava. Ela tinha um motivo oculto e maior para se entregar. Durante uma série de conferências sobre Browning, ela havia lido “The Statue and the Bust” e se deixou embebedar pelo espírito do poema. Decidiu, portanto, arriscar todas as suas fichas numa aposta ousada – a chance de um divórcio duplo.

Depois que ela superasse a calúnia e a difamação, assumiria seu lugar de direito na sociedade como esposa de um distinto advogado. O mundo se esquece rápido das coisas – embora ela estivesse confiante de que poderia convencer o marido a reconhecer o direito moral que ela tinha aos filhos.

Ela perdeu... e Browning teria se orgulhado da coragem com que ela aceitou sua sorte.

O advogado era casado com uma mulher mais velha e amarga, mas ela tinha tanto um título quanto riquezas. Quando a sra. Laura descobriu que ele não tinha a menor intenção de transformar sua aventura no prelúdio de um matrimônio, seu orgulho a impediu de demonstrar qualquer decepção.

Talvez sua indiferença fosse mais fácil de assumir por causa de sua própria desilusão. Essa aventura apaixonada não havia amadurecido da maneira como prometia, e com isso a sra. Laura aprendeu que o tipo de profissão ou ocupação dos homens não servia para diferenciá-los – na verdade, todos pareciam os mesmos antes de se barbear e sem seus colarinhos.

Além disso, o advogado tinha um defeito do qual o empreiteiro era imune: ele roncava duramente.

Para piorar ainda mais as coisas, enquanto ele não dava a menor atenção a suas falhas, seu padrão para mulheres era tão exigente que viver à altura dele era um desgaste para Laura. Ela nunca conseguia relaxar ou ser natural sem ser alvo da crítica ou da impaciência do advogado.

Por ser uma mulher prática, ela decidira encurtar as férias e voltar para o marido enquanto ainda dava tempo. Felizmente, ela não tinha queimado nenhuma ponte. O marido comprara sua passagem de volta para Turim, e ela avisou para que ele não esperasse nenhuma carta, pois que estava saindo num cruzeiro para as ilhas Shetland.

Seus planos eram deixar o advogado em Turim, onde os dois haviam se encontrado no início da viagem, e passar a noite lá, para que as etiquetas de sua bagagem fossem renovadas.

O fim disso tudo seria uma feliz reunião doméstica e um melhor entendimento familiar, pois, em contrapartida, ela havia aprendido a apreciar a solidez do marido. Assim teria sido evitado mais um naufrágio matrimonial causado por uma aventura e pela quebra de um código moral.

Enquanto estavam sentados em sua cabine, esperando o segundo jantar ser servido, os Todhunter eram um espetáculo para os turistas que passavam diante da janela. Eles ainda eram conhecidos pelo nome com que tinham se registrado, uma vez que o advogado era cauteloso demais para assinar com o próprio nome: o comum "Brown".

No entanto, seus pais tinham feito o melhor para ele, e o título de "sir Peveril Brown" era suficientemente bem conhecido por ser perigoso, para além de um perfil notável, muitas vezes reproduzido nos jornais.

Fiel ao caráter de boa perdedora, como retratado por Browning, a sra. Laura continuava representando seu papel. Embora substituíssem de vez em quando a fala arrastada por seu sotaque natural, ela ainda mantinha seu ar requintado e altivo de bela princesa – separada da multidão. Seus dedos, no entanto, não paravam de tamborilar o assento de veludo dourado oleoso, enquanto olhava sem parar para o relógio.

"Ainda faltam horas e horas", disse, impaciente. "Parece que nunca vamos chegar a Trieste, muito menos a Turim."

"Está ansiosa para me largar?", perguntou Todhunter, incrédulo.

"Não estou pensando em você... mas as crianças pegaram sarampo, e os maridos, quando ficam sozinhos, costumam ser

infiéis. O mundo está cheio de datilógrafas bonitas.”

“Nesse caso, ele não teria como te acusar de nada, se viesse a descobrir alguma coisa.”

Ela olhou para ele.

“Descobrir? Não me deixe nervosa”, gritou ela. “Não tem como isso acontecer, tem?”

Ele mordeu o lábio.

“Eu diria que estamos razoavelmente seguros”, disse ele. “Mas já lidei com casos curiosos na minha carreira. A gente nunca sabe o que pode acontecer. Foi uma infelicidade o fato de haver tantos hóspedes ingleses no hotel. E você estava bonita demais para ficar no anonimato.”

A sra. Laura sacudiu a mão. Ela precisava de tranquilidade, não de elogios.

“Você me disse que não tinha risco nenhum”, disse ela. Esquecendo-se de que seu plano original era obrigar o marido a tomar uma atitude, ela acrescentou, amargurada: “Como fui idiota.”

“Por que de repente você teve tanta vontade de voltar para seu marido?”, perguntou Todhunter.

“Bom, para ser extremamente sincera, todos nós vivemos para obter o melhor que podemos. E ele pode me dar mais do que você.”

“Eu já não lhe dei uma memória da qual você nunca vai se esquecer?”

Os olhos da sra. Laura brilharam de ódio, e Todhunter riu. Ele estava começando a se entediar com sua beleza lânguida e sua cultura sintética; agora que ela de repente se tornara viva, ele tomou ciência do fato de que começava a perdê-la.

“Eu só estava brincando”, disse ele. “É claro, nunca ninguém vai saber sobre nós. Eu não correria esse risco... mas nós poderíamos ter entrado em apuros se eu não tivesse pensado rápido quando aquela moça me perguntou sobre a mulher que estava nos espiando.”

“Por quê?”, perguntou Laura, que tinha acabado de entender o fato de que Todhunter jamais moveria um centímetro para defender uma senhora de meia-idade nada atraente.

“Por quê? Porque ela desapareceu. Se eu não tivesse negado que a vimos, eu teria de dar um depoimento em Trieste”, riu Todhunter. “Já imaginou as manchetes? ‘Inglesa desaparece no expresso continental’, junto com uma fotografia do sr. Todhunter, que estava em lua de mel, e daí por diante... Não demoraria muito para que a imprensa britânica descobrisse minha identidade. Esse é um dos lados ruins da fama – por mais limitada que seja.”

A sra. Laura não pareceu tão impressionada quanto ele queria, porque suas palavras levantaram um novo problema.

Talvez, depois de tudo, o jogo ainda não estivesse perdido, porque ainda não havia acabado. Por mais que Todhunter não tivesse intenção alguma de correr o risco de um escândalo quando seduziu a sra. Laura para seguir viagem com ele, ela viu a oportunidade de engendrar um escândalo e, assim, obrigá-lo a agir como ela queria.

Se ela procurasse o professor e garantisse a ele que a srta. Froy existia, certamente haveria complicações futuras. Não existiriam dúvidas a respeito da probidade e do espírito cívico do professor, o que daria origem a uma investigação – independentemente dos problemas que ela pudesse causar para sua comodidade.

Os olhos violeta da sra. Laura de repente brilharam. Como belíssima noiva do suposto Todhunter, ela era um detalhe importante do quadro, um detalhe que os repórteres não poderiam negligenciar ou omitir. Ela sempre saía muito bem nas fotografias quando o objetivo era chamar atenção.

No fim das contas, haveria um divórcio sensacional, e sir Peveril seria forçado, pelas obrigações morais, a torná-la a segunda lady Brown.

Ao pensar nisso, inspirou profundamente, pois a roda continuava girando.

Sua aposta ainda não estava perdida.

# CAPÍTULO 24

---

# A roda gira

A sra. Laura se sentou e olhou pela janela por onde saía a luz do vagão iluminado, projetada nos painéis escuros que passavam lá fora. Sorriu para o reflexo sutil de seu rosto – nebuloso, com os olhos sombreados e os lábios triunfantes. A roda ainda estava girando por ela.

E como seus destinos estavam interligados, ela também girava para a srta. Froy. A pequena solteirona estava em apuros, mas era otimista e obstinada. Agarrava-se à esperança de que tudo daria certo no final, e que, mais cedo ou mais tarde, ela chegaria à sua casa.

A srta. Froy adorava sua casa com a mesma paixão intensa e perversa que leva patriotas fervorosos a sair de seus países nativos e homens fiéis a trair suas esposas. Como eles, ela trocou o que mais amava pela alegria do retorno.

Essa ausência especial havia sido uma experiência emocionante. Durante os primeiros seis meses de exílio, ela se empolgou com a novidade de viver em um ambiente de semirrealeza. Tudo era tão exagerado e surreal que ela tinha a sensação confusa de ter entrado num conto de fadas. Ela caminhava e se perdia no meio de um labirinto de corredores sustentados por pilares e aposentos dourados. Parecia haver escadas de mármore intermináveis, galerias incontáveis, tudo duplicado de tamanho por espelhos enormes, de modo que pelo menos metade do castelo era uma ilusão.

O cenário, com sua beleza de tirar o fôlego, tinha a mesma qualidade atordoante da surrealidade. Nas cartas que escrevia para a família, desistira de descrever as montanhas azuis e púrpuras, cujas cristas brancas se desfaziam no céu; os rios cor de jade,

borbulhantes; os vales verdejantes, suntuosos; os precipícios imponentes.

“Não há adjetivos que bastem”, escreveu. “Tudo é simplesmente o máximo.”

Como era de prever, no entanto, ao completar sete meses de ausência, seu arrebatamento sofreu seu primeiro baque, e ela começou a perceber os inconvenientes de morar num castelo. Para começar, ela não se perdia mais, e não havia tantas escadarias de mármore assim, uma vez que havia identificado os espelhos.

Havia outros detalhes desagradáveis, incluindo pulgas nos tapetes grossos e nos ricos estofados, pois os cães eram muitos, e os empregados, poucos.

Seu quarto amplo, que parecia um aposento real, era desconfortável e frio, pois o enorme fogareiro de porcelana colorida, parecido com o retábulo de uma catedral, nunca era alimentado o suficiente.

Havia dez pratos no jantar – mas apenas um garfo e uma faca, que os convidados limpavam com pão.

Todos os homens eram bonitos e respeitosos, mas nenhum parecia perceber que ela era uma moça de cabelos encaracolados cujo esporte predileto era recusar a investida dos curas.

Antes de terminar os últimos cinco meses que ainda lhe restavam, as saudades que sentia de casa ficaram tão fortes que o desejo por uma pequena casa de pedra, rodeada por um pomar e com vistas para o cemitério de uma igreja, tornou-se uma paixão. Cansada do cenário teatral, ela daria todas as montanhas e rios em troca de um cantinho numa campina inglesa com um arvoredor de olmos e um laguinho de patos.

Na noite anterior ao retorno, sua empolgação era tanta que ela não conseguiu dormir, pensando na viagem. Não conseguia acreditar, embora sua bagagem já estivesse pronta e etiquetada. Uma das malas continha apenas roupas sujas, que precisavam de uma boa fervura. Ela lavava as próprias roupas no banheiro, em segredo, pois tinha visto muitos baldes esvaziados no magnífico rio verdejante, que era a lavanderia comunitária.

Ao se virar na cama, ela ouviu o apito fraco de uma locomotiva, reduzido pela distância a um zumbido de mosquito amplificado. Era o expresso noturno, que – ao descer pelo vale – acordava os hóspedes do hotel, saudosos de casa, e levava com ele seus pensamentos, como se fosse um Flautista de Hamelin monstruoso, feito de metal.

Assim como, mais tarde, o trem chamaria Iris, ele agora tirava a pequena solteirona da cama. Ela correu até a janela ainda a tempo de vê-lo passar pelo fim do desfiladeiro, como um bastão de luz dourada deslizando para dentro das fendas da escuridão.

“Amanhã à noite eu também estarei no expresso”, alegrou-se.

Era um deleite imaginar sua longa jornada, etapa por etapa e fronteira por fronteira, até chegar a uma estação pequena e suja, que nada mais era do que uma parada construída no meio de campos vazios. Ninguém a encontraria lá, porque seu pai tinha medo de que o descuidado Sock, entusiasmado, saltasse sobre a locomotiva para lambar a cara dela também.

Mas eles estariam esperando por ela na vereda mais abaixo, e seus olhos se encheram de lágrimas ao pensar no encontro. Mas a viagem só chegaria ao fim quando ela atravessasse um portão branco e um jardim iluminado pelas estrelas, e visse a luz atravessando uma porta aberta.

“Mãe”, disse a srta. Froy, com um nó na garganta.

De repente, um medo repentino tocou-lhe o coração.

“Nunca senti tanta saudade de casa”, pensou. “Será que é um alerta? E se acontecer alguma coisa que me impeça de voltar para casa?”

E uma coisa aconteceu – uma coisa tão monstruosa e inesperada que ela não acreditaria. Uma aventura daquelas, que só podemos entender se a conectarmos com outra pessoa.

No início, ela teve certeza de que alguém logo viria para ajudá-la. Disse a si mesma que foi uma circunstância feliz ela ter conhecido aquela moça inglesa charmosa. Elas eram compatriotas e a srta. Froy podia confiar totalmente nela, pois, se fosse o contrário, ela mesma teria desmembrado o trem inteiro, roda por roda, para encontrá-la.

Mas à medida que o tempo foi passando e nada aconteceu, ela começou a duvidar de tudo. Lembrou-se de que a moça tinha tido um desmaio por insolação e que não estava muito bem. Ela poderia piorar, ou adoecer seriamente. Além disso, seria difícil explicar a situação quando se desconhece tanto a língua.

Havia uma possibilidade ainda pior. Iris poderia tentar intervir e também ser capturada pela grande máquina que a havia arrebatado em uma de suas revoluções. Ao pensar nisso, a srta. Froy franziu os lábios de medo e desespero.

De repente, sentiu o breque do trem. O alarido e o rugido foram reduzidos a um ruído rascante, e com um solavanco poderoso, a locomotiva parou.

“Eles deram pela minha falta”, pensou ela, triunfante. “Agora vão começar a vasculhar o trem.”

Mais uma vez ela viu as luzes de casas acesas, projetando-se pela porta aberta.

Enquanto esperava ansiosa e cheia de alegria, ela teria ficado surpresa e agradecida por saber que a bela noiva, que parecia uma estrela de cinema, estava pensando nela.

Apesar de ser apenas um peão, ela era a figura central de uma trama que restabeleceria sua liberdade. Naquele momento, o professor estava parado no corredor em frente à cabine da sra. Laura. Ela tinha acabado de chamá-lo, e a libertação da srta. Froy seria colocada em marcha.

Como havia muito tempo antes de chegar a Trieste, a sra. Laura demorou a agir para ter certeza de que sua decisão era sábia. Depois de acender o fósforo, não teria como apagar a chama da publicidade.

Na verdade, no entanto, ela já estava decidida. Embora tivesse descoberto os inconvenientes do advogado, ele era o prêmio original que ela receberia pelo jogo. Quando se tornasse lady Brown, sir Peveril seria apenas um marido, e ela saberia como lidar com esse útil animal doméstico. Até então, ela havia sido humilhada pelo conhecimento de que os planos iniciais dele não incluíam casamento, e, na sua ansiedade para causar uma boa impressão, ela desenvolveu um complexo de inferioridade.

Táticas mais nobres de ataque tinham mais a ver com ela. Tinha a voz arrogante quando se dirigiu ao advogado.

“Por que estamos parando?”, perguntou, olhando para uma plataforma esquelética, parcamente iluminada pelas luzes cintilantes.

“Fronteira”, explicou o advogado.

“Socorro. Vamos ter que descer e passar pela alfândega?”

“Não, nós recebemos os agentes aqui mesmo... o que aconteceu com aquele lunático ali?”

O advogado franziu a testa quando Hare entrou correndo na cabine do telégrafo, gritando em resposta para o condutor que havia berrado alguma coisa para ele. Sem dúvida se tratava de uma troca de insultos de primeira classe, mas ininteligível para os passageiros ingleses, que perderam as melhores partes.

O fato é que o jovem concluiu que poderia economizar seu valioso tempo em Trieste se aproveitasse a parada para mandar o telegrama da sra. Barnes para Bath, na Inglaterra. A ideia, no entanto, não foi muito bem vista por seus compatriotas.

“Esse idiota está segurando a gente aqui”, resmungou o advogado, olhando o relógio.

Para sua surpresa, Laura estava perfeitamente calma diante da ameaça ao horário programado.

“Faz diferença?”, perguntou ela. “Nós vamos chegar, de um jeito ou de outro.”

“Mas a gente pode perder a conexão. Os horários estão muito apertados. Isso me fez pensar numa coisa. Será que, para o seu bem, não seria melhor nos separarmos antes de chegar à Itália? A gente pode acabar encontrando com algum conhecido.”

“Pessoalmente, eu não compararia a Itália com a Piccadilly Circus. No entanto, não estamos falando de um lugar tão isolado assim. O que você quer fazer?”

“Eu poderia pegar o expresso Trieste-Paris. Você consegue chegar sozinha em Milão?”

“Perfeito. Eu vou acabar encontrando alguém, ou alguém vai me encontrar. De todo modo, sei cuidar de mim mesma.”

Havia um tom de confiança na voz dela, que lembrava o tom usado para dispensar os cozinheiros, pois o professor tinha acabado

de voltar para sua cabine. Ela se levantou do banco pronta para segui-lo, quando os agentes da alfândega apareceram no final do corredor.

Aquela conferência era de importância vital para a srta. Froy. Como Laura não queria ser interrompida, o ideal era que a bagagem do professor fosse examinada. Nesse ínterim, o advogado sentiu que a situação merecia algumas perguntas.

“Por que está tão séria?”, perguntou.

“Você se esquece de que isso pode ser sério para mim.”

“De que maneira? Nós não estamos nos separando para sempre, estamos? Posso encontrar você em Londres.”

“Que ótimo.”

Agora que seu orgulho não era mais um amortecedor entre a mulher que era e a expressão de sua personalidade, Laura se sentiu dona da situação. Foi então que puxou seu trunfo.

“Estou pensando”, disse ela, “se eu suportaria usar o sobrenome Brown; quando deixasse de ser sra. Parmiter”.

“Existe essa possibilidade?”

“Bom, se houvesse um divórcio, você dificilmente me abandonaria. Você não faria isso, não é, querido?”

“Mas, meu amor, não vai haver divórcio nenhum.”

“Não tenho tanta certeza. Eu sei que você deixou bem claro para mim que não daria à sua esposa motivos para se divorciar. Mas ela poderia ler sobre nós nos jornais, e nenhuma mulher suportaria isso.”

“Você parece ter muita certeza da sua publicidade. Talvez saiba melhor do que eu sobre as chances disso acontecer.”

O advogado olhou furiosamente para a sra. Laura como se ela fosse uma testemunha hostil, pois percebera a ameaça escondida atrás de um sorriso.

O intuito dela era provocar uma situação.

“Posso lhe garantir uma coisa”, disse ele, friamente. “Se seu marido entrar com um processo, você vai perder seu belo sobrenome. Mas é você quem terá de fazer o maior sacrifício. Já existe uma lady Brown... minha esposa nunca vai se divorciar de mim.”

Laura olhou para ele, incrédula.

“Você está dizendo que ela simplesmente aceitaria calada?”, perguntou.

“Calada ou não, isso importa? A questão é que estamos de comum acordo. Seria contra nossos interesses inclusive nos separar... Mas acho que não há um risco real de publicidade. Você acha?”

Ele sabia que tinha ganhado, e ela sabia também. A frieza de seu tom de voz reacendeu a fúria ardente de Laura.

“Se houvesse alguma possibilidade, parece que eu seria a única perdedora”, disse ela. “Você se gaba ao dizer que sua esposa nunca vai se divorciar. Bom, o meu marido sim. E eu agradeço a Deus por isso. Pelo menos quer dizer que me casei com um homem de verdade, que tem sentimentos naturais decentes.”

O advogado ajustou o monóculo nos olhos num esforço instintivo de manter sua dignidade.

“Acho que decepcionei você”, disse ele. “Eu não fazia ideia de que tinha alimentado em você a esperança de ter algo além de umas férias agradáveis e pouco convencionais.”

Antes que Laura pudesse falar, o agente alfandegário entrou na cabine e foi muito cortês e prestativo em relação à bagagem e ao passaporte do distinto inglês e sua bela noiva.

Depois que o agente saiu, o professor apareceu de novo no corredor – ainda tragando seu cachimbo.

Laura sentiu um arrepio ao vê-lo, porque ele a lembrou do que ela quase tinha acabado de perder por conta de uma revelação apressada. Sua bela casa, sua posição social, seu respeito, e talvez até os filhos lhe fossem tirados por causa de um homem que não se casaria com ela.

“Ainda bem que o sondei primeiro”, disse para si mesma.

Seu ganho era a perda da srta. Froy. O expresso carregava uma passageira-fantasma, cujo passaporte, embora estivesse em ordem, não foi verificado. Sendo uma viajante experiente, ela só percebeu o que tinha realmente acontecido quando o trem começou a se mover lentamente pela segunda vez.

“Fronteira”, pensou ela.

Mas, no intervalo entre a chegada e a saída dos agentes alfandegários, ela passou por um ciclo de diferentes emoções, como se fosse lançada da madrugada para o amanhecer, e depois – passando pelo crepúsculo gradual de suspense, esperança desestimulada e ansiedade – afundou-se de novo na escuridão.

O trem agora urgia.

# CAPÍTULO 25

---

## “Estranho desaparecimento”

Depois que o professor a deixou, Iris afundou-se no banco e prestou atenção ao ruído inconstante do ritmo frenético do trem. O vidro encardido começava a ficar embaçado, tanto que era difícil ver qualquer coisa do lado de fora, exceto algumas linhas de luzes que apareciam de vez em quando, nos momentos em que o expresso passava rápido por alguma pequena estação.

Desde que a srta. Froy fora dada como inexistente pelas leis da lógica, Iris estava se sentindo apática demais para se interessar no que a cercava. Ela não tinha nem disposição para sentir raiva do professor por causa de sua interferência.

“Todos os viajantes são egoístas”, pensou. “O problema foram as srtas. Flood-Porter. Elas ficaram com medo de ter de ficar a cargo de mim, por isso falaram com o professor. Imagino que ele tenha consultado o médico para saber o que fazer.”

Ela endireitou o corpo tentando aliviar a dor nas costas. O contínuo chacoalhar do trem a deixara esgotada, enquanto seu pescoço parecia ser feito de gesso e que se partiria em dois se ela se movesse. Nesse momento, ela ansiou por uma cama confortável onde pudesse descansar, longe do ruído e do balanço incessante.

A sugestão havia sido do médico – uma noite de descanso. No entanto, embora começasse a duvidar de sua própria sabedoria para nadar contra a corrente, Iris continuava resoluta em sua determinação de não aceitar conselhos.

Nesse instante, Hare entrou na cabine e se sentou de frente para ela, no lugar da srta. Kummer.

“E então?”, perguntou ele. “Vai passar a noite em Trieste?”

“Não”, respondeu Iris, em tom seco.

“Mas você está bem para continuar?”

“Faz alguma diferença para você?”

“Não. Mas, ainda assim, estou muito preocupado com você.”

“Por quê?”

“E eu lá sei? Não costuma ser um hábito meu.”

Contra sua vontade, Iris abriu um leve sorriso. Ela não conseguia se esquecer da srta. Froy. A lembrança dela era um murmúrio incessante, como a dor de um dente obturado. No entanto, quando Hare estava presente, ele agia do mesmo modo que um anestésico local para aliviar a dor. Apesar da angústia, havia uma emoção curiosa em estar com ele no mesmo pesadelo.

“Anime-se”, disse ele. “Logo você estará em casa. De volta para seu grupo de amigos.”

Do nada, Iris achou a ideia algo detestável.

“Não quero ver nenhum deles”, disse ela, petulante. “Não quero voltar. Não tenho casa, e nada parece valer a pena”.

“O que você faz da vida?”

“Nada... Aliás, eu curto a vida.”

“Com seus amigos?”

“Sim. Todos nós fazemos as mesmas coisas. Coisas idiotas. Não existe uma única pessoa verdadeira entre nós... às vezes eu fico apavorada. Estou desperdiçando minha juventude. Qual o propósito disso tudo?”

Hare não tentou consolá-la, muito menos responder sua pergunta. Em vez disso, olhou para a escuridão lá fora com um sorriso de lado querendo brotar no seu rosto. Quando abriu a boca, falou sobre si mesmo.

“Minha vida é bem diferente da sua. Eu nunca sei para onde vou em seguida. Mas é sempre difícil. Muita coisa acontece, e nem sempre coisas legais... mesmo assim, se eu pudesse levá-la comigo no meu próximo trabalho, você passaria por uma mudança completa. Teria de enfrentar toda falta de conforto que uma casa requintada deveria ter – mas sou capaz de jurar que nunca mais ficaria entediada.”

“Parece adorável... Você está me propondo um casamento?”

“Não. Só estou esperando para correr quando você me der uma tortada na cara.”

“Mas muitos homens me pedem em casamento. E eu adoraria ir para um lugar mais rústico.”

“Ótimo. Agora posso levar isso a sério. Você tem dinheiro?”

“Um pouco. Uma mixaria qualquer.”

“Ótimo. Eu não tenho nenhum.”

Os dois mal tinham ciência do que diziam enquanto conversavam aleatoriamente na única língua que conheciam – suas doces palavras estavam totalmente em dissonância com o anseio de seus olhos.

“Você sabe”, disse Hare, interrompendo uma pausa, “estou falando um monte de bobagens. Só para distrair sua cabeça das outras coisas”.

“Da srta. Froy, você quer dizer?”

“Sim, pro diabo essa mulher.”

Para sua surpresa, Iris mudou de assunto.

“Que tipo de cérebro você tem?”, perguntou ela.

“Razoável, eu diria, principalmente quando é lubrificado. Funciona melhor com cerveja.”

“Você seria capaz de escrever uma história de detetive?”

“Não. Minha escrita é péssima.”

“Mas conseguiria solucionar um caso?”

“Sempre.”

“Então imagine que você está me dando uma demonstração dessa capacidade. Você tem sido bem inteligente em provar que a srta. Froy poderia não existir. Mas e se ela existisse, você conseguiria descobrir o que aconteceu? Ou é difícil demais?”

Hare caiu na gargalhada.

“Eu costumava pensar”, disse ele, “que se algum dia eu tivesse de gostar de uma garota, eu seria imediatamente retirado de cena por um belo maestro de cabelo ondulado. Que o diabo me carregue se um dia pensei que teria de desempenhar um papel secundário para uma velha preceptora. Isso é uma vingança do tempo, imagino. Há muito tempo, me apaixonei por uma. E ela era uma boa preceptora... Bom, a vida é assim.”

Ele acendeu o cachimbo e franziu a testa enquanto Iris o observava com um interesse cada vez maior. O rosto dele – não

mais apagado nem indiferente – exibia as marcas de um sujeito concentrado, tão concentrado que quase pareceu ser outro homem. De vez em quando ele corria os dedos por entre os cabelos, eriçando o topete rebelde, e dava algumas risadas.

Agora, soltou um grito de alegria.

“Acho que encaixei tudo. Tem uma intriga aqui, outra ali, mas está tudo amarrado. Gostaria de ouvir uma história original chamada ‘O estranho desaparecimento da srta. Froy?’”

Iris estremeceu com o tom suave da voz dele.

“Eu adoraria”, disse ela.

“Então vamos lá. Mas, antes de continuar, quando você embarcou no trem, havia uma enfermeira ou duas na cabine ao lado da sua?”

“Notei apenas uma quando passamos na porta. Ela tinha uma cara horrível.”

“Hum. Minha história vai precisar de mais uma, lá na frente.”

“Faz sentido, porque existe outra. Encontrei com ela no corredor.”

“E você a viu depois disso?”

“Não, mas não perceberia, de todo modo. Tem muita gente aqui.”

“Ótimo. Isso prova que ninguém saberia dizer ao certo se há uma ou duas enfermeiras na equipe que cuida dos doentes. Principalmente tendo em vista que a cabine está isolada no fim do corredor. Veja só, preciso fazer um jogo com essas abençoadas enfermeiras, por isso elas são importantes.”

“Tudo bem. Continue.”

“Não comecei ainda. A parte da enfermeira era só um preâmbulo. Agora sim... A srta. Froy é uma espiã que obteve uma informação e a levaria para fora do país. Por isso, precisou ser assassinada. E qual é uma melhor maneira de fazer isso do que numa viagem de trem?”

“Você está dizendo que eles a jogaram para fora enquanto o trem passava num túnel?”, perguntou Iris, sussurrando.

“Não seja tola. E não fique pálida desse jeito. Se eles a jogassem nos trilhos, o corpo dela seria encontrado e haveria um

interrogatório desastroso. Não, ela precisava *desaparecer*. Eu estava pensando no seguinte: numa viagem de trem, seria preciso muito tempo para provar que alguém desapareceu. No início, sua família pensaria que ela perdeu uma conexão, ou que parou em Paris para passar um ou dois dias fazendo compras. Então, quando resolvessem começar a investigar, as pistas já estariam frias como gelo.”

“Mas a família não saberia o que fazer. Os pais dela são velhos e indefesos.”

“Que azar, não? Você está deixando minha história positivamente sentimentalista. Mas mesmo que eles fossem pessoas influentes e soubessem como agir, se veriam diante de uma conspiração silenciosa quando comessem a fazer perguntas.”

“Por quê? O trem inteiro está envolvido na trama?”

“Não, só a baronesa, o médico e as enfermeiras. É claro, haveria uma conspiração silenciosa, como disse antes. Nenhum dos passageiros locais ousaria contradizer qualquer declaração da baronesa.”

“Mas não se esqueça de que a baronesa disse alguma coisa para o cobrador que você não conseguiu entender.”

“A história é minha ou sua? Mas talvez você esteja certa. Haveria um ou dois funcionários envolvidos. Na verdade, deve ter havido algum trabalho muito sujo em relação ao assento reservado que ela ocupou. Eles precisavam ter certeza de que ela ficaria na cabine da baronesa, e no final do trem.”

“Ao lado do médico, também... mas, *o que aconteceu com ela?*”

Embora tivesse decidido manter a calma, Iris entrelaçava os dedos, sentindo o suspense enquanto esperava.

“A-ha”, exclamou Hare. “É aí que meu cérebro começa a funcionar... a srta. Froy está deitada no vagão ao lado, cheia de cobertores e mascarada por ataduras e curativos. Sua própria mãe não a reconheceria.”

“Mas como? Quando isso aconteceu?”

“Quando você, prestando a eles um favor, caiu no sono. O médico entra e pergunta se ela poderia ajudá-lo com um pequeno serviço para sua paciente. Não sei com que pretexto ele conseguiu

convencê-la, uma vez que tinha uma enfermeira a seu dispor. Mas ela vai assim mesmo.”

“Eu sei que ela iria.”

“Bom, assim que ela entra na cabine, tem a maior surpresa de sua vida. Para começar, todas as persianas estão baixadas, e o lugar está escuro. Ela desconfia de alguma coisa, mas antes que possa gritar, os três a seguram.”

“Três?”

“Sim, a paciente faz parte da gangue. Uma delas amarra as mãos da srta. Froy, a outra a amordaça para que não grite, e o médico lhe dá uma injeção para deixá-la inconsciente.”

Iris sentiu o coração acelerar quando imaginou a cena.

“Isso *poderia* acontecer”, disse ela.

Hare abriu um sorriso radiante.

“Adoraria se você ouvisse minhas histórias de golfe. Você reage certo às mentiras. Artísticas, é claro... aliás, uma das enfermeiras é homem. Aquela com a cara feia.”

“Imagino que seja.”

“Não seja tão preconceituosa. Nem todos os homens são feios. Bom, a srta. Froy agora está fora de cena, então eles conseguem enchê-la de ataduras e colocar um monte de gesso no seu rosto, deixando-a irreconhecível. Eles a amordaçaram, a amarraram e a colocaram deitada no lugar da falsa paciente, que já estava usando um uniforme, mas embaixo dos cobertores. Ela só precisou retirar o gesso e colocar um véu sobre a cabeça enfaixada para parecer a enfermeira perfeita. A segunda.”

“Eu vi a segunda no corredor”, assentiu Iris.

“Mas, a essa altura, você descobriu algumas pessoas inglesas que vão se lembrar da srta. Froy, e encontrou uma aliada na esposa do pároco. Como expliquei antes, os conspiradores precisam produzir alguém e confiar que o blefe vai dar certo. Então, eles baixam as cortinas de novo, enquanto a segunda enfermeira – aquela que posou de paciente original – veste as roupas da srta. Froy.”

Enquanto Iris continuava em silêncio, Hare parecia bastante desolado.

“Admito que a história é fraca”, disse ele, “mas é o melhor que posso fazer”.

Iris mal conseguiu escutá-lo, pois estava ganhando coragem para fazer uma pergunta.

“O que vai acontecer com ela quando chegarmos a Trieste?”

“Ah, essa parte os meus leitores vão adorar”, explicou Hare. “Ela vai ser colocada numa ambulância e levada para alguma casa abandonada, de frente para águas profundas e desertas – um córrego, ou o braço de um rio, talvez. Você conhece esse tipo de coisa – uma água escura e oleosa batendo num cais em ruínas. Depois, vão amarrar pesos no corpo dela e soltá-la gentilmente no meio da lama e do lodo. Mas eu não sou totalmente cruel. Vou deixar que eles a mantenham drogada até o final – assim a coitada não vai saber nada do que aconteceu... Ei? O que houve?”

Iris tinha se levantado e estava puxando a porta.

“Tudo que você disse pode ser verdade”, disse ela, sôfrega. “Não podemos perder tempo, precisamos fazer alguma coisa.”

Hare a obrigou a se sentar de novo.

“Você, fique aqui”, disse. Ela já significava tudo para Hare, mas ele se esqueceu completamente do nome dela. “Isso é só uma história que eu inventei para você.”

“Mas eu preciso ver aquela paciente”, gritou Iris. “É a srta. Froy. Preciso ver com meus próprios olhos.”

“Não seja boba. A paciente do vagão ao lado é real, ela sofreu um desastre. Se entrarmos à força naquela cabine e criarmos qualquer confusão, o médico vai nos expulsar. E com toda razão.”

“Então você não vai me ajudar?”, perguntou Iris, desesperada.

“Definitivamente, não. Me desculpe por insistir nisso, mas não consigo me esquecer do seu desmaio. Quando me lembro da minha experiência e de como confundi meu próprio capitão do time...”

“Pelo príncipe de Gales. Eu sei, eu sei.”

“Me desculpe por inventar essa história. Eu só contei como as coisas *poderiam* ser. Não passo de uma daquelas senhoras que veem uma girafa pela primeira vez. Sinceramente, é difícil demais de acreditar.

# CAPÍTULO 26

---

## Assinatura

“É claro”, concordou Iris, com pesar. “Você só estava inventando. Como sou idiota.”

Enquanto tentava esconder sua decepção, alguém, do outro lado do corredor, começou a falar com um tom de voz extremamente alto. As palavras eram ininteligíveis e pareciam um rito de dança da chuva. O rosto de Hare, no entanto, se iluminou.

“Alguém conseguiu um rádio”, disse ele, levantando-se de sobressalto. “São as notícias. Volto em dois pulos.”

Quando voltou, contou para Iris o que tinha ouvido.

“Mais um caso de assassinato que não dá em nada. O parecer dos médicos sobre o editor diz que ele foi baleado por volta de meia-noite, enquanto o chefão saiu para o abrigo de caça depois do jantar. Então não há prova nenhuma contra ele. Uma pena.”

Enquanto falava, alguma coisa passou fluando na memória de Iris, como um daqueles espirais de teia de aranha levados pelo ar nas manhãs tranquilas de outono. Ela se levantou enquanto Hare olhava o relógio.

“Quase na hora do segundo jantar”, disse ele. “Vem comigo?”

“Não. Mas os outros vão voltar.”

“Qual o problema? Você está com medo deles?”

“Não fale bobagem. Mas eles se amontoam, todos juntos, desse lado aqui. E eu... não gosto de ficar tão perto daquele médico.”

“Não está com medo, então. Bom, nossa cabine vai ficar vazia enquanto eu e o professor estivermos jantando. Estou disposto a sublocá-la, a um preço modesto, para uma boa inquilina.”

Assim que Hare saiu, Iris sentiu a velha fraqueza tomar conta de si. Um rugido prolongado, como se uma pobre alma estivesse lamentando, seguido do som que lembrava a rajada de uma

metralhadora, indicava que eles estavam passando por um túnel. O que sugeria também uma hipótese macabra.

Imagine que, naquele minuto, um corpo morto estivesse sendo jogado para fora do trem.

Ela se lembrou de que a história de Hare era uma ficção criada para distrair sua mente. Mas uma outra história, que ela tinha lido numa revista e que aparentemente era verdadeira, tomou na sua mente o lugar das palavras de Hare.

A história falava sobre duas mulheres que chegaram durante a noite num hotel no continente, voltando de uma viagem pelo Oriente. A filha decorou o número do quarto da mãe antes de ir para o seu. Quando voltou mais tarde, não havia rastros da mãe dela, e o quarto em si estava com uma mobília diferente e um papel de parede novo.

A filha, então, começou a fazer perguntas, e toda a equipe de funcionários, do gerente para baixo, garantiu-lhe que ela tinha chegado ao hotel sozinha. O nome da mãe não estava nos registros. O motorista do táxi e os carregadores da estação de trem também apoiaram a conspiração.

A mãe havia desaparecido como a chama de um palito de fósforo.

É claro que havia uma explicação. Na ausência da filha, a mãe morreu de peste, contraída no Oriente. O simples rumor de que a morte teria se dado no hotel afastaria milhões de visitantes prestes a chegar para uma exposição na cidade. Com tantos interesses importantes em jogo, uma pessoa isolada teve de ser sacrificada.

As mãos de Iris começaram a suar quando ela considerou se o desaparecimento da srta. Froy não poderia ter acontecido por motivos semelhantes, mas numa escala bem menor. No caso dela, não envolveria uma ampla e complicada organização, ou uma conspiração fantástica – apenas a conivência de uns poucos interessados.

E Hare havia lhe mostrado como *poderia* ter acontecido.

Ela começou a tentar juntar os fatos à teoria. Para começar, embora a baronesa fosse rica, ela estava dividindo uma cabine com o proletariado. Por quê? Porque decidiu fazer a viagem no último

minuto e não conseguiu fazer reserva? Nesse caso, as srtas. Flood-Porter e o casal Todhunter também não teriam conseguido cabines privativas.

Foi por mesquinharia? Ou porque queria um compartimento especial no fim do corredor, perto do vagão do médico, onde não seriam perturbados?

Além disso, haveria uma chance de os outros assentos estarem ocupados por pessoas locais, cujos destinos a baronesa podia controlar em grande medida?

As perguntas pairavam no ar enquanto uma nuvem de novas suspeitas cobria a cabeça de Iris. Era um fato extraordinário que as persianas continuassem abertas na cabine da doente. Ela precisava ser exibida, por assim dizer, para que todos vissem do que se tratava. Será que estavam preparando o terreno para uma versão daquela antiga estratégia: esconder um objeto em um lugar visível para todos?

Mas afinal... o que a pobre srta. Froy tinha feito? Hare estava certo quando disse que, na opinião dele, o motivo era o mais importante. Pelo que Iris sabia, ela havia cumprido tão bem com seus deveres que até seu venerável empregador a agradecera pessoalmente pelos serviços prestados.

De repente, Iris prendeu a respiração, empolgada.

"Então foi isso", sussurrou ela.

O chefão supostamente teria de estar no seu alojamento de caça no momento do assassinato. No entanto, a srta. Froy, que cometera a indelicadeza de ficar acordada, o surpreendeu saindo do único banheiro da casa, onde supostamente tinha se banhado.

Ela destruiu o álibi dele.

Suas informações eram um perigo, tendo em vista o fato de que estaria voltando depois para trabalhar com os filhos do chefe dos vermelhos. Todos sabiam que ela era uma tagarela e uma matraca inveterada. Sentiria orgulho da confiança do patrão e falaria dela. Além disso, como cidadã britânica, sem nenhum interesse no caso, seu testemunho teria um peso contra uma série de depoimentos tendenciosos.

Quando o patrão apertou sua mão com tanta graciosidade, já estava selando a desgraça da srta. Froy.

Iris imaginou a reunião apressada da família ao anoitecer – a busca desesperada pelas testemunhas necessárias. Os telefones tocariam com mensagens secretas. Em vista da urgência, segue-se necessariamente que o sumiço da srta. Froy poderia não ser o crime perfeito.

Ela tentou conter o galope de sua imaginação.

“Maximilian–Max” – ela não tinha se esquecido do nome dele, uma vez que “Hare era longo demais” – “me contou uma história. Ele exagerou os fatos para que pudessem se encaixar. Talvez eu esteja fazendo o mesmo. É inútil eu me desgastar por alguém que talvez nem exista. Afinal de contas, como dizem, ela pode ser apenas uma alucinação... eu adoraria ter certeza”.

Seu desejo foi cumprido de uma maneira dramática. O vagão esquentou e o vapor na janela foi gradualmente se transformando em gotas de umidade, que agora começavam a escorrer.

Iris seguiu a queda lenta de uma das gotas, desde o topo até o canto da vidraça suja e encardida.

De repente, ela levou um susto quando notou que havia um nome escrito com letras minúsculas no vidro esfumaçado. Inclinou o corpo um pouco e conseguiu ler a assinatura.

Era “Winifred Froy”.

# CAPÍTULO 27

---

## O teste decisivo

Iris olhou para o nome, quase incapaz de acreditar que seus olhos não estavam lhe pregando uma peça. A caligrafia delicada e minúscula era redonda e um pouco sem forma, como de uma estudante, e sugeria o caráter da pequena preceptora – metade adulta formal, metade presa na juventude.

Aquela era a prova de que a srta. Froy tinha se sentado havia pouco tempo naquele canto. Iris tinha a vaga impressão de ter visto a srta. Froy tricotando quando entrou no trem. Quando rabiscou seu nome no vidro encardido com a ponta da agulha, estava descarregando um pouco a alegria despertada pelas férias.

“Eu estava *certa* desde o início”, pensou Iris, exultante.

Era um alívio sobre-humano sair da neblina daquele pesadelo. Sua euforia, no entanto, foi quase imediatamente obscurecida quando ela se deu conta das dificuldades que teria de enfrentar.

Ela não estaria mais combatendo as sombras, mas sim um perigo real.

Um destino terrível aguardava a srta. Froy. Iris era a única pessoa a bordo daquele trem que sabia do perigo. O tempo estava passando de maneira implacável. Uma rápida olhada no relógio revelou que faltavam dez minutos para as nove. Em menos de uma hora, eles chegariam a Trieste.

Trieste agora assumia um significado terrível. Era o lugar da execução.

O trem corria numa velocidade estonteante, determinado a chegar dentro do horário. Balançava e rugia ao passar pelas curvas, sacudindo os vagões como se não carregassem humanos. Iris teve a sensação de estar presa nas garras de uma força insensata e absurda, que, por sua vez, era vítima de um sistema implacável.

O maquinista seria multado por cada minuto de atraso em relação à hora prevista de chegada.

A urgência fez com que Iris se levantasse do banco apenas para voltar a se sentar no mesmo instante, devido a uma leve sensação de desmaio. Sua cabeça martelava por dentro, e, detrás dos olhos, sentia fincadas como resultado do movimento súbito. Com a vaga esperança de obter um efeito tranquilizante, acendeu um cigarro.

Uma babel de vozes no corredor anunciou que os passageiros estavam voltando do jantar. A família, junto com a loira, chegou primeiro. Estavam todos de bom humor e nem notaram a presença de Iris, que os fitava furiosa do canto onde estava. Estava com ódio daquela conspiração passiva, mesmo que não tivessem conhecimento de quaisquer ameaças à srta. Froy, e se satisfaziam em poder prestar algum servicinho para a baronesa.

Em seguida chegou a mulher que usava o conjunto de tweed da srta. Froy e o chapéu com uma pena. Quando viu a impostora, Iris sentiu de novo o sangue ferver enquanto se perguntava se aquela seria na verdade a segunda enfermeira com quem ela se encontrou no corredor.

As duas tinham olhos pretos embotados, a pele pálida e dentes malcuidados; mas os camponeses na sala de espera da estação tinham a mesma aparência. Como era impossível chegar a qualquer conclusão, Iris se levantou e saiu para o corredor.

Ela estava pronta para agir e queria entrar imediatamente no vagão adjacente. Mas a figura negra e avantajada da baronesa estava bloqueando sua passagem, quase preenchendo todo o espaço estreito à sua frente. Olhando por cima da baronesa, Iris percebeu que estava oprimida na zona perigosa do trem – longe de todas as pessoas que conhecia.

Iris se sentiu indefesa e intimidada quando afastou os olhos do rosto sombrio da baronesa para a escuridão que passava rugindo lá fora. O alarido maníaco da locomotiva e o balanço frenético do trem aumentaram a sensação de pesadelo. Mais uma vez, suas pernas começaram a tremer, e ela teve um medo terrível de desmaiar.

O pavor de perder os sentidos e ficar à mercê daquela gente fez Iris lutar contra a tonteira com todas as células do seu corpo.

Lambendo os lábios secos, ela conseguiu falar com a baronesa.

“Com licença, por favor.”

Em vez de dar passagem, a baronesa olhou para o rosto trêmulo de Iris.

“Você está doente”, disse ela. “Isso não é bom, porque você é jovem e está viajando sem amigos. Vou pedir à enfermeira uma pílula para dor de cabeça.”

“Não, obrigada”, disse Iris, com firmeza. “Por favor, poderia me dar passagem?”

A baronesa não prestou nenhuma atenção ao pedido de licença ou à recusa do comprimido. Ao contrário, gritou algum imperativo e a enfermeira de cara feia apareceu na entrada do vagão da doente. De forma subconsciente, Iris entendeu que as palavras da baronesa não correspondiam a um pedido convencional, mas eram a ordem imperiosa de uma ação imediata.

O vidro da janelinha da paciente também estava úmido por causa do calor, mas Iris tentou olhar lá dentro. O corpo imóvel que jazia no banco parecia não ter rosto – apenas uma mancha branca.

Enquanto Iris se perguntava o que haveria embaixo das bandagens, a enfermeira notou seu interesse. Rapidamente deu um passo adiante e segurou o braço de Iris, como se fosse puxá-la para dentro.

Iris olhou para a boca brutal, a sombra escura em volta dos lábios e os dedos musculosos, cobertos por pelos curtos e pretos.

“É um homem”, pensou.

O pânico a levou a uma ação elementar de autodefesa. Iris não saberia dizer o que lhe passou pela cabeça quando apertou a ponta do cigarro aceso no dorso da mão da mulher. Surpresa, ela soltou o braço de Iris xingando o que parecia ser uma praga.

Nesse instante, Iris empurrou a baronesa e saiu correndo pelo corredor, abrindo caminho contra o fluxo de passageiros que voltavam do jantar. Embora eles estivessem bloqueando sua passagem, Iris estava feliz por haver alguma coisa que formasse uma barreira entre ela e a baronesa.

À medida que seu pavor foi diminuindo, Iris começou a perceber que todas as pessoas no trem pareciam rir dela. O condutor abriu

um sorriso de escárnio enquanto enrolava a ponta do bigode preto. Ela viu um flash de dentes e ouviu o som de risos abafados. Os passageiros evidentemente achavam que ela era louca e estavam se divertindo com o espetáculo.

O escárnio fez com que Iris entendesse a situação. Ela ficou constrangida e envergonhada, como se estivesse sonhando estar nua no meio das pessoas.

“Meu Deus, o que eu fiz?”, perguntou a si mesma. “Aquela enfermeira tinha apenas me oferecido aspirina ou algo do tipo. E eu queimei o pulso dela. Se forem pessoas sérias, vão achar mesmo que sou maluca.”

Em seguida, todo seu terror se reacendeu quando pensou na srta. Froy.

“Ninguém vai me dar ouvidos. Mas eles precisam saber o que aconteceu... esse trem parece ter um quilômetro... eu nunca vou chegar lá. Rostos. Rostos sorridentes. Srta. Froy... eu preciso chegar a tempo.”

Iris parecia presa em algum pesadelo horrível, em que suas pernas pesavam amarradas a chumbo e se recusavam a obedecê-la. Os passageiros bloqueavam sua passagem, de modo que ela parecia dar dois passos para trás enquanto avançava um. Para sua imaginação distorcida, o rosto dos estranhos eram caricaturas da humanidade – vazias, insensíveis e sem coração. Enquanto a srta. Froy estava quase sendo assassinada, para os outros só importava o jantar.

Depois de uma luta eterna através de várias seções do trem – em que as passagens de um vagão para o outro tornaram-se concertinas de ferro barulhentas, que tentavam segurá-la e comprimi-la até a morte –, ela chegou ao vagão-restaurante. Ao escutar o barulho da porcelana e o murmúrio de vozes, a tempestade em seu cérebro passou e ela se demorou um pouco na entrada – a sensação de ter retornado às convenções sociais lutava com o medo e o horror elementares.

Era servida uma sopa, e os passageiros a tomavam a colheradas vigorosas, pois haviam esperado muito tempo pela refeição. Nesse intervalo de lucidez, Iris se deu conta da esperança vã de tentar

convencer homens famintos que tinham acabado de começar a comer.

Enquanto balançava na entrada do vagão, ela passou os olhos pelos rostos dos passageiros mais uma vez. Dois garçons sussurraram alguma coisa um com o outro e abafaram o riso; Iris teve certeza de que falavam dela.

O professor, que dividia mesa com Hare, a viu primeiro, e seu rosto foi tomado por uma expressão de nervosismo. Ele estava conversando com o médico, que tinha ficado para tomar café e licor, pois as mesas estavam mais vazias nessa segunda leva do jantar.

Iris sentiu um arrepio quando os três olharam para ela em silêncio. Até os olhos de Hare não lhe davam boas-vindas, pois franziu a testa enquanto a observava.

Desesperada, ela apelou ao professor.

“Por favor, continue com seu jantar. Não pare, mas, por favor, escute. Isso é extremamente importante. Eu sei que a srta. Froy existe. Eu sei que existe uma conspiração contra ela. E eu sei por quê.”

O professor deu de ombros, resignado, e continuou tomando a sopa. Enquanto Iris despejava sua história incoerente, ela mesma se estarreceu com a fraqueza de seus argumentos. Antes de terminar, já havia perdido as esperanças de convencê-lo. Ele ouviu num silêncio pétreo, e estava nitidamente concentrado na quantidade de sal que colocava na sopa.

No final da história, ele levantou as sobrancelhas interrogativamente para o médico, que logo deu uma rápida explicação. Observando o rosto deles com olhos ansiosos, Iris notou que Hare estava incomodado com o que o médico dizia, pois interrompeu a conversa.

“Essa história não é dela, é minha. Eu a inventei de brincadeira, e a pobrezinha acreditou. Então, se existe algum maluco aqui...”

Ele parou, ciente do que tinha acabado de revelar. Mas Iris estava nervosa demais para entender qualquer implicação.

“Não vai me acompanhar?”, perguntou Iris ao professor.

Ele olhou para o prato vazio que o garçom tinha acabado de colocar para servir o peixe.

“Não podemos esperar o final do jantar?”, perguntou ele, cansado.

“Esperar? Você não entendeu? É um caso de vida ou morte, é urgente. Quando chegarmos a Trieste, será tarde demais.”

Mais uma vez, o professor consultou em silêncio o médico, que olhava fixamente para Iris como se tentasse hipnotizá-la. Quando finalmente abriu a boca, falou em inglês, para a sorte dela.

“Talvez a gente deva ir ver minha paciente de uma vez. Lamento que seu jantar seja interrompido, professor. Mas a jovem está muito nervosa. Talvez seja mais prudente tranquilizá-la agora.”

Assumindo a expressão de um mártir em nome de seu senso de justiça, o professor se levantou. Mais uma vez, a pequena procissão seguiu em fila única ao longo dos corredores do trem em movimento. Quando estavam quase chegando ao fim, Hare se virou e valou com Iris, sussurrando-lhe em um tom furioso.

“Deixe de estupidez e não faça nenhuma bobagem.”

Iris sentiu um frio no peito quando percebeu que o conselho de Hare chegara tarde demais. A enfermeira já estava mostrando a mão para o médico e o professor. Iris notou vagamente que ela tinha enrolado um lenço no pulso, como se quisesse escondê-lo de um exame mais detalhado.

Em seguida, o médico se virou para ela e falou tranquilamente, com a voz melosa.

“Minha querida jovem, não acha que foi um tanto impetuoso queimar minha pobre enfermeira? Tudo porque ela lhe ofereceu um comprimido para aliviar sua dor de cabeça... Veja, professor, como o rosto dela está trêmulo.”

Iris recuou quando o médico lhe tocou a testa com o indicador frio, para mostrar o que dizia.

De repente ela se lembrou de que quando estamos perdendo um jogo na defensiva, a única esperança é o ataque. Reunindo toda sua coragem, ela conseguiu subir o tom de voz.

“Sinto muito pela queimadura, e não é desculpa dizer que eu estava histérica. Mas meu comportamento tem justificativa. Existe muita coisa que não consigo entender.”

O médico aceitou o desafio de Iris.

“Como o quê?”, perguntou ele.

“Bem, o professor me disse que você se ofereceu para me levar a uma enfermaria em Trieste.”

“A oferta continua aberta.”

“No entanto, supostamente você está correndo com uma paciente para fazer uma cirurgia de urgência no hospital. Por que se preocuparia com uma completa estranha? Isso faz a gente questionar se aquela paciente está mesmo gravemente ferida. Ou se tem mesmo algum ferimento.”

O médico acariciou a barba.

“Minha oferta foi feita simplesmente para aliviar o professor de uma responsabilidade indesejável, que tem a ver com a minha profissão, e não com a dele. Mas acho que você está exagerando um pouco. Minha intenção era lhe dar uma carona na ambulância que nos levaria até o hospital. Depois que entrássemos com a paciente, o motorista a levaria até alguma enfermaria indicada por mim. Meu propósito não era tratá-la como profissional, mas simplesmente oferecê-la uma boa noite de descanso para que pudesse continuar a viagem no dia seguinte.”

A proposta parecia tão razoável que Iris só poderia se valer de uma segunda pergunta.

“Onde está a outra enfermeira?”

O médico fez uma pausa perceptível antes de responder.

“Só temos uma enfermeira.”

Ao observar seu rosto impassível, enquadrado pela barba farta e comprida, Iris concluiu instintivamente que era inútil protestar. O resultado seria o mesmo – negações de todos os lados. Ninguém além dela tinha visto a segunda enfermeira. Assim como ninguém aceitaria a assinatura da srta. Froy como genuína – supondo que ainda não tivesse sido apagada pela condensação.

O médico falou com o professor.

“Me desculpe por segurá-lo ainda mais tempo”, disse ele, “mas essa moça acredita em coisas terríveis. Precisamos convencê-la de seus *delírios*”.

Ele se aproximou do corpo coberto de sua paciente e puxou a ponta de um dos cobertores, revelando duas pernas elegantes.

“Consegue identificar essas meias, ou essas botas?”, perguntou ele.

Iris balançou a cabeça enquanto olhava para as meias grossas de seda e os sapatos ortopédicos marrons, afivelados no peito do pé.

“Você sabe que não”, disse ela. “Talvez tivesse mais sorte se levantasse um dos curativos e me deixasse ver o rosto dela.”

O médico fez uma careta de horror.

“Ah”, disse ele, “já vi que você não entendeu. Pois vou lhe dizer algo muito desagradável, preste atenção.” Ele tocou a testa enfaixada da paciente com a ponta dos dedos. “Não há rosto nenhum aqui. *Nenhum*. Só pedaços de carne viva. Talvez a gente consiga reconstruir o rosto dela, vamos ver.”

Ele moveu os dedos e pairou um segundo sobre o curativo que cobria os olhos da figura.

“Estamos esperando o veredito do oftalmologista a respeito da visão”, disse ele. “Até lá, não podemos expô-la a nenhum tipo de luz. Talvez ela fique totalmente cega, porque um dos olhos foi esmagado. Mas a ciência pode fazer maravilhas.”

Ele sorriu para Iris e continuou.

“Mas pior que isso é o dano cerebral. Não vou explicar, porque você já parece enjoada. Primeiro, precisamos cuidar disso. Depois, do resto, se a paciente conseguir sobreviver.”

“Não acredito em você”, disse Iris. “É tudo mentira.”

“Nesse caso”, disse o médico, tranquilo, “você precisa ver com seus próprios olhos. Basta levantar uma tira do curativo do rosto para ver. Mas, nesse caso, o sangramento vai começar de novo e a paciente vai morrer na mesma hora por causa do choque. Você será acusada de assassinato e será enforcada. Mas como você tem tanta certeza do rosto que vai encontrar aqui embaixo, não vai pensar duas vezes... e então, quer tirar o curativo?”

Iris hesitou e sentiu a mão de Hare repousando no seu ombro. Seus instintos lhe diziam que o médico estava blefando e que ela precisava se agarrar à milésima chance de salvar a vida da srta. Froy.

Mas o médico tinha cumprido muito bem o próprio papel. A ideia do rosto mutilado esguichando sangue para todos os lados a fez recuar. E depois? A forca, ou o hospício para o resto da vida. Era um panorama difícil demais de contemplar.

“Eu... não posso”, sussurrou.

“Ah”, riu o médico. “Você só fala, mas não tem coragem nenhuma.”

Pela primeira vez, Iris entendeu que ele não tinha mesmo nenhuma intenção de colocar sua paciente em risco. Se o fizesse, teria cometido um suicídio profissional. Mas ele e a enfermeira estavam a postos, prontos para antecipar os movimentos de Iris.

Ao mesmo tempo, ele tinha um outro objetivo em mente, pois parecia frustrado.

Nesse instante, Iris já estava paralisada com sua própria covardia para fazer mais perguntas, e percebeu que tinha dois inimigos no vagão.

O médico e ela mesma.

# CAPÍTULO 28

---

## Levante a mão

Toda a confusão mental de Iris desapareceu no momento em que notou que o professor estava falando do jantar.

“Se você voltar correndo ao restaurante, Hare, talvez consiga explicar para o garçom que perdemos o prato de peixe”, disse ele.

“Ele vai responder que não pode fazer nada”, disse Hare. “Eles precisam terminar a segunda leva do jantar antes de chegarmos a Trieste.”

“Ó-ou”, lamentou o professor. “Nesse caso, é melhor voltarmos de uma vez. Vá na frente e peça algumas porções a mais de carne, porque perdemos o peixe.”

“Não é culpa deles. Nós saímos na hora do peixe. Mas vou ver o que posso fazer.”

Hare parou e se virou para Iris, desconfiado.

“Você se importa?”, perguntou.

Iris soltou uma gargalhada histérica, pois tinha acabado de entender que embora o professor confiasse na própria capacidade de conduzir a investigação, não poderia arriscar seu talento linguístico quando o que estava em jogo eram questões de interesse vital.

“Vá de uma vez, pelo amor de Deus”, disse ela. “Nada mais importa do que o jantar, não é mesmo?”

O professor, cujo rosto magro havia se iluminado com a perspectiva de comida, se magoou com a crítica de Iris. Embora faminto, achou que deveria defender sua reputação de homem justo e meticuloso.

“Será que você está sendo razoável?”, perguntou ele. “Nós pagamos uma fortuna por uma refeição, então temos o direito de reivindicar pelo menos parte dela. E você deveria reconhecer que

não poupamos tempo, nem comodidade, tentando convencê-la de seu equívoco.”

Ela balançou a cabeça, mas se sentiu oprimida pelo peso da desesperança. Parecia não haver mais nada a fazer para ajudar a srta. Froy. Qualquer tentativa nesse sentido seria expor-se ao risco de represálias.

Não era apenas a covardia que a fazia temer o poder do médico, mas também o senso comum. Como ela era a única pessoa no trem que acreditava na existência da srta. Froy, era evidente que ela só poderia ser útil para a srta. Froy se estivesse com a cabeça no lugar.

Sua única chance era convencer o professor da real necessidade de uma investigação. Embora não gostasse dele, o professor tinha as características que faziam diferença nesses momentos. Era teimoso, friamente humano e rigidamente justo. Se ele estivesse moralmente certo, nada poderia abalá-lo, e ele perseguiria seu objetivo apesar de qualquer oposição.

Foi um azar que, naquele instante, ele estivesse concentrado no jantar.

A mente de Iris se clareou assim que ele estava prestes a sair do vagão.

“Professor”, disse ela, “se eu estiver certa, quando o senhor voltar para a Inglaterra, vai ler a notícia de uma inglesa desaparecida, a srta. Froy. E quando isso acontecer, será tarde demais para salvá-la. Não acha que vai sentir pelo resto da vida o peso por não ter me ouvido agora?”

“Eu poderia me arrepender”, admitiu o professor, “só que é muito improvável que essa situação aconteça”.

“Mas se você fizer uma coisa – uma coisa mínima –, depois não terá motivo nenhum para se arrepender. E não terá de interromper seu jantar.”

“O que você quer que eu faça?”

“Acompanhe o médico até o hospital de Trieste e veja os curativos sendo removidos. Só o suficiente para ver se há ou não algum ferimento.”

Por mais que o professor tenha se assustado com a sugestão, ele a considerou durante algum tempo, com a retidão de sempre. O silêncio dele encorajou Iris a tirar proveito de sua vantagem e prosseguir com seu novo argumento.

“Veja bem, eu não posso fazer nada. Não sou maluca, e retirar os curativos seria assassinato. Além disso, o médico não me deixaria fazer isso. Então o resultado é esse. O precioso teste não significa nada.”

Ao escutar o que Iris disse, a primeira pontada de desconfiança em relação à figura do médico atravessou os pensamentos do professor. Era visível em seu rosto franzido e nos dedos trêmulos. Ele sempre avaliava o que custaria se envolver em qualquer iniciativa, mesmo que seu senso de dever lhe dissesse que nada o convenceria do contrário.

Nesse caso, havia muitos inconvenientes, e o principal era financeiro. Embora não fosse gastador, seu padrão de vida em Cambridge era mantido apenas com seu salário, e ele teve de comprometer seu capital para tirar férias. Para espairar totalmente a cabeça, ele se recolhia pelo menos três vezes ao ano, então precisava economizar.

Como a parte mais cara dessa viagem especial tinha sido a longa trajetória de trem, ele havia feito a reserva com uma das agências de turismo mais baratas, que praticava taxas bem baixas. Por causa disso, o tipo de contrato vinculado à passagem não permitia uma troca no meio do trajeto.

Para piorar as coisas, ele estava sem dinheiro vivo, pois sua aversão a viajar de classe econômica o fizera ceder à tentação de dividir uma cabine privativa com Hare durante a viagem de volta.

E havia um motivo ainda mais premente que o impedia de parar em Trieste naquela noite. O atraso envolveria o sacrifício de um estimado compromisso. Ele tinha sido convidado para passar o fim de semana seguinte com um colega mais velho, um intelectual recluso, que vivia numa parte distante do país de Gales. Se chegasse à Inglaterra no sábado, e não na sexta-feira, seria tarde demais.

O médico o observava com atenção, franzindo a testa e batendo de leve com os dedos no rosto.

“Seria inconveniente parar em Trieste?”, perguntou.

“Muito inconveniente.”

“Sinto muito. Porque, para o meu próprio bem, devo pedir que faça o que pede a moça.”

“Por quê?”, perguntou o professor, irritado com a dupla ameaça a seu fim de semana.

“Porque estou começando a me convencer de que o sofrimento dessa moça deve ter um bom motivo. Tudo é ‘srta. Froy’. Por acaso é um nome comum em inglês, como ‘Smith’?”

“Não me soa nada familiar.”

“Mas ela já o ouviu antes, e relacionado a alguma experiência. Não sei o que aconteceu. Mas acho mesmo que existe uma mulher chamada ‘srta. Froy’, e que algum mal aconteceu a ela. Também acho que essa pobre moça sabe o que aconteceu, mas o choque apagou toda sua memória.”

“Isso é um absurdo”, interrompeu Iris. “Eu não...”

“Cale a boca”, sussurrou-lhe Hare, furioso.

Ele estava ouvindo atento, pois agora se perguntava se o médico não havia encontrado a verdadeira explicação para o delírio de Iris. Ela estava inconsciente até pouco antes de pegar o trem. Por mais que a justificativa do desmaio fosse a insolação, ele poderia ter sido provocado pela ação de alguém que queria confundir a cabeça de Iris.

“Veja só”, prosseguiu o médico, “eu não quero ser suspeito de nada se depois chegar aos noticiários que uma mulher desapareceu”.

“Essa ideia é absurda”, disse o professor. “Além disso, o hospital testemunharia a seu favor.”

“Mas como eu vou provar que a paciente que estou levando para o hospital é real, e não uma substituta? Agora, se você, professor, me acompanhasse até lá e esperasse o início dos preparativos para a cirurgia, não haveria dúvidas. É sua reputação que reivindico como minha proteção.”

O professor sorriu friamente, pois estava morrendo de fome. Embora fosse um excelente jogador de bridge, não tinha conhecimento nenhum de pôquer. Conseqüentemente, a oferta do médico pareceu-lhe uma prova positiva de que a teoria fantástica de Iris não tinha o menor fundamento.

“Acho que você está levando a cautela profissional longe demais”, disse ele. “A srta. Carr” – a despeito de Hare, ele estava acostumado a memorizar nomes – “declarou que tinha ido ao vagão-restaurante com uma mulher chamada srta. Froy, e essa mulher foi identificada como a srta. Kummer... ela não está bem, o que explica seu equívoco. Nessas circunstâncias, não há nada que prove que a verdadeira srta. Froy, se é que ela existe, esteja de fato neste trem”.

“Então, no caso de algum problema futuro, posso procurá-lo para confirmar qualquer depoimento que eu der?”, perguntou o médico.

“Certamente. Vou lhe dar meu cartão.”

O professor deu meia-volta e voltou para o jantar.

Hare adivinhou que Iris estava à beira de uma explosão.

Até aquele momento, ele tinha conseguido contê-la apertando-lhe o braço com a mão, mas a paciência de Iris já estava no fim.

“Não faça uma cena”, implorou ele. “Não vai ser bom. Recomponha-se.”

Em vez de obedecer, ela levantou a voz.

“Senhorita Froy, está me ouvindo? Levante a mão, se puder.”

# CAPÍTULO 29

---

# Trieste

A srta. Froy ouviu. E levantou a mão.

Embora estivesse cega por causa da bandagem, ela reconheceu a voz de Iris no meio do murmúrio de outros sons. Um pouco confusa, percebeu que as pessoas estavam conversando; mas as vozes que escutava eram abafadas e indistintas, como se estivessem muito longe, dando a impressão de que chegavam através de um telefonema internacional cheio de interferências.

Ela tentou falar com eles, mas não conseguiu por causa da mordaca. Antes, tinha conseguido mover a boca parcialmente, exercendo uma forte pressão enquanto se lembrava de como seu pai costumava implicar da força que ela tinha na língua. Juntou toda a energia que lhe restava naquele grito de ajuda, mas o som que emanou foi incoerente e grosseiro, como de um animal sentindo dor.

Ninguém a ouviu, e seus raptores apertaram ainda mais a mordaca, aumentando seu desconforto. Seus braços estavam amarrados ao corpo acima dos cotovelos, e suas pernas estavam amarradas juntas na altura dos tornozelos por uma faixa. O médico não fez questão nenhuma de escondê-la quando pediu para Iris identificar os sapatos. Ele sabia que, no meio daquela profusão de curativos, um a mais ou um a menos não seria levado em conta.

No entanto, suas mãos estavam livres, porque as ataduras disponíveis tinham acabado, e, de todo modo, ela não conseguiria fazer mais do que movê-las freneticamente. O coração da srta. Froy se encheu de alegria quando disse a si mesma que a moça esperta saberia que uma resposta instantânea a seu apelo, por mais sutil que fosse, mostraria que a paciente havia reconhecido seu nome e estava dando uma prova de sua identidade.

Então, ela esticou os dedos, como se fosse um leque, e abanou a mão no ar num patético S.O.S.

Nesse instante, sua mente, que ela não conseguia controlar, apagou. Estava emaranhada numa teia de aranhas e obscurecida por causa das drogas, mas de vez em quando uma clareira se abria, como as manchas de espuma vermelhas e transparentes que surgem na superfície de uma geleia em ebulição. Nesses momentos de lucidez surgia um redemoinho de memórias, mas sua mente acabava voltando para aquele primeiro momento de horror.

Foi inacreditável – monstruoso. Ela estava sentada na cabine quando o médico entrou e perguntou se ela poderia ajudá-lo a levantar a paciente. Ele explicou que a enfermeira tinha saído por alguns minutos e que a pobre criatura sob seus cuidados estava inquieta, como se estivesse desconfortável.

Atender a um pedido era algo natural para a srta. Froy. Além de estar sempre disposta a servir, também estava curiosa para ver de perto a vítima do acidente, e talvez até saber o que tinha acontecido. Seria uma história interessante para impressionar a família quando falasse de suas aventuras na sexta-feira à noite.

Quando entraram no vagão da paciente, o médico pediu para ela segurar a cabeça enquanto ele levantava o corpo. Com uma compaixão mais que especial, ela se inclinou sobre o corpo prostrado, pensando no contraste que havia entre ela e a paciente.

“Ela está destruída”, pensou a srta. Froy, “e eu estou saudável e feliz. Estou voltando para casa.”

De repente, dois braços longos, cobertos de linho branco, esticaram-se e a seguraram pela garganta.

A paciente indefesa estava agarrando sua faringe com um aperto impiedoso. Naquele momento terrível, ela se lembrou do horror de um espetáculo no teatro francês Grand Guignol, em que um cadáver galvanizado estrangulou o homem que havia lhe dado vida artificial usando a eletricidade. Até que a pressão aumentou, flashes de luz brilharam sob suas pálpebras e ela não viu mais nada.

Durante algum tempo, o eclipse foi total. Depois, pouco a pouco, algumas brechas foram surgindo na escuridão de seus

sentidos. Ela se deu conta de que havia sido enfaixada, amordaçada e que estava com os olhos vendados, enquanto vozes abafadas discutiam seu destino.

Não era uma perspectiva feliz. Embora desconhecesse seu crime, pressentia qual seria sua sentença. Tinha alguma coisa a ver com a ambulância que a pegaria em Trieste, e que não a levaria para hospital nenhum.

No entanto, apesar do aperto e da sede, da angústia física e do tormento mental, ela não perdeu a esperança.

Sua família costumava dizer que ela tinha puxado a tia Jane. Quando viva, essa dama vitoriana queria uma boneca falante, um triciclo, uma carreira como cantora de ópera, um marido, uma herança. Não teve nenhuma dessas coisas, mas nunca abandonou nenhum de seus desejos, nem duvidou de que, no fim, realizaria cada um.

Quando o fim chegou, ela estava com setenta e sete anos e dependia da caridade de sua família; mas fechou os olhos com a fé inabalável de que ganharia tanto uma boneca falante quanto uma herança que lhe garantiria uma vida tranquila e uma morte digna.

A tia Jane ajuda a explicar por que a srta. Froy se mantinha toleravelmente tranquila diante de cada nova decepção. Felizmente, no entanto, seus momentos de lucidez tiveram curta duração. A maior parte do tempo ela passou dentro de um sonho provocado pelas drogas, em que tentava o tempo todo voltar para casa.

Ela sempre conseguia chegar até o portão e via o caminho iluminado atravessando o jardim, cheio de buracos enormes, até que uma pedra solta revelava um fosso. A beirada coberta de grama e as ásteres-da-china roxas estavam excepcionalmente vívidas sob a luz do lampião, enquanto o aroma pungente dos crisântemos pairava no ar gelado.

Mas embora estivesse perto o suficiente para ver o caminho feito de cacos de ladrilhos vermelhos, ela sabia que havia algo de errado e que jamais chegaria até a porta... foi enquanto lutava para se libertar de uma dessas visões atormentadoras que ela ouviu a voz de Iris chamando seu nome e pedindo para levantar a mão.

Infelizmente, ela não sabia que seu sistema de comunicação estava gravemente bloqueado. Nenhum dos canais estava claro, por isso seu cérebro só registrou a mensagem que seus ouvidos receberam depois que o médico, num estado de indignado horror, literalmente expulsou os visitantes para o corredor. Depois disso, ainda demorou um tempo para que seus nervos se conectassem com a região do cérebro responsável pelo processamento de informações; aí já era tarde demais.

As persianas foram todas baixadas, portanto não havia mais ninguém além da enfermeira para testemunhar o aceno inútil de seus dedos trêmulos.

Do lado de fora, o médico passou a mão no rosto, agitado.

“Que coisa horrível você fez”, disse ele, com a voz vibrando de raiva. “Cometi um erro deixando você entrar. Mas jamais pensei que você seria tão imbecil a ponto de machucar minha pobre paciente.”

Quando Iris recuou instintivamente perante a fúria do médico, ele se virou para o professor.

“O senhor entende, professor, que o repouso absoluto é fundamental para minha paciente. O grave ferimento da cabeça...”

“Então como ela consegue se manter quieta numa viagem de trem?”, interrompeu Iris, como uma locomotiva que se lança dentro de um túnel soltando um apito ensurdecedor.

“São coisas totalmente diferentes”, explicou o médico. “A gente consegue dormir com barulho. O que faz a gente acordar são os sons leves, aos quais a gente ainda não se acostumou. Se ela tivesse ouvido sua voz, poderia acabar acordando, enquanto eu estou fazendo o máximo que posso, por misericórdia, para mantê-la inconsciente.”

“Eu entendo”, garantiu-lhe o professor. “Sinto muito pelo que aconteceu.” Quando se virou para Iris, sua voz era fria. “É melhor voltar para sua cabine, srta. Carr.”

“Sim, venha comigo”, pediu Hare.

Iris sentiu que todos estavam contra ela. Em um instante de rebeldia, ela fez uma única ameaça.

“Assim que chegarmos a Trieste, vou procurar a Embaixada Britânica”, disse ela.

Eram palavras de coragem, mas sua cabeça girava tanto e suas pernas tremiam tanto que ela se sentiu totalmente incapaz de prosseguir com a ameaça. Por outro lado, suas intenções a encheram de uma ilusão de poder. Então Hare a segurou pelo braço com força e a conduziu pelos corredores com o ímpeto de um tsunami, seguidos pelo professor.

“Minha única esperança é que a gente consiga um jantar qualquer”, foi seu comentário de despedida para o médico.

Iris estava desorientada demais com tudo que havia acontecido para resistir ao tratamento autoritário de Hare. Ela não conseguia entender por que seu grito não teve resposta. Sua confiança ficou abalada e ela sentiu que sua covardia moral em conseguir expor a misteriosa paciente agora estava justificada.

No entanto, mesmo que aquela paciente fosse a vítima de um acidente real, o perigo que ameaçava a srta. Froy não tinha acabado. Quando chegou à cabine, ela deu a Hare um ultimato.

“Você está comigo ou contra mim? Vai parar em Trieste?”

“Não”, respondeu ele duramente. “Nem você.”

“Entendo. Então você não estava falando a verdade quando disse que gostava de mim.”

“Estava sim, tudo verdade.”

“Bom, se você não for comigo até a Embaixada, não vou mais querer saber de você.”

Hare ajeitou o colarinho, incomodado.

“Você já parou para pensar que sou seu único amigo?”, perguntou.

“Se você fosse meu amigo, provaria que era.”

“Eu adoraria, só que não tenho coragem. Como seu melhor amigo, eu deveria nocautear você para que ficasse quieta nas próximas vinte e quatro horas e descansasse sua pobre cabecinha.”

“Ah, eu odeio você”, gritou Iris. “Pelo amor de Deus, saia daqui.”

Na cabine seguinte, as srtas. Flood-Porter ouviram trechos da conversa.

“Essa moça com certeza consegue tirar alguma emoção de uma viagem de trem”, observou a irmã mais velha, em tom severo.

Embora os jovens estivessem brigando por ela, a srta. Froy estava deitada com o corpo imóvel e as mãos paradas. Pouco a pouco ela se deu conta de que não tinha público, portanto seu sinal tinha sido inútil. No entanto, ela sentiu uma pontada de conforto quando Iris mencionou o Consulado Britânico. Ela tinha escutado aquele grito de defesa através da porta fechada.

Logo em seguida, percebeu que a ameaça não tinha sido em vão. Acontecia agora uma pequena assembleia dentro da cabine.

“Trieste”, disse uma voz masculina. Era a voz do chofer do médico, que usava o incompatível uniforme de enfermeira. “E agora?”

“Não podemos perder tempo em Trieste”, respondeu o médico. “Vamos ter de dirigir a noite inteira, como uns malucos, para termos proteção de novo.”

“Mas... onde você vai jogar o corpo?”

O médico mencionou um lugar.

“Fica na nossa estrada”, explicou ele. “O cais é deserto. E o lugar é cheio de enguias.”

“Ótimo. Elas vão estar famintas. Em pouco tempo não haverá rosto para contar história, caso o corpo seja encontrado... você vai jogar as roupas e a bagagem lá também?”

“Idiota. Isso seria uma prova de identificação. Não, a gente vai levar tudo no carro. Você vai queimar tudo assim que voltarmos.”

Por mais que sua mente estivesse nebulosa, uma vibração dos sentidos fez com que a srta. Froy entendesse que eles estavam falando dela. Estremeceu instintivamente ao pensar na imagem de águas plácidas escuras, cheias de lama e rejeitos. Ela tinha uma aversão violenta à putrefação.

Mas ela ainda não tinha se dado conta da verdadeira implicação.

O chofer continuou antecipando as dificuldades.

“E se alguém investigar nos hospitais de Trieste?”

“Dizemos que a paciente morreu em trânsito.”

“E se pedirem para ver o corpo?”

“Eles vão ver. Não teremos problema quanto a isso, quando voltarmos. O necrotério vai me fornecer um corpo de mulher que vou mutilar.”

“Hum. Quisera eu estar seguro em casa. E ainda tem aquela moça.”

“Sim”, concordou o médico, “é impressionante como os ingleses se consideram policiais do mundo. Até as moças têm o mesmo hábito. Mas é um erro tomá-los como um país estúpido. Aquele professor é muito inteligente e nada bobo... mas, felizmente, é um sujeito honrável, e acredita que todo o mundo também deve ser. Ele vai apoiar o que eu disser”.

“Mesmo assim, quisera eu estar em casa”, repetiu o chofer.

“O risco é grande”, observou seu patrão. “Mas a recompensa também é.”

O zumbido de vozes masculinas que martelava os ouvidos semicerrados da srta. Froy – como o zunido de uma roda a girar – de repente parou; o chofer pensava na oficina mecânica que compraria, enquanto o médico planejava se aposentar.

Ele não gostava muito daquela posição, mas a família no poder dissera que sua lealdade e seu interesse pessoal impediam que desobedecesse. Assim que a baronesa mandou chamá-lo, em particular, durante a noite, ele bolou o melhor esquema que podia, no calor do momento, para limpar um obstáculo de seu ilustre percurso.

Ele sabia por que tinha sido escolhido, pois ele mesmo não usaria um instrumento cirúrgico delicado para cortar um cordão grosseiro. Sua reputação tinha sido abalada por causa de um contratempo recente no hospital local. Sua curiosidade científica era mais forte do que seu desejo de curar a doença, e ele foi acusado de prolongar operações indevidamente, custando a vida dos pacientes.

Desde o início sua tarefa havia sido nefasta por causa da interferência da moça inglesa. Não fosse por ela, o plano teria funcionado perfeitamente, por razão de sua simplicidade e do pequeno grupo de envolvidos. O médico sabia que ele e seu chofer estariam arriscando a própria vida ao voltar para casa dirigindo em alta velocidade por estradas tortuosas, passando por vertiginosos precipícios numa roda só, tentando competir com o expresso que voltava para seu território nativo.

Mas, quando estivessem de volta, não haveria mais imprevistos. Para cada pergunta, haveria uma explicação adequada. Ninguém teria nenhum conhecimento estranho para revelar, e todos os fios que conectavam a paciente morta com a srta. Froy seriam cortados.

“Você vai jogar a moça inglesa no esgoto também?”, perguntou o chofer, de repente.

“Não”, respondeu o médico. “Mais complicações seria arriscado. Mas quando chegarmos a Trieste, ela não terá condições de nos causar problemas.”

A srta. Froy escutou as palavras dele e, pela primeira vez, seu otimismo a decepcionou. Sentindo uma onda forte de angústia, ela pensou na família que a esperava em casa, pois ela havia mandado a rota com os horários do trem e imaginou que eles estariam acompanhando o percurso pelo mapa.

Naquele momento, de fato os pais estavam pensando nela. Faziam o melhor que podiam para combater a incomum depressão, pois tinham acendido a lareira – composta basicamente de pinhas – e permitiram-se o luxo de um jantar extravagante: ovos mexidos.

Sock estava deitado no tapete observando as chamas. Apesar do calor agradável, ainda estava cabisbaixo depois de uma decepção, pois havia desobedecido a ordem dos donos e saiu correndo para encontrar o trem, com a esperança renovada.

O sr. Froy olhou para a esposa e notou o tremor do lábio inferior de sua boca firme e pequena, e também que seu corpo estava solto na cadeira. Pela primeira vez, percebeu que ela era mais velha, e que ele, também, tinha envelhecido.

Então olhou para o relógio.

“Winsome deve estar chegando ao fim da primeira etapa da viagem”, disse para a esposa. “Logo estará em Trieste.”

A sra. Froy repetiu a informação para o cachorro.

“Sock, sua dona agora está realmente voltando para casa. A cada minuto que passa ela vai chegando mais perto; daqui a meia hora, estará em Trieste.”

Trieste.

# CAPÍTULO 30

---

## Retratação

O garçom conseguiu guardar um pouco do jantar para o professor e Hare, que comeram prato por prato em silêncio. Enquanto terminavam o queijo e os biscoitos, o médico entrou no vagão-restaurant e se sentou à mesa dos dois.

“Lamento interrompê-los”, disse, “mas gostaria de conversar rapidamente sobre aquela moça inglesa”.

O professor conteve uma exclamação, pois temia que Iris tivesse cometido mais alguma indiscrição.

“Café, por favor”, disse ele para o garçom. “Preto... Então, quão o problema *dessa vez?*”

“Como médico, me vejo diante de uma grande responsabilidade”, explicou. “O estado mental daquela moça é perigoso.”

“O que o leva a concluir isso?”, perguntou o professor, que nunca aceitava uma declaração sem dados que a corroborassem.

O médico deu de ombros.

“Certamente, até uma pessoa das menos inteligentes perceberia que ela está sofrendo de uma alucinação. Ela inventou alguém que não existe. Mas há outros sinais. Ela é extremamente irritável, desconfia de todos e tende à violência.”

Ao notar a careta involuntária de Hare, ele parou de falar e se virou para o jovem.

“Perdão, aquela jovem é sua namorada?”

“Não”, resmungou Hare. “Mas talvez amante... ou uma amiga querida? No entanto, não me surpreenderia saber que ela se enraiveceu com você recentemente. Não é mesmo?”

“Minha popularidade com ela anda baixa nesse momento”, admitiu Hare.

“Obrigado pela confiança, pois isso confirma meu diagnóstico. Quando uma pessoa se volta contra quem mais lhe quer bem, costuma ser sintoma de uma doença mental.”

Ele notou que havia conquistado a simpatia de Hare, e prosseguiu.

“Não há perigo real se tomarmos certa precaução. É fundamental nesse estágio que a cabeça dela descanse. Se ela dormir durante um bom tempo, tenho certeza de que vai acordar bem novamente. Mas se deixarmos que ela insista nessa febre, os danos cerebrais podem ser... irreversíveis.”

“Acho que ele tem razão nisso, professor”, concordou Hare. “É exatamente o que estive pensando.”

“O que você propõe?”, perguntou o professor, cuidadoso.

“Sugiro que a convença a tomar um sedativo leve que vou deixar com você”, respondeu o médico.

“Ela não vai aceitar.”

“Nesse caso, terei de ministrá-la à força.”

“Impossível. Nós não podemos controlar as vontades dela.”

“Então talvez você consiga fazê-la tomar por engano.”

Como o professor continuou obstinadamente calado, o médico levantou um pouco o corpo da cadeira, como se fosse ficar de pé.

“Posso lhe garantir”, disse, “que já estou carregando responsabilidades suficientes nos ombros, com a minha paciente. Só senti que era meu dever alertá-lo. Nós, médicos, estamos comprometidos a servir a humanidade – quer recebamos salário ou não. Mas agora que expliquei a situação, posso deixar que você decida o que fazer. Minha consciência está tranquila”.

O médico estava prestes a sair com dignidade, quando Hare o chamou.

“Não vá ainda, doutor. Sinto o mesmo que o senhor nesse sentido. Tenho uma experiência pessoal com delírios, provocados por uma concussão.” Ele se virou entusiasmado para o professor. “Será que não conseguimos dar um jeito?”

O lábio superior do professor pareceu aumentar, tamanha sua desaprovação.

“Eu não poderia fazer parte de uma conduta como essa”, disse ele. “Seria uma interferência grosseira na liberdade pessoal da srta. Carr. Ela é um ser humano livre.”

“Então quer dizer que o senhor prefere se ater às ‘boas maneiras’ e vê-la indo parar num manicômio?”, perguntou Hare, indignado.

O professor abriu um sorriso ácido.

“Tenho a impressão de que não existe o menor perigo disso acontecer”, disse o professor. “Tenho experiência em casos assim. Por causa do meu trabalho, tenho contato com mulheres jovens neuróticas. Para mim, a srta. Carr não passa de uma histérica.”

“Então... o que o senhor propõe?”, perguntou Hare.

“Acho que um choque salutar provavelmente a trará de volta à razão.”

Reforçado pela refeição, o professor se sentiu dono da situação. Terminou o café e o licor, limpou uma migalha do colete e se levantou demoradamente.

“Vou conversar com a srta. Carr”, disse ele.

O professor então saiu do vagão-restaurant e se embrenhou pelos corredores do trem. Quando passou pela cabine ocupada pelas srtas. Flood-Porter, sentiu vontade de desistir de sua missão e se juntar a elas para uma breve conversa. As duas pareciam tão serenas e imaculadas – pois estavam bem adiantadas com os preparativos para a chegada a Trieste – que ele imaginou que mais uma conversa talvez gerasse uma amizade mútua.

Determinado a realizar a tarefa que impôs a si próprio, ele entrou na sua cabine e se sentou de frente para Iris. À primeira vista, dava para perceber que ela tinha acendido um cigarro atrás do outro, jogando-os fora em seguida quase inteiros. Embora essa ação fosse apenas um sinal de tensão nervosa, ele olhou com aversão para o banco e para o chão, cheios de fósforos usados.

“Aceitaria um conselho oferecido amigavelmente?”, perguntou, falando como se ela fosse uma criança frágil.

“Não”, respondeu Iris, revoltosa. “Quero ouvir a verdade, para variar.”

“A verdade pode ser chocante. Mas, como você pediu, é o que terá... o médico acabou de me dizer que, como resultado da insolação, você está – só um pouco, e temporariamente – perturbada.”

O professor acreditava honestamente estar lidando com uma moça neurótica, que contava mentiras para chamar atenção, então observou a reação dela com uma confiança presunçosa. Quando percebeu o pavor nos olhos dela, concluiu que seu experimento estava justificado.

“Você quer dizer... que estou louca?”, perguntou Iris, sussurrando.

“Ó, minha querida, não. Não precisa ter medo. Só que o médico está preocupado com você viajando sozinha. Ele pode se ver obrigado a tomar alguma medida para garantir sua segurança, a menos que você mantenha a calma.”

“Que medida?”, perguntou Iris. “Você não está falando da casa de repouso, não é? Não aceito. Ninguém pode fazer nada comigo contra minha vontade.”

“Nessas circunstâncias, a violência não seria nada prudente, e só confirmaria o temor do médico. Quero deixar bem clara a situação para você. Veja bem.”

O professor balançou o dedo no ar e disse, incisivo.

“Você só precisa manter a calma, que tudo vai ficar bem. Ninguém vai tentar afetá-la de maneira alguma, a menos que você os faça notar sua presença. Para ser bem franco, você se transformou num incômodo para todos. E isso precisa parar.”

O professor não foi tão desumano quanto parecia. Sua própria experiência desagradável com sua aluna apaixonada havia criado nele um preconceito contra as emoções, mas, para ele, suas ações se davam para o bem de Iris.

Por causa disso, ele não podia ter ideia do medo infernal que havia provocado em Iris. Ela estava pálida até nos lábios quando se encolheu no canto da cabine. Estava com medo dele, medo de todas as pessoas no trem. Até Hare parecia participar da conspiração contra ela. O mundo inteiro parecia envolvido numa aliança que ameaçava sua sanidade.

Acendendo mais um cigarro com os dedos trêmulos, ela tentou entender a situação. Era evidente que ela tinha se metido em questões importantes e que, conseqüentemente, tinha de ser eliminada. O professor havia sido enviado para suborná-la, oferecendo-lhe imunidade em troca de seu silêncio.

Mesmo se rejeitasse furiosamente o acordo, ela teria de encarar a verdade nua e crua. Iris não tinha a mínima chance de lutar contra essas pessoas influentes. Se persistisse na busca impossível da srta. Froy, o médico simplesmente mexeria seus pauzinhos e a mandaria para uma casa de repouso em Trieste.

Ela se lembrou da história que a srta. Froy lhe contara da mulher que ficou presa num manicômio. A mesma coisa poderia acontecer com ela. Qualquer oposição de sua parte seria usada como prova contra sua sanidade. Eles poderiam mantê-la presa, sob o efeito de drogas, até que enlouquecesse de vez.

Levaria um bom tempo para que alguém sentisse sua falta. Ninguém a esperava na Inglaterra, pois não tinha reservado quarto em nenhum hotel. Seus amigos achariam que ela ainda estava no exterior. Quando finalmente seus advogados ou o banco questionasse alguma coisa, seria tarde demais. Eles seguiriam seus rastros até a clínica e encontrariam uma lunática.

Naquele estado de confusão mental, ela se afundou num lamaçal de medos distorcidos e perigos exagerados. Mas embora sua razão estivesse praticamente submersa por uma enorme onda de pânico, um pedacinho do seu cérebro ainda funcionava de acordo com o bom senso.

E o bom senso a convenceu de que o resgate da srta. Froy era um caso totalmente perdido.

“E então?”, perguntou o professor pacientemente, enquanto ela jogava fora o cigarro sem fumar.

De repente, Iris pensou no conhecido expresso Calais–Dover, nas falésias brancas, na estação Victoria, com uma saudade quase desesperada. Sentiu falta da Inglaterra e da jovialidade de seu grupo de amigos. Diante de seus olhos, em letras de fogo, brilhava o familiar slogan: “SEGURANÇA EM PRIMEIRO LUGAR”.

“E então?”, repetiu o professor. “Está pensando com a cabeça?”

Esgotada e paralisada de medo, Iris sentiu toda esperança escorrer por entre seus dedos. Lembrou-se de que a srta. Froy era apenas uma estranha a quem tentava ajudar. Persistir significava um duplo e inútil sacrifício.

“Sim”, respondeu abruptamente.

“Não vai fazer mais nenhuma cena?”, continuou o professor.

“Não.”

“Ótimo... Agora, vai reconhecer para mim que inventou a srta. Froy?”

Quando negou, Iris sentiu que despencava direto para o inferno de Judas Iscariotes e de todos os traidores.

“Sim, eu a inventei. A srta. Froy não existe.”

# CAPÍTULO 31

---

## Uma tigela de sopa

Quando o professor saiu do vagão-restaurante, o médico o seguiu com o olhar.

“É um sujeito muito inteligente”, comentou friamente. “Quer curar uma doença com uma repreensão. Mas ele pode estar certo. Na verdade, pela primeira vez na minha carreira, espero que eu esteja errado.”

Ele viu que Hare franziu o rosto e perguntou:

“Qual a sua opinião?”

“Acho que ele está cometendo um erro gravíssimo”, resmungou o jovem.

“Aquele que sabe, e sabe que sabe, é um sábio”, citou o médico. “Mas e daí?”

“Quem dera eu soubesse.”

“E você acha que talvez o professor seja mais inteligente do que você?”

“Nem penso nisso. Nossa forma de raciocínio é bem diferente.”

“Então provavelmente você não está acostumado a impor autoridade?”

“Ah, não. Só tenho que controlar centenas de ladrões, e alguns deles bem rápidos no gatilho.”

“Então, francamente, não entendo sua hesitação. A não ser, é claro, que você tema a fúria da senhorita quando ela descobrir que foi enganada. Ela tem o que você chama de ‘espírito’, e o que eu chamo de ‘gênio’, pois tenho uma esposa muito doce... Bom, cabe a você decidir se prefere as palavras de fúria de uma mulher sã ou o sorriso gentil de uma imbecil.”

“Não me pressione”, murmurou Hare. “Eu preciso *pensar*.”

“Não temos muito tempo”, lembrou o médico.

“Eu sei. Mas... é um risco danado.”

“De jeito nenhum. Tome meu cartão. Vou escrever um atestado dizendo que o remédio é inofensivo, sob pena de ter problemas futuros se a senhorita tiver alguma complicação... E vou fazer mais. Vou deixar com você uma amostra para que mande analisar quando chegar à Inglaterra.”

Hare mordeu o lábio. Ele sabia que a oferta do médico era justa, mas mesmo assim não conseguia deixar de suspeitar do desconhecido.

O médico pareceu ler seus pensamentos.

“Talvez você hesite porque eu não sou o dr. Smith de Londres, Inglaterra”, disse ele. “No entanto, se sentisse uma dor de dente dilacerante numa cidade estranha, buscaria alívio com o primeiro dentista que encontrasse na sua frente. Lembre-se, o nome de um homem numa placa de bronze, com algumas letras depois dele, é a garantia de que o profissional tem boa fé para com as pessoas.”

Deixou o argumento se assentar enquanto Hare esfregava o rosto e coçava a cabeça. Em seguida, olhou para o relógio e colocou o pulso na frente do rosto do jovem.

“Veja a hora. Preciso voltar para minha paciente.”

Hare deu um salto como se recebesse um choque.

“Espere um minuto, doutor. Como daríamos essa coisa para ela?”

O médico sabia que já havia cruzado a fronteira quando se apressou para explicar.

“Aquela pobre jovem não comeu nada ainda”, disse, em tom de censura. “Certamente você levará para ela um pouco de sopa, pois no trem italiano ela só poderá comer depois que eles atracarem o vagão de café da manhã.”

“Como sou idiota”, exclamou Hare, batendo na cabeça. “Não me passou pela cabeça que ela pudesse estar faminta... mas se estiver dormindo, como vou trocá-la de trem em Trieste?”

“Ah, meu caro, não precipite os milagres. Você é impaciente demais. O remédio só vai fazer efeito quando ela estiver no trem italiano. Depois, vai dormir profundamente. Mas em Trieste, estará um pouco dopada, se sentindo pesada, muito dócil.” O médico

então apertou os olhos. “Além disso, ela vai estar letárgica demais para se preocupar com a senhora fantasma.”

“Muito bem... vou correr o risco.”

O médico o acompanhou até o vagão da cozinha e travou uma luta com o chefe, que não parava de se queixar. Por fim, a autoridade médica venceu a batalha. Pouco tempo depois, Hare, com os olhos ansiosos e os lábios comprimidos, começou sua jornada fatídica ao longo dos corredores, segurando uma tigela semicheia.

No entanto, carregava muito mais do que apenas a sopa. Dentro do círculo estreito da tigela estava o destino de uma mulher.

Enquanto Hare andava cambaleando, por uma coincidência de horários, numa pequena casa de pedras na Inglaterra, a sra. Froy pensou se a filha estaria bem alimentada.

“Espero que Winnie coma alguma coisa antes de chegar a Trieste”, disse ela para o sr. Froy. “O jantar não estará disponível a noite toda. Ela costuma ficar agitada demais para conseguir comer nas viagens. E quando chega em casa, simplesmente belisca o jantar.”

O marido abriu um sorriso culpado, pois sabia o motivo da falta de apetite de Winnie.

Enquanto isso, Hare continuava com medo da responsabilidade de sua tarefa. Por mais que dissesse para si mesmo que estava levando para Iris o dom da sanidade, não conseguia se livrar do nervosismo. Atormentado pela decisão, propôs a si mesmo um teste tolo.

“Se eu não derramar nada até lá, vai ficar tudo bem. Mas se eu derramar, vou desistir.”

Avançou devagar, com todo cuidado e cautela, enquanto o trem parecia acelerar um pouco mais. A sopa espirrou no prato sob a tigela, a ponto de quase derramar. No entanto, de uma maneira extraordinária, continuava contida, sem ultrapassar as beiradas.

Hare se lembrou de um truque simples que costumava praticar quando garoto – colocar um copo d’água dentro de uma argola e girá-la, de modo a não derramar nenhuma gota. Aparentemente o

mesmo princípio se aplicava à sopa, e ela não derramava por causa da velocidade do movimento.

Mas pouco antes de chegar à parte das cabines privadas, ele fracassou completamente. Enquanto atravessava a passagem de conexão entre dois vagões, um garotinho, correndo de uma menina, trombou com ele e recebeu um batismo de sopa, seguido de um palavrão indesejável.

Hare parou de xingar para secar os dedos.

“Já era”, murmurou. “Bom, agora não está mais nas minhas mãos.”

Enquanto isso, Iris se afundava na confusão mental. Quando o professor a deixou, ela estava paralisada pelo medo. Algum mecanismo de seu cérebro parecia ter dado pane, reduzindo sua mente a um emaranhado inútil. A srta. Froy era uma causa perdida, e por isso Iris tinha negado sua existência. Mas nada restou além de um vazio, sem objetivo, esperança ou respeito próprio.

“Eu era sua única chance”, disse para si mesma. “Agora, destruí tudo.”

Saber disso era uma tortura da qual ela tentava, em vão, se esquecer. Mas algumas pequenas imagens insistiam em aparecer diante de seus olhos fechados. Dois velhinhos arqueados, um ao lado do outro numa porta iluminada, esperando. Sock, um boboca de pelos, correndo para encontrar sua dona que jamais voltaria para casa.

Ela se sentiu mais afetada com a imagem do cachorro, pois pressupunha a senilidade dos pais idosos. Disse a si mesma que o choque provavelmente mataria os dois, pois deviam ser devotados demais, ou acostumados demais um ao outro, para sobreviverem sozinhos. O que seria então do cachorro, desamparado e faminto numa casa de campo?

Iris então se entregou à agitação nervosa provocada por Sock. Sua cabeça começou a doer tanto que parecia estourar numa série de pequenas explosões sincronizadas com o barulho das revoluções frenéticas das rodas do trem.

“Você está quase lá... está quase lá...”

Em seguida, o ritmo mudou e o barulho se transformou num tamborilar de dedos.

“Quase lá... quase lá... quase lá... *quase lá...* QUASE LÁ.”

Quase em Trieste. O trem estava fidelíssimo ao horário programado. As pulsações da locomotiva vibraram no corpo de Iris como as artérias trêmulas de um coração sobrecarregado. Ela acelerava e rugia nos trilhos – um monstro de metal disputando com um rival invisível.

Ela precisava combater o Tempo.

Quando Hare entrou na cabine, ela mal levantou os olhos e não falou com ele.

“Ainda com ódio de mim?”, perguntou.

“Só tenho ódio de mim”, disse Iris, estupidamente.

Ele olhou furtivamente para o rosto trêmulo e para as bochechas vermelhas da moça, o que, para ele, confirmava o diagnóstico do médico de uma instabilidade nervosa perigosíssima, enquanto ele dizia para si mesmo que, como não poderia nocauteá-la pelo maxilar, estava lhe prestando um verdadeiro favor.

“Trouxe um pouco de sopa”, disse ele, um pouco culpado.

Ela se encolheu mesmo agradecendo.

“Muito gentil, mas não consigo nem encostar nela.”

“Tente. Você vai se sentir uma nova pessoa.”

“Tudo bem, então. Pode deixar aqui.”

“Não, esse truque é velho. Assim que eu virar as costas, você vai jogá-la pela janela. Bom, não vou sair daqui.”

Iris segurou a cabeça.

“Estou tão enjoada”, reclamou.

“Falta de alimento. Ouça, minha querida, existe toda uma questão de persistência por trás dessa simples tigela de sopa. Em primeiro lugar, tive de matar o chefe para consegui-la. Depois, enquanto vinha para cá, um menino infeliz trombou comigo e derrubou tudo no chão... eu disse: ‘É o destino’. Mas depois pensei: ‘Ela não comeu nada o dia todo e vai ficar sem comer nada até o café da manhã’. Então voltei atrás, matei outro chefe, tudo isso para lhe trazer uma segunda tigela.”

“Ah, sim...”, suspirou Iris, impotente. “Então tenho de estar agradecida?”

Ela engoliu a primeira colherada com certa relutância, fazendo uma careta como se estivesse ingerindo um vomitivo. Depois fez uma pausa, enquanto Hare esperava, ansioso.

“O que é isso?”, perguntou ela. “Tem um gosto horrível de remédio.”

“É a mesma sopa que tomei no jantar. É tudo que sei”, mentiu Hare.

“Bom, é melhor tomar de uma vez.”

Levando a tigela aos lábios, engoliu tudo, sentindo um arrepio.

“Logo você vai se sentir melhor”, garantiu-lhe Hare enquanto pegava a tigela vazia das mãos fracas de Iris.

Os dois ficaram sentados em silêncio durante um tempo, enquanto ele a observava furtivamente, esperando detectar os primeiros sinais de letargia. Ele sabia que as drogas afetavam as pessoas de maneiras diferentes, e que era difícil descobrir qual a dose certa para Iris, devido a sua condição atípica.

“Se alguma coisa der errado”, pensou, desesperado, “vou ter que assumir as consequências”.

De vez em quando ele ouvia a lamúria da voz do professor, que aumentava o tom num esforço de se fazer ouvido acima do barulho do trem. Ele estava na cabine ao lado, aprofundando a amizade com as srtas. Flood-Porter, amizade que ele esperava justificar com a descoberta de um elo comum.

“Vocês moram em Somerset”, disse ele. “Já fiquei algumas vezes lá. Será que temos algum amigo em comum?”

“Odeio todas as pessoas que moram lá”, disse a srta. Rose veementemente, negando ter amizade com qualquer pessoa.

“Por causa da caça aos veados”, complementou a srta. Evelyn.

Aliviado pela explicação, o professor começou, gentil e habilmente, a citar algumas pessoas dignas que pudessem estar acima do ódio da srta. Rose. Sentiu-se recompensado quando as irmãs reconheceram um nome.

“Ah, sim. São pessoas muito agradáveis, grandes amigos nossos.”

A conexão estava estabelecida, e todos começaram a conversar com desenvoltura.

Iris reconheceu as vozes, pois, depois de um tempo, falou com Hare.

“É o professor, não é? Você poderia lhe dizer que eu quero dormir, mas não consigo, porque ele está fazendo muito barulho? Talvez até ajude dizer que ele está se tornando um incômodo para todos. Ele vai adorar. Porque foi disso que me chamou.”

A fala dela estava tão animada que Hare a olhou surpreso. Ele não sabia se estava imaginando coisas, mas os olhos dela estavam menos pesados, enquanto o rosto parecia ter perdido toda a coloração febril.

“O médico me passou a perna”, pensou ele, furioso. “Ela não está se acalmando, mas ficando mais agitada. Se continuar assim, estará completamente descontrolada quando chegarmos em Trieste.”

Na verdade, a pequena conspiração havia sofrido um baque porque ninguém levava em consideração as condições gerais. Nas raras ocasiões em que Iris não se sentiu bem, sua resposta ao tratamento tinha sido quase imediata. Em seu estado anormal, ela estava batendo o próprio recorde de velocidade. Por mais que o efeito não fosse durar muito tempo, ela estava se sentindo milagrosamente recuperada por causa da alimentação, enquanto o medicamento começava a acalmar imperceptivelmente a tempestade de sua mente, como uma membrana de óleo derramada num mar revolto.

Enquanto escalava para fora do inferno dos traidores no qual tinha se afundado, Iris se sentiu impulsionada por uma força ilegítima e motivada por uma forte confiança.

“As causas perdidas são as únicas pelas quais vale a pena lutar”, disse para si mesma.

Aliviada por se sentir restabelecida, ela sorriu para Hare, que abriu um largo sorriso como resposta.

“Não falei que você se sentiria melhor depois de tomar uma sopa, forte e nutritiva?”, disse ele.

“O gosto era de sopa feita de múmia, mas recobrou minha energia”, admitiu. “Minha mente está clara. Agora percebo que o professor estava certo. Fiz papel de ridículo agindo como uma tola.”

Hare avaliou positivamente as propriedades do remédio.

“Quer dizer então que você... jogou a srta. Froy para fora do trem?”, perguntou ele, incrédulo.

“Por favor, nem fale o nome dela de novo. É claro que ela não existe. Eu disse isso para o professor.”

Iris sentiu um leve remorso quando olhou nos olhos sinceros de Hare.

“É uma vergonha enganá-lo”, pensou.

Ela tinha resolvido se valer de uma boa estratégia. Fingiria docilidade para evitar quaisquer suspeitas. Quando chegassem a Trieste, ela conseguiria sair de fininho e pegar um táxi, no qual seguiria a ambulância. Eles não desconfiariam de nenhum interesse nos seus passos fora do trem, pois ela já estaria fora do jogo.

Como teria dito previamente ao motorista do táxi para memorizar o endereço do lugar para onde a srta. Froy seria levada, ele voltaria em alta velocidade para a Embaixada Britânica. Ela sempre considerara os italianos corajosos e disponíveis, por isso tinha certeza de que poderia contar com sua compreensão e ação imediata.

Seus pensamentos antes bloqueados agora trabalhavam numa velocidade estonteante. Iris disse a si mesma que o sucesso de seu plano dependia de sua capacidade de enganar todos eles. Ela voltaria para sua cabine, que estava cheia de espiões do médico, e fingiria a necessária e passiva submissão.

“Não posso exagerar”, pensou. “Eles poderiam fazer um alarde se pensassem que estou me sentindo mal.”

Iris contava com a confusão dos passageiros e das bagagens durante a troca de trens no terminal. Ela teria de pedir para Hare fazer alguma coisa longe dela, pois ele seria seu único obstáculo. O resto dos viajantes continuaria se comportando normalmente, cuidando dos próprios interesses.

Ela levantou a cabeça e se deparou com o olhar sério de Hare. Ele estava pensando no longo e agradável sono que a aguardava no

trem italiano.

“É uma vergonha enganá-la”, pensou ele.

# CAPÍTULO 32

---

## O sonho

Embora ainda faltasse um pouco para chegar a Trieste, o trem já estava agitado com o alvoroço antecipado de sua chegada. Os passageiros começavam a fechar as malas e a vestir os casacos e chapéus. Atormentado pela inquietação, o professor saiu sem pressa da cabine das srts. Flood-Porter e entrou na sua.

“Não quero incomodá-la”, disse ele para Iris. “Mas logo chegaremos a Trieste.” Iris não demonstrou aquela relutância mórbida de antes ao voltar para sua cabine.

“Preciso pegar minha mala”, disse ela, ansiosa para impressionar o professor com sua obediência.

Ele a recompensou com um sorriso de aprovação. Pela última vez, ela percorreu o trajeto sacolejante ao longo do trem. Ninguém riu dela, nem ninguém pareceu notá-la, pois todos estavam ocupados demais com as próprias coisas. Malas e bolsas já tinham sido retiradas dos bagageiros e se empilhavam fora das cabines, aumentando o congestionamento. Mães gritavam para reunir os filhos, que corriam uns atrás dos outros nos corredores.

As mães limpavam a boca suja de chocolate dos filhos com o canto de lenços umedecidos. Cascas de banana eram jogadas pelas janelas, e os jornais eram colocados embaixo dos bancos.

O calor e a confusão eram tão intensos que Iris ficou feliz quando chegou à sua cabine. Antes de entrar, ela recuou enquanto o médico saía da cabine da doente. Acima de sua barba cheia e comprida, seu rosto parecia tão seco e pálido quanto a seiva de uma planta, e seus olhos – aumentados por causa dos óculos – eram dois poços negros e inchados.

Quando ele olhou para Iris, ela sentiu que era inútil tentar encará-lo. Como um experiente jogador de xadrez, ele teria

previsto qualquer um de seus possíveis movimentos e estaria preparado para contra-atacar.

“A madame está melhor?”, perguntou.

“Ah, sim. Só estou um pouco fraca. Tudo parece um grande esforço. E quando me sento, parece que não vou conseguir mais me levantar.”

Iris se sentiu encorajada pelo sucesso de sua estratégia quando os dois homens trocaram um olhar de entendimento. Ela entrou na sua cabine, mas ninguém parecia interessado em seu retorno. A mãe e a menina arrumavam o conteúdo de suas malas, enquanto a loira vestia-se elegantemente. O pai estava encarregado da mala de roupas da baronesa, evidentemente pronto para agir como carregador temporário.

Iris se sentou e os observou até que o espetáculo de narizes sendo maquiados com pó e penteados sendo refeitos a lembrou que ela mesma precisava se arrumar. Era essencial causar uma boa impressão na Embaixada. Ela abriu devagar sua bolsa e apanhou o estojinho de pó compacto, bocejando devido a um súbito entorpecimento. Piscando os olhos com força, começou a passar o pó e o batom.

Mas antes de terminar, suas pálpebras já estavam se fechando tão continuamente que ela não conseguia enxergar direito. Para seu espanto, percebeu que estava sendo tomada por ondas de sono.

Por mais que lutasse para se manter acordada, a sensação de sonolência era forte demais. Uma depois da outra, as ondas passavam sobre ela e se avolumavam numa procissão sem fim.

Os outros passageiros começaram a tremular como sombras. Lá fora, Trieste era visível como uma vermelhidão brilhante contra o céu noturno. A locomotiva vociferava e pulsava num último esforço estupendo para romper a fita invisível esticada na frente do para-choque. Quase ao lado passava a vasta sombra, batendo as asas e balançando uma foice.

Estavam todos empolgados nas caldeiras e no vagão do condutor, pois o trem na verdade estava adiantado. Havia vencido

o tempo, por isso reduziram seus esforços e diminuíram a velocidade gradualmente, preparando-se para a chegada a Trieste.

A cabeça de Iris pendeu para a frente e seus olhos se fecharam. Em seguida, um cachorro latiu à distância, despertando-a de supetão. Quando olhou para fora da janela com a visão turva, algumas luzes espalhadas brilhando na escuridão avisaram-na de que estavam chegando nos arredores de Trieste.

Naquele momento, ela pensou na srta. Froy.

“Trieste”, angustiou-se. “Preciso ficar acordada.”

Mais uma vez, tudo se embaçou e ela recostou novamente no banco.

Quando Hare voltou para a cabine, seu queixo caiu diante da visão de Iris jogada no banco. Ele chamou o médico, que simplesmente esfregou as mãos esqueléticas em sinal de satisfação.

“Excelente”, disse ele. “Ela respondeu com uma rapidez extraordinária.”

“Mas como vou retirá-la do trem em Trieste?”, perguntou Hare.

“Isso não será nenhum problema. Você vai conseguir acordá-la com um toque. Isso é só um estágio preliminar, um pequeno cochilo. Ela só vai estar um pouco atordoada.”

O médico se virou, mas fez uma pausa para dar um conselho a Hare.

“É melhor deixá-la sozinha até conseguir os carregadores. Se acordá-la muito cedo, ela pode dormir de novo. E a cada vez, seu sono será mais profundo.”

Ele aceitou a sugestão e ficou parado no corredor, olhando para fora da janela. O reflexo do trem iluminado que passava sobre a alvenaria dos telhados e das paredes transformava as casas numa paisagem vibrante, que lembrava água. Em todas as cabines, as pessoas tiravam as malas dos bagageiros. Ouviam-se vozes chamando os funcionários. As amizades efêmeras construídas na viagem eram ao mesmo tempo seladas ou interrompidas com apertos de mão e despedidas.

Iris dormia...

Na cabine dos recém-casados, o advogado – Todhunter, por mais alguns minutos – dava o máximo de si para conciliar um gesto de renúncia com uma retirada estratégica.

“Será que nos despedimos agora?”, sugeriu ele. “Antes de sermos cercados por uma multidão de testemunhas.”

A sra. Laura ignorou sua tentativa de aproximação.

“Adeus”, disse ela, curvando cuidadosamente os cílios para cima. “Obrigada por sua hospitalidade. Para mim, foram férias baratas. Baratas em todos os sentidos.”

Na cabine ao lado, as srtas. Flood-Porter lidavam com uma tragédia. Foi a srta. Evelyn que soltou a bomba.

“Rose, você viu a maleta marrom sendo trazida para cá no carrinho de bagagens?”

“Não.”

“Então acho que ela ficou para trás. A gente tinha empurrado ela para debaixo da cama, lembra?”

A expressão das duas era de horror, pois suas compras tinham sido embaladas juntas para serem declaradas corretamente.

“Eu estava contando com o capitão Parker para passar com elas pela alfândega para nós”, lamentou a srta. Rose. “Deve ter ficado no carrinho.”

“Deve mesmo. Não podemos fazer nada a não ser esperar pelo melhor.”

Iris continuava dormindo...

Quando criança, Iris sofria de um complexo de inferioridade oculto, por causa da diferença entre seu destino e o das outras crianças. Por mais que fosse mimada pelos adultos, Iris era sempre exposta à hostilidade secreta de alguns colegas. Ela não se dava a represálias, mas, à noite, sua inibição encontrava expressão em sonhos de poder, em que ela saqueava lojas de brinquedos e confeitarias de Londres com uma imunidade gloriosa.

O tempo se encarregara da vingança e levava Iris para o topo de seu próprio mundo. Mas agora a hostilidade do professor, a animosidade do médico e da baronesa e o escárnio dos outros passageiros haviam se juntado ao seu desmaio, trazendo à tona de novo todo seu complexo de inferioridade.

O resultado foi que ela passou do estado de inconsciência para um de seus sonhos de poder da infância.

No sonho, ela se viu ainda no trem, pronta para salvar a srta. Froy. Os corredores tinham centenas de metros de comprimento, de modo que ela demorou séculos para cobrir a distância do que se passava num minuto. O médico e uma multidão de passageiros tentavam impedir sua passagem, mas ela só tinha de empurrar seus rostos, que se dissolviam como fumaça.

Ela estava derrubando todos eles indiscriminadamente quando foi despertada pelo berro da locomotiva. Gritos e luzes repentinas disseram-lhe que eles estavam chegando em Trieste.

Na mesma hora ela se levantou, meio acordada e meio sonhando, e caminhou diretamente até a próxima cabine.

Sua atitude pegou todos de surpresa. Ninguém esperava que fizesse isso, pois todos acreditavam que ela estava dormindo. O médico e o chofer disfarçado estavam olhando pela janela, observando a chegada da ambulância. Mas Hare, que conversava com o condutor, a viu entrar e tentou detê-la violentamente.

Era tarde demais. Ela ainda estava sob a influência do sonho de poder e certa de sua imunidade, o que a elevou acima do medo das consequências – Iris correu na direção da doente e arrancou-lhe as ataduras do rosto.

O médico cometera um erro fatal com seu palpite infeliz de dar a ela aquele sonífero. Se ela tivesse cumprido sua ameaça de procurar a Embaixada, seria recebida com incredulidade e delongas. Mas o medicamento havia lhe dado a coragem de fazer o impossível.

Quando o amontoado de curativos se rompeu e saiu pendurado nos dedos de Iris como uma estrela do mar, Hare prendeu a respiração horrorizado. Em seguida, o condutor atrás dele deu um assovio de surpresa quando, em vez de jorros de sangue e de um rosto mutilado em carne viva, revelou-se a pele intacta e avermelhada de uma mulher de meia idade. Iris reconheceu-a com um grito abafado.

“Srta. Froy!”

# CAPÍTULO 33

---

## O arauto

Dois dias depois, Iris estava na plataforma da Estação Victoria, observando a dispersão dos passageiros. As primeiras pessoas a saírem foram as srtas. Flood-Porter. Confiantes de que teriam um tratamento preferencial, mantinham-se à distância com a expressão satisfeita, enquanto um cavalheiro influente, com um tom de voz respeitável e uma técnica infalível com os oficiais, falava em voz alta e passava com a bagagem delas pela Alfândega.

Antes, por engano, haviam olhado para Iris, mas estavam preocupadas demais para cumprimentá-la. Elas haviam chegado à Inglaterra, onde a moça saía de suas vidas.

As duas foram muito agradáveis, no entanto, quando a sra. Barnes se aproximou para se despedir. Seu rosto estava radiante com a felicidade do telegrama que recebera em Calais.

"RESFRIADO DE GABRIEL QUASE CURADO BEM DE NOVO."

Embora estivesse impaciente para se encontrar logo com o filho em casa, ela parou um instante para ouvir a última fofoca das irmãs.

"Não achou *peculiar* o que aconteceu com os recém-casados?", perguntou a mais velha. "Eu sei que ele não estava no trem para Veneza, porque olhei. E ela desceu em Milão sozinha."

"Sim", assentiu a sra. Barnes. "Sei que meu marido vai me odiar por dizer isso, mas será que eles eram mesmo casados?"

"É claro que não", zombou a srta. Rose. "Estou especialmente feliz por não termos nos envolvido com eles. Se depois houvesse uma ação de divórcio, *nós* seríamos chamadas como testemunhas."

"Exatamente", concordou a irmã. "Isso só mostra como devemos ter cuidado quando estamos no exterior. Nós sempre nos mantemos fiéis à regra de *nunca* nos meter na vida dos outros."

Iris sorriu um pouco amargurada como reação ao tom virtuoso e convicto da voz delas. Ela se lembrou do que sofrera como resultado do imponente isolamento das irmãs. Dando de ombros, ela virou as costas para a despedida afetuosa e observou os longos e delgados raios brancos que, como uma miríade de holofotes, emanavam do sol e atravessavam o teto de vidro esfumaçado.

Embora ainda estivesse trêmula, sentia-se cheia de vida e de energia – feliz por estar de volta, feliz por estar viva. Enquanto Hare vigiava as pilhas de bagagens, Iris repassou mentalmente toda a viagem. Suas memórias estavam nubladas, cheias de lacunas.

Houve um blecaute em Trieste, quando ela desmaiou completamente e só foi se dar conta do que a cercava na escuridão do trem italiano. Alguém, com olhos negros e brilhantes, cuidava dela, enquanto Hare entrava e saía. Ela dormiu a maior parte do tempo, mas sempre que acordava, sabia que estava feliz.

O vagão estava cheio de outros passageiros, todos gritando, fumando e gesticulando. Ela não conseguia entender nenhuma palavra, mas se sentia em sintonia com todos eles. Havia uma felicidade plena no mundo com a perspectiva de que todos teriam reencontros alegres. As barreiras da língua caíam por terra, de modo que ali as pessoas não eram de nacionalidades estrangeiras, mas cidadãs do mundo, unidas por um sentimento comum.

Pela manhã ela descobriu mais uma passageira na cabine – uma mulher comum, de meia-idade, com o rosto levemente enrugado e olhos azuis intensos.

Iris deu um grito de felicidade enquanto a abraçava.

“Srta. Froy! Que crueldade da senhora me dar tanto trabalho... Oh, minha querida, minha querida.”

Apesar da alegria do reencontro, a troca dos estrangeiros italianos pela srta. Froy não se mostrou muito boa. Seu cuidado excessivo, sua risada alta e estridente e sua tagarelice incessante tornaram-se tão cansativos que Hare tinha de usar de artimanhas para dar a Iris alguns intervalos de descanso.

Mas apesar de todas as desvantagens, sua viagem teve uma atmosfera de grande aventura e esperança. O vento parecia soprá-

los adiante quando cruzaram as planícies da França. Tudo se movia com eles – o vapor contínuo e as nuvens vibrantes. Os campos vastos e o céu branco nadavam na luz, como se eles estivessem navegando por um país mágico.

Embora Iris estivesse melhor, Hare se recusava a responder as perguntas de Iris.

“Em Londres eu conto”, dizia ele.

Quando ele chegou carregando a mala de Iris devidamente identificada, ela o lembrou da promessa que fizera.

“Não consigo esperar nem mais um minuto”, disse ela.

“Muito bem”, concordou ele. “Sente-se.”

Agachada junto a um carrinho de bagagem e fumando um cigarro atrás do outro, ela ouviu a história.

“Foi tudo muito tranquilo. Não teve briga, nem nada. O condutor foi um herói. Ele sabia exatamente o que fazer, e o médico e as duas enfermeiras o obedeceram como cordeirinhos. Veja só, eles provavelmente serão acusados apenas de tentativa de sequestro.”

“O que aconteceu com a baronesa?”, perguntou Iris.

“Saiu ilesa e por cima de tudo, como se tivesse duas vezes a própria altura. Sem ter nenhuma relação com o vagão adjacente... na verdade ela mexeu seus pauzinhos e conseguiu liberar todo mundo. Artimanhas secretas, você sabe.”

Iris não deu a menor importância ao destino deles.

“E o que os outros disseram quando ouviram falar da srta. Froy?”, perguntou, ansiosa. “Afim de contas, eu estava certa – eu era a única sensata da história.”

“Para ser bem honesto”, disse Hare, “entrou num ouvido e saiu pelo outro. Quase não chegamos a tempo em Veneza, e parte da bagagem das srtas. Flood-Porter tinha ficado para trás. Elas estavam tão apavoradas que se deixaram abater. E a esposa do pároco estava preocupada com ele”.

“E o professor?”

“Bom, ele é do tipo que não gosta que provem que ele está errado. Quando viu a srta. Froy andando de um lado para o outro como uma criança de dois anos, ele achou que tudo tinha sido um exagero. Eu o ouvi dizendo para a srta. Evelyn: ‘As pessoas

geralmente acham o que procuram. Não concebo uma coisa dessas acontecendo com a srta. Rose'."

"Nem eu... Todos parecem estar se despedindo. E aí está a srta. Froy."

Hare se afastou rapidamente a tempo de evitar a pequena senhora. Ela parecia maravilhosamente bem e rejuvenescida depois daquela experiência horrível.

Apesar de se irritar com o toque daquelas mãos secas e duras, Iris sentiu uma pontada de remorso agora que a despedida estava próxima.

"Vou parar em Londres durante algumas horas", disse a srta. Froy. "Selfridges, minha querida. Apenas um passeio. O máximo."

Ela olhou para Hare enquanto ele chamava o táxi e baixou o tom de voz.

"Estou pensando na história que vou contar em casa. Mamãe vai ficar *impressionada*."

"Mas você acha que é sábio contar para eles?", opôs-se Iris. "Na idade deles, pode ser um choque."

"Ah, não me diga isso." A srta. Froy balançou a cabeça e deu para Iris aquela piscada conspiratória típica das adolescentes. "Vou poupar minha mãe *dessa*. Ela levaria um susto e não me deixaria voltar."

"Vai mesmo?", suspirou Iris.

"É claro. É bem provável que eu tenha de depor no julgamento. Parece que todas as coisas emocionantes só acontecem no exterior."

"Você é incrível... mas qual é a história que está bolando?"

De repente, a srta. Froy ficou mais jovem.

"É sobre você... e o seu romance. É verdadeiro?"

Só naquele instante é que Iris se deu conta de que era verdadeiro.

"Sim", respondeu ela. "Vou acompanhá-lo na próxima viagem."

"Então eu sou a primeira a lhe dar os parabéns. E, um dia, talvez você também possa me dar os parabéns... Agora eu preciso correr para mandar meu telegrama."

Pouco tempo depois, um telegrama foi recebido na pequena casa de pedras. O sr. e a sra. Froy o leram juntos, depois cada um o repetiu, em particular, para Sock.

“EM CASA ÀS 08H10 O MÁXIMO WINNIE.”

\*\*\*

Naquela noite, a sra. Froy parou diante da janela do quarto de Winnie. Embora não enxergasse de lá a estação, conseguia ver o reflexo âmbar de uma lâmpada de sinal através de uma brecha entre as árvores.

Tudo estava pronto para a volta da filha. A mesa estava posta na sala de jantar e decorada com vasos de dalias brancas e flores de cenoura pintadas de vermelho. As bolsas de água quente foram retiradas da cama. O lampião raramente usado estava aceso na entrada, e a porta da frente estava toda aberta, para que um feixe de luz cobrisse o caminho que atravessava o jardim, ladeado pelo verde dos musgos.

O jantar estava aquecido no forno. A sra. Froy sempre cozinhava salsichas e purê de batatas para a primeira refeição, acreditando erroneamente que aquele fosse o prato predileto de Winnie. Tinha sido há cerca de trinta anos, mas Winnie nunca teve a coragem de desiludir a mãe.

Lá fora estava escuro e silencioso. As estrelas brilhavam frias e o ar pungente carregava o cheiro das fogueiras outonais acesas ao ar livre. Até que, de repente, a quietude foi interrompida pelo apito de um trem distante.

A sra. Froy conseguiu ver sua aproximação por causa da nuvem avermelhada, brilhando acima dos olmos que escondiam a estação. Ela soube que o trem havia parado, porque a locomotiva ofegou e soltou bastante vapor.

Então sacolejou de novo, fazendo pairar uma dúvida. Será que o trem tinha trazido Winnie? Talvez ela tivesse perdido a conexão em Londres. Não dava para ver nada, nem ouvir nada, pois estava ficando surda e sua visão começava a falhar.

A escuridão à sua volta a deixava confusa e a enganava com promessas não cumpridas. Algumas figuras saíam das sombras, mas assim que seu coração saltava preparando as boas-vindas, elas voltavam para trás das árvores. Esforçava-se em vão para capturar o primeiro som das vozes – o tom grave do marido e o mais agudo e estridente da filha.

Enquanto ela prendia a respiração de ansiedade, em algum lugar, lá longe, um cachorro latiu. Depois latiu de novo, e de novo, numa animação frenética. Então, pelo portão aberto e até o caminho iluminado, apareceu a silhueta desajeitada de um cachorro grande, de pelo tosado, cabriolando como um filhote grande demais, dando piruetas no ar e pulando na própria sombra, tropeçando em si mesmo por causa da pressa.

Era o arauto que se adiantava, levando a notícia de que sua jovem dona tinha voltado para casa.

## Sobre a autora

Ethel Lina White nasceu em Monmouthshire, Inglaterra, em 1876. Trabalhou durante alguns anos para o governo, no extinto Ministério de Pensões de Londres, e, em 1920, começou a escrever romances, estreando com *The Wish-Bone* (1927). Publicou outros dois livros antes de passar a se dedicar exclusivamente aos gêneros *thriller* e mistério, com os quais viu sua popularidade aumentar nos quatorze anos seguintes.

Em 1936, White publicou *The Wheel Spins*, cujos direitos foram adquiridos pela companhia Gaumont-British para ser transformado em filme, sob o título *The Lost Lady*. O jovem diretor irlandês Roy William Neill foi escolhido pelo produtor Edward Black, e uma equipe foi enviada para a Iugoslávia para fazer filmagens para as projeções de fundo. No entanto, quando a polícia local descobriu acidentalmente que havia sido retratada de modo pouco elogioso no script, a equipe foi expulsa do país, e Black arquivou o filme. Um ano depois, o projeto caiu nas mãos de Alfred Hitchcock. O diretor normalmente se mostrava contrário a assumir projetos que já tinham estado nas mãos de outros diretores, mas a história parecia pedir passagem para as telas. O resultado foi *A dama oculta* (*The Lady Vanishes*, 1938), que é geralmente considerado como o auge do período britânico de Hitchcock.

White escreveu mais oito *thrillers*, terminando com *They See in Darkness*, publicado no ano de sua morte, aos 68 anos. Houve então uma agitação no meio cinematográfico em torno de seus

livros, e seu romance *Midnight House* foi adquirido pela Paramount Pictures – o filme resultante foi intitulado *Medo que domina* (*The Unseen*, 1945), cujo roteiro tem coautoria de Raymond Chandler.

Ethel Lina White morreu em 13 de agosto de 1944, dia em que Alfred Hitchcock completou 45 anos de idade.

Copyright © 2016 Editora Nemo/Vestígio

Título original: The Wheel Spins

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

*Arnaud Vin*

EDITOR ASSISTENTE

*Eduardo Soares*

PREPARAÇÃO

*Eduardo Soares*

CAPA

*Diogo Droschi*

*Carol Oliveira*

DIAGRAMAÇÃO

*Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara  
Brasileira do Livro, SP, Brasil**

White, Ethel Lina

A dama oculta / Ethel Lina White; tradução Rogério Bettoni.  
-- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2016.

Título original: The Wheel Spins  
ISBN 978-85-8286-291-9

1. Ficção inglesa 2. Ficção policial e de mistério  
I. Título.

16-02975

CDD-823.0872

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção policial e de mistério : Literatura  
inglesa 823.0872

A **vestígio** é uma editora do **Grupo Autêntica**



### **São Paulo**

Av. Paulista, 2.073,  
Conjunto Nacional, Horsa I  
23º andar . Conj. 2301 .  
Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

### **Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420  
Silveira . 31140-520  
Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3465 4500

### **Rio de Janeiro**

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080  
Rio de Janeiro . RJ  
Tel.: (55 21) 3179 1975

[www.editoravestigio.com.br](http://www.editoravestigio.com.br)



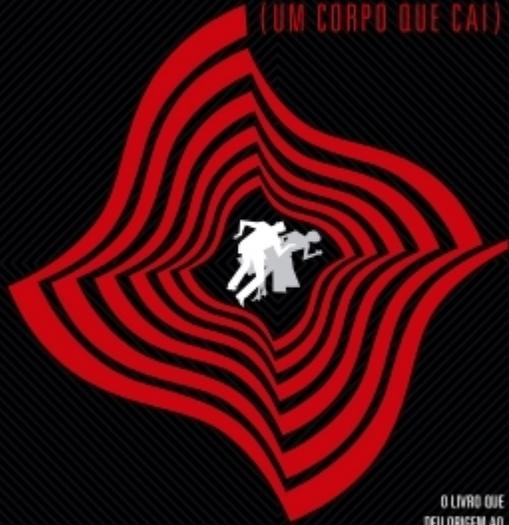
# **Estrada dos livros**

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

BOILEAU-NARCEJAC

# VERTIGO

(UM CORPO QUE CAI)



O LIVRO QUE  
DEU ORIGEM AO  
CLÁSSICO DO  
MESTRE DO SUSPENSE

COLEÇÃO  HITCHCOCK

# Vertigo

Narcejac, Boileau

9788582862902

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

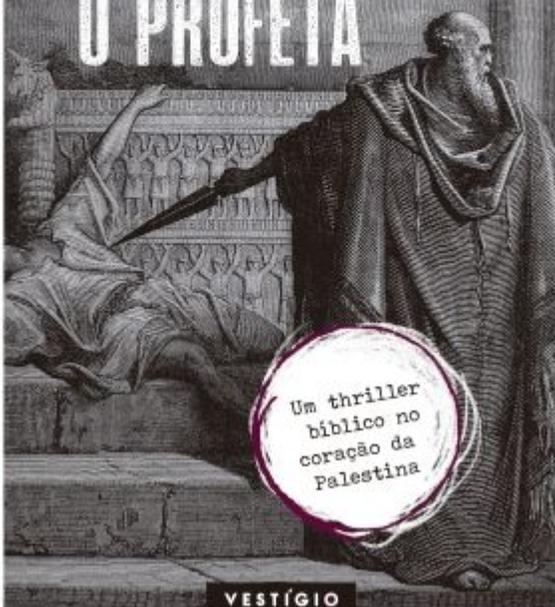
Encarregado por um antigo colega de seguir sua jovem e bela mulher, o detetive Flavières logo se vê perdidamente apaixonado pela moça. Essa impropriedade não o impede de investigar os temores de seu amigo Gévigne a respeito da esposa: suas ausências, seus mistérios, uma melancolia que a leva a olhar para as águas do Sena por horas a fio... Nenhum amante, nenhuma simulação, nenhuma doença. Apenas uma estranha relação com a bisavó, morta em circunstâncias terríveis e a quem a jovem Madeleine não chegou a conhecer... Um clássico de Pierre Boileau e Thomas Narcejac, especialistas na arte de conduzir a trama – e o leitor – até onde menos se espera.

Este instigante e sinistro roman noir foi adaptado por Alec Coppel e Samuel A. Taylor e filmado por Alfred Hitchcock em 1958. Um corpo que cai é considerado um dos melhores filmes de todos os tempos.

[Compre agora e leia](#)

**GUILLAUME PRÉVOST**

# O ASSASSINO E O PROFETA



Um thriller  
bíblico no  
coração da  
Palestina

VESTÍGIO

# O assassino e o profeta

Prévost, Guillaume

9788582860922

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jerusalém, ano 6 d.C. As legiões romanas estão na Cidade Santa. Sacrilégio para os judeus... Enquanto os dirigentes religiosos divergem sobre a conduta a adotar diante do invasor, o chefe dos fariseus é assassinado a sete dias da Páscoa. Costurado em sua boca, um estranho pergaminho anuncia uma terrível punição divina contra Israel. Os principais suspeitos são os saduceus, seus rivais por mais de um século.

Algumas horas depois, o chefe dos saduceus, o sumo sacerdote do Templo, também é assassinado. Em sua boca, a continuação da profecia: a vinda do Salvador ou o caos. Nem fariseu nem saduceu:

quem é o assassino? De onde vem essa perturbadora profecia?

Fílon de Alexandria, jovem filósofo judeu, lança-se nos rastros do misterioso assassino. Ele tem apenas sete dias para impedir o impensável: um crime que poderia mudar a História.

Das suntuosas cerimônias do Templo às infames masmorras da legião romana, um thriller de tirar o fôlego no coração de uma Palestina ardente e atormentada.

Do mesmo autor de Os sete crimes de Roma.

[Compre agora e leia](#)

ANDREA H. JAPP

# AMARGA VINGANÇA

Não há  
trégua  
para Diane  
Silver...

VESTÍGIO

# Amarga vingança

Japp, Andrea H.

9788582860984

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não há trégua para Diane Silver...

A profiler do FBI Diane Silver continua sua caça aos serial killers. Ela se associou a Rupert Teelaney - também conhecido como Nathan Hunter -, um dos homens mais ricos do planeta, para eliminar esses carrascos, protegendo assim suas futuras vítimas. Mas o que ela deseja, acima de tudo, é encontrar a mulher que conduziu sua filha Leonor, de onze anos, até seu torturador. Diane sabe, no entanto, que, aliando-se a Nathan/Rupert, escolheu o caminho da ilegalidade, da extrema solidão.

Enquanto isso, em Paris, Yves Guéguen tenta

proteger Sara Heurtel, cuja filha satanista foi assassinada por Nathan nos Estados Unidos. Na zona rural de Boston, uma cena digna dos piores pesadelos é descoberta em uma encantadora casa de campo, cujo porão foi transformado em um calabouço onde jazem três cadáveres. Diane tem agora uma nova presa, um novo predador a caçar.

[Compre agora e leia](#)

LOTTE & SØREN HAMMER

# A FERA INTERIOR

Podemos  
fazer justiça  
com as  
próprias  
mãos?

VESTÍGIO

# A fera interior

Hammer, Søren

9788582860021

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

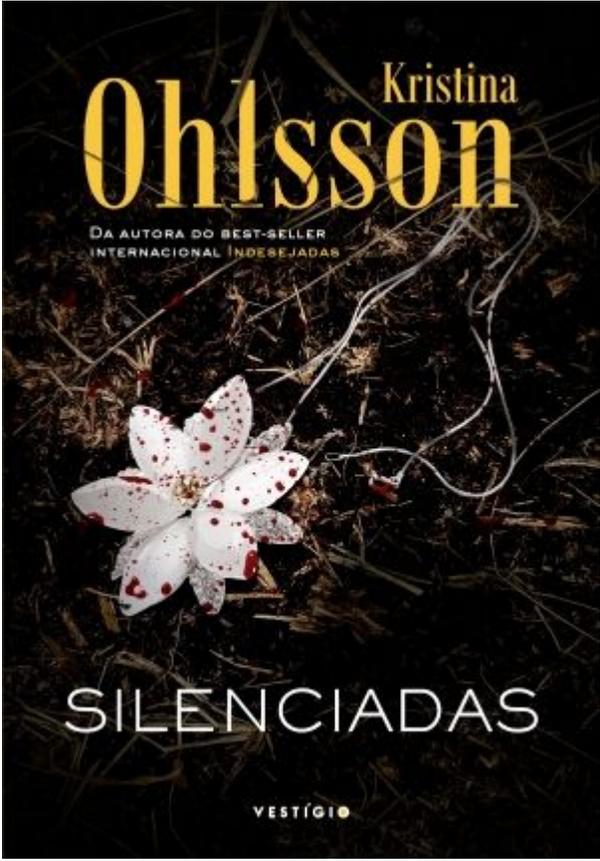
Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Cinco corpos masculinos mutilados - castrados - e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece...

Neste primeiro romance, intenso e cativante, Lotte e Søren Hammer constroem uma intriga milimétrica e engenhosa sobre um assunto ainda tabu na

Dinamarca, a pedofilia. Pintando o retrato de uma opinião pública que toma partido dos assassinos, os autores levam o leitor a questionar suas próprias certezas éticas.

[Compre agora e leia](#)



Kristina  
**Ohlsson**

DA AUTORA DO BEST-SELLER  
INTERNACIONAL INDESEJADAS

**SILENCIADAS**

VESTÍGIO

# Silenciadas

Ohlsson, Kristina

9788582862711

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quinze anos atrás: uma adolescente é surpreendida enquanto colhia flores para a celebração do solstício de verão e brutalmente violentada. No presente, um homem é morto em um atropelamento. Ele não tem nenhuma identificação e não é reportado como desaparecido. Ao mesmo tempo, um sacerdote e sua esposa são encontrados mortos em um aparente duplo suicídio. Fredrika Bergman, juntamente com a equipe de investigação de Alex Recht, é encarregada de casos aparentemente desconexos. A investigação leva a uma rede de contrabando de pessoas: um novo agente a operar rotas de imigração ilegal a partir de Bangkok, Tailândia. À medida que a polícia desmantela o

esquema, começa a se revelar uma trilha que remonta à década de 1980, a um crime não denunciado, mas cujas consequências irão muito além do que qualquer um poderia esperar.

[Compre agora e leia](#)